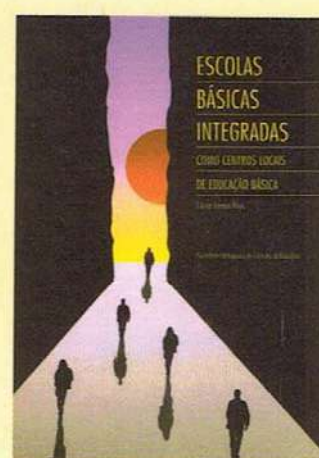


Investigar

Julho 2002
Volume 1, n.º 1

em Educação

Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação



SOCIEDADE PORTUGUESA
DE CIÊNCIAS
DA EDUCAÇÃO

DIRECTORA

Maria Teresa Estrela

CONSELHO EDITORIAL

António Gomes Ferreira

João Pedro da Ponte

Licínio C. Lima

Maria Clara Ferrão Tavares

Maria Isabel Martins

Marina Serra de Lemos

Rui Canário

CONSELHO CONSULTIVO DESTE NÚMERO

Carlinda Leite

Licínio C. Lima

Maria Teresa Estrela

Steve Stoer

APOIO EDITORIAL

Marília Sousa Rocha

PROPRIEDADE

Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação

CAPA

Arranjo Gráfico de Fernando Albuquerque Costa

MONTAGEM E IMPRESSÃO

Gráfica 2000

R. Sacadura Cabral, 91-A

1495-703 Cruz Quebrada

PERIODICIDADE

Anual

TIRAGEM

1000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

N.º 185095/02

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Apoio do Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III

Investigar em Educação

Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação



SOCIEDADE PORTUGUESA
DE CIÊNCIAS
DA EDUCAÇÃO

NOTA DA DIRECÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Desde 1990, ano da sua fundação, que a Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação pretende publicar uma revista científica que dê voz e seja testemunho de questões centrais das Ciências da Educação em Portugal. Esse foi desiderato das direcções presididas pelos Professores Bártolo Paiva Campos e Ribeiro Dias e da direcção imediatamente anterior à actual. Dificuldades várias não permitiram, no entanto, a sua concretização. Por isso, é com muita satisfação que a actual direcção anuncia o aparecimento da revista *Investigar em Educação*, publicação que pretende ocupar um espaço próprio entre as revistas de Ciências da Educação existentes entre nós. Espaço que corresponde às grandes sínteses sobre a evolução e a situação actual das Ciências da Educação. O empenho e a competência dos que trabalharam na realização deste 1º número (directora, conselho editorial, autores, consultores, secretariado) constituem a melhor garantia do seu bom acolhimento pelos nossos associados (e pelas entidades científicas), a quem ela se destina.

Pela Direcção

Albano Estrela
(Presidente)

EDITORIAL

Maria Teresa Estela	9
---------------------------	---

1. EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE SOCIO - CULTURAL

Mergulhando no arco-íris sócio-cultural

Luiza Cortesão, Alexandra Sá Costa, Lurdes Rodrigues e Rui Trindade	19
---	----

Há já lugar para algum mapeamento nos estudos sobre Género e Educação em Portugal – uma tentativa exploratória

Helena Araújo	101
---------------------	-----

A Relação Escola-Família

Adelina Villas-Boas	147
---------------------------	-----

2. INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA

A Indisciplina na Escola – Uma revisão da investigação

João Amado, Isabel Freire	179
---------------------------------	-----

3. TEMAS CURRICULARES

Notas para uma síntese de uma década de consolidação dos estudos curriculares

José Augusto Pacheco	227
----------------------------	-----

4. ESTUDOS SOBRE A ESCOLA

A investigação sobre a escola: contributos da Administração Educacional

João Barroso	277
--------------------	-----

Desde o início da sua criação, em 1990, que a Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE) pretendeu constituir - se em forum de divulgação e debate da investigação realizada pelos seus associados. Os encontros científicos que tem promovido e as publicações deles decorrentes têm contribuído para conferir visibilidade social à investigação que se faz no domínio da Educação, visibilidade a que a instituição do Prémio Rui Grácio, atribuído anualmente, trouxe o toque de excelência. A criação de uma revista científica pela SPCE constitui mais um contributo para a divulgação do que se faz no nosso país em termos de investigação educacional. O desiderato dessa criação não é novo, mas só agora a Sociedade conseguiu reunir as condições necessárias para passar das intenções à acção, o que exigiu a conjugação de esforços e boa - vontade de todos os que tornaram possível a publicação deste primeiro número.

O momento da publicação da revista não poderia ser mais oportuno. Ela constitui uma resposta - talvez a melhor resposta ou a única resposta possível - à situação actual, em que as Ciências da Educação se vêem alvo de ataques de diversa ordem, provenientes de alguns sectores do público. E se os ataques não são novos, a aliança implícita de quem os promove e o primarismo da sua argumentação ou a ausência dela é que talvez o seja.

É certo que na constituição e desenvolvimento das Ciências da Educação existem alguns pontos sensíveis que exigem ser devidamente consciencializados e acautelados pelos investigadores de forma a evitar a sua vulnerabilidade.

Institucionalizadas como área académica em diversos países em momentos diferentes, estas ciências nasceram sob o signo da ambiguidade. Ambiguidade epistemológica provocada pela passagem do singular de Ciência de Educação, que se pretendeu constituir em meados do século XIX e princípios do século XX, ao plural de Ciências de Educação, originando um problema de autono-

mia e de identidade disciplinar que não se pode escamotear; ambiguidade ligada à natureza do seu campo onde se imbricam teoria e prática, fenómenos e valores, intenções e práticas, racionalidade e afectividade, positividade e ideologia e se reflecte numa fragmentação paradigmática em que as necessidades de procura de prova e de procura de sentido se confrontam antinomicamente e levam a ansiar por uma superação dialéctica que dê conta da complexidade do real e dos níveis de inteligibilidade que essa complexidade comporta; ambiguidade identitária dos investigadores divididos entre o grupo de pertença de Ciências de Educação e o grupo de referência das Ciências de onde muitos deles provêm ou de que são tributários. Recebidas com desconfiança em alguns sectores da instituição universitária que duvidam da sua cientificidade e temem a sua influência, aproveitadas, segundo as conveniências, pelos poderes públicos como instrumento de legitimação de decisões políticas e dos desígnios que elas servem, acusadas, por vezes, de muitos dos descabimentos do sistema de ensino (os males do planeta provirão da física, da química e da economia ou da utilização errada do conhecimento produzido por parte de quem detém o poder de o instrumentalizar e pôr ao serviço dos seus fins e interesses?), acusação que os media amplificam, demagógica e acriticamente, como se o insucesso escolar não tivesse acompanhado desde sempre o aumento da população escolar e da sua heterogeneidade e como se as escolas fossem ilhas isoladas da sociedade que as cria e mantém e dos desequilíbrios de toda a ordem que a atravessam; atacadas, ainda, por aqueles que falam do «eduquês» mas não questionam o «economicês», «medicinês», o «direitês» ou o «engenhariês», as Ciências da Educação em Portugal, tal como em muitos outros países europeus, têm percorrido um caminho de difícil afirmação. No entanto elas têm-se vindo a afirmar pouco a pouco, vencendo as condições, por vezes bem adversas, da sua produção e estando atentas às mudanças sociais e educativas. Mudanças cujo sentido pretendem influenciar, através da construção de novas grelhas de leitura do real, susceptíveis de induzir princípios orientadores de uma acção fundamentada, ou através da avaliação rigorosa dos efeitos de intervenções construídas pelos investigadores, muitas vezes em parceria com outros actores educativos, a partir da análise cuidadosa e metodologicamente orientada de situações educativas.

Assim se foi construindo um corpus evolutivo de conhecimentos, dentro da pluralidade disciplinar para a qual a expressão «Ciências da Educação» remete e dentro de uma pluralidade de paradigmas e métodos correspondendo

a opções orientadas por convicções, embora fundamentadas e legitimadas, dos investigadores.

Ao circunscreverem critérios de pertinência e de validade da investigação, essas opções originam abordagens e percursos investigativos sem dúvida diferentes. Mas, ao serem orientados por regras metodológicas próprias, permitem diferenciar o conhecimento científico, assim obtido, do conhecimento do senso comum, mesmo quando aquele se limita a tomar este como objecto e a originar, na expressão de Shutz (*Le chercheur et le quotidien*,), « construções de 2ª ordem » ou « construções de construções edificadas pelos actores na cena social », neste caso na cena educativa. O conhecimento elaborado pelos investigadores das Ciências de Educação, inserindo-se em opções paradigmáticas diferentes, tem produzido grades diferentes de leitura do real cuja validade e coerência só pode ser avaliada dentro do paradigma em que se inserem, excluindo, portanto, qualquer atitude maniqueísta que leve a ignorar ou a invalidar *a priori* todos os estudos que não se insiram no paradigma aceite por cada um de nós como mais legítimo.

É, pois, dentro de uma atitude de abertura paradigmática e de respeito pelas opções legitimadas dos investigadores que a revista da S.P.C.E. pretende orientar-se e é essa atitude que gostaríamos de ver reflectida nos artigos nela publicados. Só essa atitude permitirá dar conta da pluralidade da investigação que se faz em Portugal.

A revista *Investigar em Educação* não pretende ser apenas mais uma revista a concorrer com algumas boas revistas existentes em Portugal. Ela pretende ocupar um espaço próprio, até aqui inexistente no nosso país: o de fazer anualmente a síntese da investigação publicada nos anos anteriores à publicação de cada número da revista, em domínios em que ela tenha sido significativa em termos de volume, relevância social ou inovação temática. Pensamos contribuir assim para superar uma lacuna manifesta na investigação portuguesa em Ciências de Educação: os investigadores dão prova de conhecimento do que se faz no estrangeiro em termos de investigação nas suas áreas de interesse, mas nem sempre o fazem do mesmo modo relativamente à informação do que se faz entre nós.

Em parte inspirada num formato existente noutros países, a revista assenta no convite a investigadores idóneos ligados às áreas temáticas de que se pretende fazer o ponto da situação e introduz a figura do consultor, colega especialista da área, que desempenha o papel de « conselheiro e

recurso» e avaliza, juntamente com o Conselho Editorial, a publicação do artigo.

A organização da investigação à volta de temas e não de áreas disciplinares deve-se a uma opção do Conselho Editorial. Se, por um lado, essa opção comporta o que pode ser considerado um risco de esbater as fronteiras disciplinares entre as Ciências de Educação e outras ciências sociais que o próprio título da revista – *Investigar em Educação* – legitima, por outro lado salvaguarda-se a visão multidisciplinar e multirreferencial que a natureza do campo educativo postula. Visa-se, assim, contribuir para a construção da desejável e necessária interdisciplinaridade, ideia tão sedutora a nível de discurso quanto difícil de realizar na prática. Esperamos ainda que esta organização temática facilite a eventual aproximação dos investigadores que, com ópticas disciplinares diferentes, se debruçam, contudo, sobre a mesma problemática.

Numa época marcada por reformas e inovações curriculares, é natural que os estudos sobre o currículo, em grande parte impulsionados pela existência de mestrados que os contemplam, assumam um lugar importante na investigação educacional. Por isso, José Augusto Pacheco traça a panorâmica de uma década de estudos curriculares em Portugal, enquanto área específica do conhecimento que «abarca os aspectos relacionados com a teorização do currículo, os pressupostos que o legitimam e as componentes que o operacionalizam». Dada a necessidade de um questionamento permanente que leve a novas reconstruções, J.A. Pacheco prevê que a década há pouco iniciada dê um novo impulso à investigação na área do currículo. Esperemos que este artigo constitua um incentivo e um factor facilitador desse desenvolvimento.

Se as inovações curriculares poderão ser entendidas como respostas a novas necessidades sociais e necessidades de actualização suscitadas pelo progresso científico em áreas de conhecimento valorizadas pela escola, poderão ser igualmente interpretadas como tentativas renovadas de adaptação da escola à heterogeneidade da sua população discente. Tentativas de antemão votadas a um sucesso sempre relativo, porquanto a montante dessas inovações há factores de ordem social que comprometem a sua concretização. Com efeito, se eles não forem contemplados, de forma a serem neutralizados ou atenuados, por medidas adequadas de política social e educativa, a escola continuará condenada a contradizer o ideal de uma escola democrática. Isto é, de uma escola

que garanta a igualdade de oportunidades de acesso e sucesso para todos, para a qual a Lei de Bases do Sistema Educativo aponta.

Os três artigos seguintes convergem no sentido de permitir uma tomada de consciência de alguns factores socio-culturais que condicionam a construção de uma educação democrática que respeite toda a ordem de diversidades.

Assim, apresentando o sugestivo título « *Mergulhando no arco-íris socio-cultural* » o artigo de Luiza Cortesão, Alexandra Sá Costa, Lurdes Rodrigues e Rui Trindade começa por contextualizar historicamente o problema da diversidade socio-cultural existente na sociedade portuguesa, pondo em causa alguma ideias feitas, para, em seguida, passar em revista quadros teóricos que traduzem olhares diferentes sobre a diversidade. Ao fazerem um levantamento minucioso dos estudos portugueses que podem contribuir para uma leitura crítica do problema da diversidade no campo educativo, os autores pensam contribuir também para encontrar formas de intervenção que permitam a inserção de todos os alunos num mundo cada vez mais exigente em termos de conhecimento, sem que isso seja feito « à custa de uma desvalorização das raízes culturais dos grupos minoritários e da exclusão dos que terão mais dificuldades em cumprir os processos de recontextualização exigidos pela escola ». O artigo concluiu com sugestões para a construção de uma cartografia neste domínio.

Situando-se ainda dentro do problema da diversidade, agora relativo ao género, Helena Araújo, com o artigo « *Há já lugar para um mapeamento nos estudos sobre género e educação em Portugal? – Uma tentativa exploratória* » prossegue um triplo objectivo: identificar, neste domínio de estudos, linhas de força e problemáticas mais desenvolvidas; identificar rupturas teóricas e epistemológicas; contribuir para o mapeamento (conceito cuja conotação explícita e defende como ferramenta de análise), dos estudos sobre o género em Portugal. Se o campo escolar é central na sua análise, o campo educativo não formal ou não escolar não é, no entanto, esquecido. Uma reflexão final sobre a investigação inventariada sublinha, entre outros aspectos, a necessidade de reestruturar a teorização das relações do género dentro de um novo paradigma da inter-subjectividade.

Ainda dentro da perspectiva da construção de uma escola democrática que contemple a diversidade socio-cultural, no artigo intitulado « *A relação escola – família. Analisando perspectivas...desenvolvendo parcerias...* », Maria Adelina Villas-Boas, apoiando-se na investigação existente cujas linhas iden-

tifica, dá achegas para atacar os obstáculos que impedem a boa relação entre pais e professores e incentivar a participação daqueles, mas também para sensibilizar e formar os pais mais desfavorecidos para poderem acompanhar a vida escolar dos seus filhos. A garantia de igualdade de oportunidades de acesso e sucesso na escola passa, sem dúvida, pela criação de condições idênticas de participação de todos os pais na vida da escola, independentemente do seu nível socio-cultural e etnia.

Em parte ainda em relação com descontinuidades culturais entre a escola e a família, mas correspondendo a uma preocupação social cada vez mais sentida nas sociedades ocidentais que vêm aumentar progressivamente os fenómenos de indisciplina e violência nas escolas, por vezes de forma dificilmente controlável, os estudos sobre a indisciplina escolar, iniciados em Portugal na década de oitenta, pretendem caracterizar as situações de indisciplina e determinar a sua etiologia, sendo ainda poucos os estudos baseados na intervenção e na avaliação rigorosa dos seus efeitos. Deste estado da questão dá-nos conta o artigo de João Amado e Isabel Freire intitulado « *A indisciplina na escola – uma revisão da investigação portuguesa* ». Começando por distinguir as linhas disciplinares da investigação existente, os autores organizam a informação recolhida à volta dos dois principais actores do acto pedagógico – aluno e professor.

Além de caracterizarem as representações e comportamentos de uns e outros que se relacionam com a disciplina, detalham minuciosamente os factores que os podem influenciar, apontam possíveis vias de desenvolvimento da investigação e concluem pela necessidade de integrar a problemática da disciplina escolar na problemática mais ampla de formação para a cidadania.

Se os trabalhos de investigação que motivaram os artigos anteriormente referidos têm como campo de estudo diferentes aspectos da realidade educativa escolar, eles não estudam, contudo, a escola na sua globalidade, quer seja considerada como instituição, organização ou sistema social.

Talvez paradoxalmente, à antiguidade da escola contrapõe-se a modernidade do labor científico que a toma como objecto de estudo. Isto é, segundo nos diz João Barroso, « como um objecto social com uma identidade própria ». Examinar a investigação sobre a escola à luz dos contributos dados pela pesquisa realizada no âmbito da Administração Educacional e enquadrar a investigação portuguesa nas linhas de evolução da investigação internacional neste domínio, são os objectivos principais do artigo elaborado pelo citado

autor. Para isso, reflecte sobre o estatuto epistemológico da Administração Escolar enquanto área científica e sobre as suas relações com as Ciências da Educação. Evoca a seguir os quadros teóricos e metodológicos que têm sustentado a investigação num domínio que, em Portugal, é objecto de crescente investigação e de procura de formação. O título do artigo «*A investigação sobre a escola: contributos para a Administração Educacional*» expressa bem o teor da abordagem realizada pelo autor.

Sendo intuito do Conselho Editorial melhorar progressivamente a revista, estamos abertos a receber sugestões. O *feedback* dos Colegas será para nós muito importante, ajudando-nos a construir uma revista cada vez mais adaptada às necessidades de desenvolvimento das Ciências da Educação e, desse modo, à melhoria da educação em Portugal.

1. Educação e diversidade sócio-cultural

Consultor dos artigos: Steve Stöer

Consultor dos artigos: Steve Stoer

MERGULHANDO NO ARCO-ÍRIS SÓCIO-CULTURAL

Contributo para o conhecimento dos trabalhos sobre educação e diversidade em Portugal¹

Luiza Cortesão
Alexandra Sá Costa
Lurdes Rodrigues
Rui Trindade

RESUMO

Neste trabalho procurou-se reunir dados que contribuam para o conhecimento do tipo de quantidade de trabalhos que, nos últimos 15 anos, foram produzidos em Portugal sobre questões de diversidade e educação. Começa-se por se proceder a uma breve revisão de diferentes perspectivas de análise de situações de diversidade. Em seguida, e apesar do confronto com várias limitações que se foram sendo apontadas no texto, procurou-se identificar que publicações não periódicas, artigos em revistas e teses têm vindo a ser produzidas sobre estas temáticas, neste período de tempo. No final, procurou-se fazer uma breve síntese dos dados recolhidos e propõe-se, a título de exemplo, uma carta para análise de trabalhos que se possam realizar neste campo de pesquisa.

Palavras-chave: Heterogeneidade sócio-cultural/Multiculturalidade invertida/Educação e diversidade/Gestão da diversidade/Discriminação e educação.

1. Contextualização histórica: os acontecimentos, os estudos

1.1. A heterogeneidade historicamente sempre presente, embora não reconhecida, na sociedade portuguesa

Por um lado perdeu-se já no tempo, e portanto foi-se naturalizando, a ideia que, desde Celtas e Mouros se teceu e foi estruturando as nossas diversas

¹ Tratando-se este trabalho de uma revisão de estudos feitos nos últimos 15 anos o texto, com frequência, irá socorrer-se, directamente, de outras publicações anteriormente feitas.

origens. Por outro lado o estabelecimento de fronteiras que permanecem, desde há muito, inalteráveis, bem como, a comunicação que se faz através de uma língua única (embora com algumas variantes, geralmente pouco acentuadas) tudo isto constitui uma base suficientemente forte para que se tenha consolidado a convicção de que existe uma grande homogeneidade entre os portugueses.

O “outro-diferente” que é o estranho, sempre objecto de certa curiosidade, é o que pertence a “outra raça” bem distinta ou é, pelo menos, oriundo de outros lugares distantes. Esta questão foi, por exemplo, abordada num trabalho recente, que estudou diferentes épocas e diferentes situações em que Portugueses se confrontaram pela primeira vez com o “outro”, de raça diferente. E conseguiu-se então encontrar, nestas circunstâncias, uma presença bastante constante de sentimentos vários, às vezes conflituais: assim, em diversos lugares e em épocas distintas, foi possível identificar que, com frequência, parece apoderar-se dos portugueses (quando confrontados com esses “outros-estranhos”) sensações em que estes últimos poderão ser percebidos como “inferiores” “subdesenvolvidos”, “exóticos”, mas simultaneamente como “hábeis”, “obedientes”, “reconhecidos” até “generosos” e “dedicados” (cf. Mendonça, 2001)

1.2. O mito mais recente da homogenidade da sociedade portuguesa: a construção política e educativa da “multiculturalidade invertida”

Se se atender a que, desde há muito, os portugueses foram socializados neste reconhecimento de uma identidade comum (de que as “colónias”, no seu imaginário, eram, de certo modo, entidades pouco discutidas), fácil será de compreender que, quando, mais recentemente, e a propósito das questões surgidas com o “Império”, se tornou politicamente estratégico o reforço deste mito da homogeneidade (estendido agora aos territórios coloniais) tal ideia tenha impregnado, sem grande dificuldade, as subjectividades dos habitantes de Portugal continental.

De facto o que atrás foi referido parece tratar-se de um processo que se veio desenvolvendo, lentamente, desde há muito. Em 1933, Salazar já afirmava: *“As nossas Colónias deveriam ser as grandes escolas do nacionalismo Português. Por elas deveriam passar, obrigatoriamente, a maioria dos oficiais do Exército, todos aqueles em que é preciso manter o culto da Pátria e o orgulho da Raça. Para*

as comandar, para as administrar deveria escolher-se o melhor pessoal, o mais digno, o mais hábil e nunca o pior rebotalho da metrópole. Se queremos ser um grande país colonial, se queremos olhar Angola como um Portugal Maior, temos de mudar de processos de mentalidade, temos de ir para as nossas colónias como quem não sai da sua terra, como quem não sai para o estrangeiro... (Ferro, 1933:127-128)

O português (portanto também aquele que iria para as colónias “como quem não sai da sua terra”), o português que idealmente deveria habitar o território continental, seria manso, abúlico, controlável, trabalhador. Esse português é descrito por António Ferro no decurso de uma entrevista a Salazar, quando faz uma tentativa de apanhar o sentido das palavras deste último: “A sua aspiração, o seu sonho teimoso – perdoe-me se observo mal – é modificar, pouco o pouco, pacientemente, a nossa mentalidade, fazendo parar, bruscamente, as paixões dos homens, atrofiando-as, calando-as, forçando-nos temporariamente a um ritmo vagaroso, mas seguro, que nos faça descer a temperatura, que nos cure da febre...”

– Continue... – respondeu-me da sombra o dr. Salazar. Talvez esteja a caminho da verdade...” (Ferro, 1933:150)

Por vários processos, de entre os quais há que salientar o papel desempenhado pela educação, foi então sendo oferecido ao povo português um espelho onde se foi fabricando a imagem de um estado-nação uno, idealmente povoado por indivíduos todos idênticos, esforçados, agarrados a tradições, submissos, ordeiros, trabalhadores, espelho esse onde a população portuguesa era convidada a aceitar-se como retratada. Não terá sido assim difícil a algumas pessoas de diferentes classes sociais, de meios rurais e urbanos, lavradores e pescadores, letrados e não letrados, do continente e das ilhas, mesmo alguns dos que habitavam nas colónias, se conseguissem rever e reconhecer fundidos nessas imagem, nessas construção do estereótipo do “português”.

Quando a Lei Orgânica do Ultramar foi promulgada, em 1953, (lei que regulamentava relações com o “Ultramar”, conceito que foi criado para substituir o de “Colónias”), ela poderá ser considerada mais uma etapa da afirmação bem explícita da homogeneidade que, se desejava, deveria ser considerada existente em Portugal.

Foi-se consolidando portanto o processo da “interculturalidade invertida”, processo este que consiste na construção intencional do embotamento da sensibilidade à diferença (cf. Stoer, 1993).

E foi este embotamento progressivo que tem dado origem ao processo de construção do “daltónico cultural” (cf. Cortesão, 1998), hoje tão comum e visível em múltiplas situações de vida portuguesa. De facto, por exemplo, o polícia, o médico, o arquitecto, o professor, o enfermeiro, o assistente social, todos eles profissionais que se confrontam geralmente com um público crescentemente heterogéneo, geralmente olham e trabalham com ele, com um olhar bastante normalizador. Um olhar que pode classificar-se de “daltónico cultural” porque é pouco sensível ao arco-íris das culturas que realmente existe, e porque tudo decide em termos do que é ou não aceitável, em função do estereótipo do português padrão. (cf. Cortesão, *et al.* 2000)

Este estereótipo representa portanto tudo o que é considerado “normal”, sendo a diferença penalizada, porque perturba e inquieta as rotinas sociais e profissionais. (cf. Cortesão e Pacheco, 1991, Stoer e Cortesão, 1996)

1.3. A crescente heterogeneidade da Sociedade portuguesa

1.3.1. Efeitos na sociedade: racismo, xenofobia, exclusão e discriminação

Parece ainda ser verdade que “o outro, estranho”, que se encontra de novo, pode ser olhado com alguma desconfiança, mas também com condescendência. E, realmente, a sua presença em pequeno número não tende geralmente a suscitar grandes problemas. Porém, é de todos sabido, que a questão se pode tornar mais complexa quando no emprego, no bairro, na aldeia, nos mais diversos locais públicos, o número de “outros” se torna significativamente visível, sobretudo se eles ameaçam ocupar lugares, ou usufruir de benesses sociais, também pretendidas pelos habitantes autóctones, ou ainda se perturbam rotinas e o tipo de vida dos que habitualmente ali habitam. É, sobretudo, então, que se tornam mais visíveis os problemas de rejeição e de discriminação de vários tipos (cf. Wiewiorka, 1995), fenómenos esses que, segundo Wallerstein são até favoráveis ao funcionamento da moderna sociedade capitalista (cf. Wallerstein, 1990).

Num trabalho recente (cf. Cortesão, *et al.* 2000) abordou-se, embora sinteticamente, este aspecto afirmando-se: “Muito resumidamente poderá recordar-se que, tal como refere Sousa Santos (1997), uma relação de ‘desigualdade’ implica a coexistência de grupos com diferentes estatutos, de diferentes níveis de

poder, sendo que a presença e actividade dos grupos dominados pode ser até funcional à existência do grupo dominante.

Por seu turno uma situação de 'exclusão' é caracterizada pela total rejeição dos grupos minoritários com os quais o grupo dominante não quer conviver.

Os fenómenos de desigualdade e de exclusão têm vindo a manifestar-se com violência diferente, em diferentes contextos históricos e socio-políticos, sendo que o grau máximo de desigualdade se consubstanciará na situação de escravatura e o grau máximo de exclusão se traduzirá em fenómenos de extermínio (Sousa Santos, 1997).

Na sociedade moderna, mesmo tal como ela actualmente se apresenta, é possível identificar (em diferentes graus de intensidade e nas mais diversas combinações) situações de desigualdade e de exclusão que são, por quase todos, retoricamente reconhecidas como injustas, mesmo como inaceitáveis. É também conhecido e as "teorias da reprodução" evidenciaram-no e analisaram-no, através de numerosos e sólidos trabalhos, que os processos educativos e a formação em geral, podem decorrer de modo que, os seus efeitos, os seus significados últimos se apresentam como funcionais à continuidade, mesmo ao agravamento dessas situações de desigualdade e de exclusão (Althusser, 1980, Bourdieu, 1970, Bernstein, 1977). E também se foi verificando que este contributo para a continuação e/ou para o agravamento de situações de desigualdade e/ou exclusão social ocorre, frequentemente, em processos de formação, bem como através de propostas e de actividades simples de rotina, e que o professor e outros actores sociais que intervêm, a diferentes níveis, na estruturação e desenvolvimento de actividades curriculares, geralmente não têm grande consciência dos efeitos socio-educativos da sua actuação. Estes poderão ser, como atrás se afirmou, a manutenção ou agravamento da desigualdade social através do processo de formação em geral.

Não é possível nem necessário desenvolver aqui estas questões, já exploradas com muito maior profundidade em muitos trabalhos (cf. Cortesão, 1998, Stoer e Cortesão, 1999). Mas o que se torna evidente, desde já, é que, se se procura preparar profissionais para lidar com a diversidade de modo a não contribuir para agravar a desigualdade e os fenómenos de exclusão social, é necessário que a formação estimule, não só uma compreensão de como esses fenómenos podem ocorrer, mas também uma consciência da relação destes com problemas de daltonismo cultural, de etnocentrismo, xenofobia e mesmo de racismo.

Parece também importante a compreensão de que estes fenómenos de discriminação ou exclusão do "outro diferente" não são simplesmente resultantes de

posições pessoais que vão sendo assumidas aqui e ali. Wallerstein demonstra, por exemplo, que sexismo e racismo são fenómenos que favorecem e legitimam o funcionamento do sistema mundial capitalista, (Wallerstein, 1990) na medida em que contribuem para o aparecimento e/ou manutenção de grupos que 'justificadamente' poderão ser submetidos a condições de trabalho menos onerosas e poderão usufruir de remunerações menores. Descortina-se aqui, portanto, que os fenómenos de discriminação (e tudo o que para ela contribui) parecem estar também em relação com factores macro-estruturais que transcendem, de longe, simples posições individuais de menor tolerância face ao outro.

Mas, para além disto, outros estudos também evidenciam ser redutor pensar que os problemas de relacionamento com o "outro diferente" se circunscrevem à relação atrás referida entre grupos dominantes e minoritários. Este seria o caso, por exemplo, da relação, na sociedade da Europa Ocidental, entre brancos e grupos de migrantes negros ali sediados. Wieviorka, por exemplo, procura evidenciar que o problema é bem mais complexo. Num trabalho recente (Wieviorka, 1995) fala de várias outras formas de racismo na sociedade moderna. Para além deste primeiro tipo de relação, mais três complexas situações têm lugar no actual contexto social:

- entre diferentes grupos que sofreram processos de degradação social e económica numa sociedade moderna. Esse será o caso da existência de situações conflituais entre grupos sociais, como por exemplo, entre brancos pobres que vivem em "barracas" e migrantes, também com situações sociais muito precárias, que coexistem com eles nos mesmo bairros;
- com grupos minoritários, entre si, grupos esses que preservam as suas características identitárias e cuja aceitação mútua e convivência é por vezes muito difícil (ex. ciganos contra africanos);
- nas situações de dificuldades de relacionamento de grupos que mantêm fortes as suas características identitárias e que reagem contra a sociedade dominante. Esta situação tem uma expressão bem evidente, por exemplo, no caso dos conflitos que têm lugar entre o 'poder negro' e a sociedade dominante branca americana.

Se se considerarem, simultaneamente, todos estes quatro tipos de situações poderá facilmente admitir-se que os problemas de intolerância e de dificuldade de relacionamento entre diferentes podem decorrer de toda uma complexa interacção de factores com origens bastante diversificadas. Estas poderão ir desde factores rela-

cionados com a estruturação interna de cada indivíduo ao longo do seu sinuoso processo de socialização, até a factores que decorrem da estrutura e funcionamento de grupos e da sociedade em geral.

Daqui resulta como compreensível que seja tão complexa, tão atravessada de múltiplas ambiguidades, uma formação que pretenda contribuir para que ocorram mudanças de atitudes e de procedimentos. Basta que se recorde como são tão complexos, e de tantos níveis de origem, os factores que interagem neste área. Daqui resulta também a necessidade absoluta de que não se trabalhe neste campo minado de ambiguidades e de interesses conflituais, sem procurar analisar e compreender cada proposta de formação, cada material, cada atitude e cada problema com que nos deparamos.» (Cortesão, Leite, Madeira, Nunes, Trindade, 2000: 8,9,10)

Estas temáticas foram abordadas com maior desenvolvimento por vários autores. Pode referir-se, mas somente a título de exemplo, alguns trabalhos portugueses de Cortesão (1995), Falcão (1997), Rocha Trindade (1998), Sousa Santos (1997), Araújo, *et al.* (1998), Souta (1997) que estão publicado quer em livros quer em revistas (v. cap 3 e também Cortesão, *et al.* 2000a)

1.3.2. O "mal estar" crescente, o mais difícil funcionamento da escola – uma leitura actualmente em voga

São actualmente muito frequentes programas de rádio e televisão, bem como artigos em jornais, revistas e até em alguns livros, que referem situações de "mal estar docente" que, crescentemente, se fazem sentir no decurso de situações educativas.

Estes programas e textos referem que os professores têm dificuldades em lidar com comportamentos desrespeitosos, agressivos, mesmo violentos, quando trabalham com alunos que "não querem aprender" ou não "possuem as competências necessárias para o fazer". Alguns textos limitam-se a denunciar este tipo de fenómenos, outros referem-nos procurando apresentar propostas de solução.

Um primeiro conjunto deste segundo tipo de textos refere mesmo tais fenómenos, como pretexto (ou ponto de partida) para, de imediato, exigir, medidas urgentes que obriguem os professores a serem "menos permissivos" mas também "mais cumpridores" mas sobretudo "mais exigentes", porque os

alunos agora “não sabem nada “ (sobretudo de *Português e Matemática*). E tudo isto atribuído a uma situação geral de “facilitismo”. Marçal Grilo é, desta atitude, um bom exemplo quando afirma “*O grande problema da educação em Portugal está na forma como a população olha a escola e para a educação dos seus filhos. Está no modo como alguns professores exercem a sua profissão. Está na dificuldade de assumir autoridade de exigência para todos, para os professores, para os estudantes, para os responsáveis pelas instituições. Está no baixo nível de cultura e de habilitações da maioria da população, está na dificuldade de assumir responsabilidades, está no desinteresse com que muitos portugueses olham a escola*” Neto (2001:40)

Repare-se que, ao mesmo tempo, estes autores que ora vitimizam, ora culpam os professores, clamam para que se criem condições que consideram essenciais para que seja possível o exercício da profissão docente, através da possibilidade de recurso, nas escolas, a medidas mais repressivas, porque os docentes, em sua opinião, precisam de segurança, de protecção para poderem trabalhar com os alunos que têm na escola. “Repór a autoridade do professor”, dar-lhes meios para que possam “pressionar” de diversos modos “os alunos que não estudam”, que não se “esforçam suficientemente”; “usar da severidade necessária para quem perturba a ordem”, todas estas são medidas reclamadas por quem aborda o problema deste modo. E, faz-se tal tipo de propostas, acreditando que este será um modo de contribuir para o aumento da produtividade da escola, no que respeita à sua possibilidade de formar alunos capazes de contribuir para uma sociedade mais competitiva, onde o livre mercado exige, sobretudo, competência, eficácia e domínio de saberes técnicos e tecnológicos. Surge aqui, então, uma situação curiosa. Esses autores defendem um tipo de educação com características que aproximam, de novo, a escola actual (tão cheia de problemas novos) do funcionamento da escola que existia há alguns anos atrás, como sendo este último o modelo mítico capaz de resolver a maioria das dificuldades agora sentidas. Por tudo o que anteriormente foi referido poder-se-á, além disso, notar que estes autores descrevem os problemas e propõem medidas quase exclusivamente recorrendo à análise de sintomas e muito raramente de causas (cf. Quadro 1)

A escola é para ser levada “a sério”, pois, como afirma também Marçal Grilo “A educação e a aprendizagem, sobretudo, é esforço, é trabalho, é muitas vezes sacrifício” (Grilo in Neto 2001). Assim, se os alunos são insubordinados, deverão aplicar-se sanções previstas claramente em regulamentos. Sempre que

necessário, deverá afastar-se temporariamente os alunos da escola, mesmo recorrer à expulsão daqueles que mais perturbem. Se os alunos não apresentam níveis de aprendizagem aceitáveis, deverão ser reprovados, e/ou obrigados a estudar, frequentemente em grupos separados. Os apelos à homogeneidade, à exigência de cumprimento de regras, ao controlo, ao trabalho esforçado, mesmo penoso, à regulamentação estrita e explícita, o recurso à punição e ao prémio são uma constante. (v. Quadro 1)

QUADRO 1

LEITURA ACTUALMENTE DOMINANTE DE PROBLEMAS EDUCATIVOS

	OS PROBLEMAS	PROPOSTAS DE REMEDIAÇÃO
A instituição escolar	Regulamentos insuficientes e não explícitos, Debilidade de hierarquia nas estruturas Não selectiva, confusa, demasiado premissiva	Direcção firme da instituição Regulamentos explícitos Aplicação de sanções e de prémios Vigilância em recreios corredores e salas de aula Seleccção atenta de quem entra na escola Colaboração com a polícia na vigilância do exterior da escola
Os currículos	Não valorizando conteúdos fundamentais Conteúdos não sistematizados, espaços disciplinares não demarcados Superficialidade no tratamento dos temas Avaliações insuficientes, pouco rigorosas e pouco exigentes	Curriculos bem compartimentados de dificuldades crescente. Programas valorizando conhecimentos fundamentais (tradicionais e tecnológicos) Avaliações selectivas, quantitativas, explícitas, discriminatórias Remediações para alunos com mau rendimento
Os professores	Stressados Desautorizados Desinteressados Demasiado premissivos Mal preparados	Regulamentação dos comportamentos dos alunos permitidos/proibidos Fornecimento ao prof. de instrumentos de exercício de autoridade Formação inicial reforçada, formação contínua obrigatória (sobretudo formação científica e na área das didácticas)
Os alunos	Não respeitadores de regras e hierarquias Violentos, desinteressados Handicaps afectivos e psicológicos	Regulamentos aplicados com justiça mas com severidade Punição dos que não cumprem. Atribuição de prémios aos bons alunos Estímulo das capacidades de esforço sacrifício persistência para quem conseguir vencer
Os pais	Ausentes Desinteressados "De baixo nível de cultura e de habilitações"	Apelo à colaboração dos pais Obrigatoriedade de os pais virem às reuniões Organização de escolas de pais

2. Enquadramento teórico: diferentes nos modos de olhar a diversidade

2.1. Problemas de Educação enfrentados através dos estudos sobre culturas

Para analisar as diferentes formas de tomadas de decisão que se podem adoptar, quando se enfrentam problemas que é necessário resolver, ir-se-á recorrer a um conjunto de conceitos propostos por Cortesão, Magalhães e Stoer, num trabalho publicado em 2001.

Estes autores admitem que as decisões que, face a diferentes problemas, vão sendo tomadas, poderão assumir características diversas, de acordo com o quadro teórico adoptado, e consoante a maior ou menor capacidade de controlo dos acontecimentos, por parte dos actores sociais envolvidos. É assim que recorrem a metáforas e descrevem as tomadas de decisões como situações em que se irão “surfear”, “pilotar” ou “gerir” os problemas. Estas diferentes formas de actuar correspondem a diferentes graus de controlo da situação e correspondem, também a práticas decisórias com características progressivamente mais emancipatórias.

“Surfar”, “Pilotar” e “Gerir” serão então três formas de enfrentar a mudança, que podem ser caracterizadas pelo quadro teórico em que se situam, pelo facto de implicar a produção de efeitos a obter a curto, médio ou longo prazo, pela forma como se relacionam com o contexto, pelos modelos de actuação que adoptam e pelas finalidades que pretendem atingir. V. Quadro 2 (cf. Cortesão, Magalhães e Stoer 2001).

QUADRO 2

FORMAS DE ENFRENTAR A MUDANÇA

FORMAS DE ENFRENTAR A MUDANÇA

<div>Parâmetros de análise</div> <div>Modos de lidar com a mudança social</div>	Quadro teórico	Tempo de Realização	Relação com o Contexto	Modos de actuação	Finalidades
	Surfar	Funcionalismo	Curto prazo	Decisões tomadas em situação	Táticas sem estratégias
Pilotar	Interaccionismo	Médio prazo	Soluções pouco contextualizadas	Escolha tática de estratégias	Conciliação de Interesses
Gerir	Teoria Crítica	Longo prazo	Equacionamento sistémico do problema	Predominância de estratégias sobre táticas	Tentativa de ir à raiz do problema

Regulação

↕

Emancipação

O modo como são encarados os problemas a que anteriormente se fez referência, (v. Quadro 1) bem como as soluções que para eles são propostas decorrem, como é fácil de ver, de se atribuir o “mal estar” na escola, bem como os problemas de preparação para enfrentar o mercado de trabalho, a outros factores que não os que são relativos à presença, nesta instituição, de grupos sócio-culturais com características diferentes. Como foi referido anteriormente, alguns autores admitem, em consequência, que a solução dos problemas sentidos poderá ser encontrada pela eliminação dos sintomas de perturbação das rotinas sócio-educativas, que, cada vez se manifestam com maior intensidade. Nesta perspectiva, o contexto sócio-educativo e curricular é considerado idêntico ao que sempre foi, as perturbações é que surgem como novas.

Outros autores, porém, procuram analisar estes mesmos problemas considerando agora que estão em jogo também questões relacionadas com a diversidade. Referem problemas sociais económicos e culturais que, embora transcendendo o âmbito escolar, desencadeiam também conflitos decorrentes de interesses, de valores, de diferentes grupos sócio-culturais, que coexistem no âmbito de uma instituição. É essa instituição que experimenta dificuldades em desempenhar, no actual contexto, as funções que lhe são atribuídas pelos grupos socialmente dominantes. Para estes autores, que recorrem a um quadro de trabalho em que a importância da diversidade é considerada, não se poderá optar, como fazem os primeiros atrás referidos, por uma postura funcionalista que se satisfaça, com a eliminação a curto prazo de sintomas do “mal estar” educativo e luta contra a falta de eficácia da escola. Não optam assim, como fazem os primeiros, por “surfear” no dorso dos problemas, ao tomar decisões relativas às questões surgidas. Nesta nova perspectiva procura-se ao contrário “pilotar” e/ou “gerir” a forma de enfrentar as questões sentidas, o que implica uma preocupação em conseguir uma compreensão mais sistémica de todo o enquadramento do problema e, sobretudo, uma leitura crítica dos fenómenos observados (cf. Cortesão Magalhães e Stoer, 2001).

De acordo com esta mesma interpretação acerca dos modos de concretizar a mudança, tentar-se-á “pilotar” esta mudança sentida como necessária, para atender aos problemas surgidos, se se introduzir, no processo educativo, práticas que evidenciam que a instituição está consciente da presença de grupos minoritários, com problemas próprios, e que é necessário ter em conta esses problemas, na busca de soluções para os enfrentar. É assim que se procu-

ra estar aberto ao desenvolvimento de actividades que incluam manifestações culturais desses grupos minoritários. E, em consequência, cada vez com mais frequência, se observa a realização nas escolas, por exemplo, de festas com danças, cantares, com produções culinárias típicas destes grupos.

Uma análise um pouco mais funda sobre este tipo de práticas revelará porém que, se elas contêm em si a enorme vantagem de estimular a auto estima dos alunos destes grupos, se também traduzem um reconhecimento da sua presença e da sua identidade, e se tornam a escola um pouco mais alegre, criando momentos de convívio e descontração, estas práticas não vão, apesar disso, ao fundo das questões. Não abordam, geralmente, as relações de poder subjacente aos conflitos existentes dentro e fora da escola e com os quais é necessário saber lidar, não enfrentam as incompatibilidades de valores, e de comportamentos, que é necessário procurar compreender e discutir, e, sobretudo, podem também, como efeito não previsto, salientar o exotismo de alguns destes grupos, facto que pode até contribuir para os isolar mais, até para os guetizar. (cf. Stoer e Cortesão 1996, Cortesão *et al.*, 2000 a e b). É aquilo que em trabalhos anteriores se designou por “Multiculturalismo Benigno” (Stoer, 2000)

Analises deste tipo conduzem a que se tenha desenvolvido, posteriormente, todo um conjunto de trabalhos numa linha mais reflexiva, informada pela teoria crítica, em que se apela, constantemente, para a necessidade de uma forte vigilância ao lidar com problemas de relação entre culturas. Alerta-se assim para o facto de todas as práticas inter-multiculturais serem armadilhadas, podendo, como se aponta atrás, desencadear efeitos nunca esperados e até não desejados, chama-se a atenção para problemas de poder sempre subjacentes, para os perigos quer do etnocentrismo quer do relativismo total, criando assim aos decisores posições pouco cómodas, em que as opções têm de ser sempre ponderadas, decididas passo a passo. Está-se agora na área do “multiculturalismo crítico”. É neste quadro que se tem consciência da necessidade de tentar compreender, sistemicamente, a ocorrência de posições muitas vezes opostas, optando por práticas que B. Sousa Santos designa de “hermenêutica diatópica”. Este tipo de preocupação implica actuar, progredindo sempre na tentativa de compreensão dos fenómenos ocorridos em diferentes contextos sócio-culturais, ora tendo “um pé” numa cultura e “outro pé” na outra. Isto significa procurar lidar com a tensão decorrente de se enfrentarem aspectos muitas

vezes conflituais das duas culturas (Sousa Santos, 1997). Trata-se também de orientações em que se tenta, no processo educativo, desenvolver nos formandos competências e capacidades de se movimentarem com à-vontade em mundos culturais diversos, e que têm vindo a ser designado, em trabalhos anteriores, por “biliguismo cultural” (cf. Cortesão, 1997, Stoer e Cortesão, 2001)

Tendo-se referido características que informam os quadros conceptuais de multiculturalismo benigno e crítico poder-se-á, agora, de acordo com o que já foi defendido, apresentar-se algumas ideias-base, das quais é possível partir para que se possam abordar problemas educativos procurando agora “pilotar” mas sobretudo “gerir”, as propostas de intervenção. E, de acordo com tal propósito, admite-se ser importante salientar que:

1. face a um problema complexo, se acredita que é geralmente redutor procurar enfrentá-lo, tentando somente eliminar os sintomas que dele decorrem; será mais fecundo começar por tentar identificar e considerar causas que estão por detrás desses sintomas;
2. considerando que o contexto sócio-económico cultural do mundo, da Europa e de Portugal está a mudar aceleradamente, valoriza-se a importância de os públicos que são objecto/sujeito de actividades educativas terem também características novas, (características essas que, é necessário não rotular, etnocentricamente, à partida, como sendo sempre “erradas” e “inaceitáveis”). Admite-se que as novas populações que estão agora na escola experimentam e contribuem para a emergência de problemas diversos, (talvez progressivamente mais violentos e mais graves) mas possuem igualmente conhecimentos e têm experiências diferentes que é importante considerar;
3. apesar das alterações organizacionais e curriculares que se tem vindo a introduzir nas escolas depois do 25 de Abril, e fazendo um balanço dos últimos 50 anos, se considera que, globalmente, o clima das instituições educativas mudou relativamente pouco.
4. com populações diferentes, de características sócio-económicas e culturais muito diversificadas (e para além do sempre presente “conflito de gerações”) pode considerar-se natural que propostas e soluções antigas, concebidas anteriormente para outros públicos e outros contextos não surtam grande efeito. Pode admitir-se que residirão aqui algumas causas dos pro-

blemas (sintomas) com que se debatem actualmente a escola e os professores.

5. envidar esforços para procurar identificar e compreender a diversidade que as instituições albergam dentro de portas, bem como a multiplicidade de problemas que daí decorrem, procurar partir dessa compreensão para tentar encontrar estratégias de acção, pensa-se que poderá constituir um contributo para uma solução de compromisso que, simultaneamente, se preocupa em atingir objectivos eleitos como importantes pela escola tradicional e alcançar também outras metas que se revelam como importantes no contexto actual.
6. tentar produzir alterações curriculares e organizacionais significativas na escola, orientadas por uma preocupação em contribuir para que ela, no quadro de orientações democráticas, seja capaz de lidar e promover o desenvolvimento de antigos e novos públicos, parecem constituir metas mais promissoras. Parecem, pelo menos, mais viáveis do que persistir em tentativas (que, se têm revelado, à exaustão, serem infrutíferas) de, pelo menos, querer forçar os estudantes a adaptarem-se às normas e aos valores da escola tradicional, punindo e excluindo aqueles que não conseguem enquadrar-se nessas normas. E, afinal, as alterações primeiramente referidas seguem somente uma orientação que J. Chaubaux classificaria de "reformista avançada"². Esta orientação traduz-se mais pelo desenvolvimento de esforços em adaptar a escola ao tipo de alunos presentes, do que forçar esses alunos a, somente, se submeterem a regras de uma escola cujas normas lhes são anteriores e lhes são frequentemente estranhas.

Numa leitura mais crítica do problema, o que parece assim surgir como importante é tentar desenvolver uma escola e conceber uma educação que possa oferecer aos alunos a possibilidade de se socializarem em contextos mais organizados do que, frequentemente, lhes são propostos na sua socialização primária, onde disponham de referentes claros que possam analisar, onde adquiram saberes competências necessários para que possam sobreviver e viver e intervir na sociedade actual. Mas está subjacente, nestes pressupostos, a ideia

² J. Chaubaux propõe uma grelha para análise inovações em que considera que elas se poderiam sucessivamente situar em seis tipos diferentes que correspondem a seis tipos de mudanças cada vez mais profundas: "conservador" "reformista moderado" "reformista avançado" "revolucionário moderado" "revolucionário avançado" e "nihilista" (cf. Chaubaux, 1977)

de que tudo isto não seja construído *sobre* e *a partir* do que pode ser designado como “sacrifício cultural”, isto é, construído à custa de uma desvalorização das raízes culturais dos grupos minoritários, e da exclusão dos que terão mais dificuldade em cumprir os processos de recontextualização exigidos pela escola (cf. Bernstein, 1977) Mas, repete-se, a preocupação com a preservação e reconhecimento de raízes culturais, o respeito por outras identidades, que não as que a escola tradicionalmente valoriza, não poderá significar que se abdique de contribuir também para o desenvolvimento de saberes eruditos e de competências necessárias à participação num mundo onde os conhecimentos eruditos são cada vez mais valorizados. São cada vez mais necessários bons médicos, bons engenheiros, bons enfermeiros, informáticos, historiadores, professores, escritores.... E é a consciência deste facto que desencadeia a proposta de um esforço de entrosamento dos dois tipos de preocupações com a educação que foram anteriormente apontados, e que pode conduzir, como já se referiu, ao domínio de um “biliguismo cultural”. (Cortesão, 1997, Stoer e Cortesão, 1999).

2.2. Abrangência crescente do conceito de diversidade e a delimitação neste trabalho

Quando actualmente se fala de diversidade, no quadro do campo educativo, pode estar a fazer-se referência a situações bastante diversificadas.

Mas nem sempre assim aconteceu: de facto, tradicionalmente, em educação, a preocupação explícita com a “diversidade” surgiu sobretudo em função da presença, nos grupos com que se estava a trabalhar, de alunos pertencentes a diferentes etnias. Por tal razão, a literatura nos anos 80 fazia referência, quase exclusivamente, a processos de trabalho ou a problemas decorrentes da coexistência, em grupos de formação, sobretudo de alunos negros (vindos ou filhos de pais oriundos das ex-colónias) e também da presença dos ciganos.

Progressivamente, porém, o conceito de diversidade foi-se tornando mais abrangente, revelador de uma análise mais fina do problema, pois que, sobretudo a reflexão sobre as práticas foi fornecendo sinais bastante evidentes de que a maioria da população que é sujeito/objecto de situações educativas, muito dificilmente poderá ser considerada e portanto trabalhada como sendo homo-

gênea. De facto, análises feitas a nível da Educação mas também da Antropologia, da Sociologia e até da Psicologia evidenciam que a homogeneidade é perturbada, é destruída pela presença e afirmação de características sócio-culturais diferentes que podem decorrer, por exemplo, da classe social de origem, do facto de os alunos serem de meios rurais ou urbanos, de bairros degradados ou de condomínios residenciais, de géneros diferentes, e mesmo de diferentes grupos profissionais, até de grupos etários marcadamente distintos, de terem necessidades educativas especiais ou até devido a características psicológicas várias.

É assim importante esclarecer que, apesar da consciência que se tem de toda esta heterogeneidade, a “diversidade” que se irá abordar no presente trabalho é relativa a um campo bastante restrito. Ela irá dizer respeito somente à coexistência em situações educativas de grupos dominantes e grupos minoritários (em termos de poder) constituído por diferentes etnias, classe, meio rural e urbano e alguns modos de vida. Não se irão aqui abordar questões de género, porque elas serão objecto de estudo de outro artigo desta publicação, nem de situações de necessidades educativas especiais, de problemas psicológicas nem tão pouco os decorrentes de grupos etários. Reconhece-se, no entanto, o interesse em trabalhar todas estas vertentes pois, por exemplo, os problemas levantados pela educação infantil, os trabalhos com adolescentes, a educação de adultos e a terceira idade, apresentam características bem distintas. É somente sobretudo a falta de tempo que nos obriga a não enveredar por novos campos de análise.

No caso das necessidade educativas especiais e escolas inclusivas há também, à disposição de todos, uma vasta literatura da especialidade, pelo que se torna menos importante, neste trabalho, fazer a sua abordagem. O mesmo aliás se poderia dizer a propósito da questão da educação e classe social em que todo um conjunto de pesquisas elaboradas na linha das teorias da reprodução se vem desenvolvendo desde há muito. Só que, neste último caso, o seu entrosamento com as questões de etnia e diversidade de meios sócio culturais é tão forte que não nos foi possível, em vários casos, de deixar de cruzar essa categoria com o trabalho aqui desenvolvido.

3. O Trabalho Empírico

3.1. Aspectos metodológicos

3.1.1. Que tipo de trabalhos irá ser objecto de análise?

A tentativa de traçar um quadro que traduza os trabalhos de investigação feitos em Portugal sobre educação face à diversidade, implica a tomada de opções que, naturalmente, tiveram reflexos profundos no texto a produzir.

Poderá admitir-se que será importante ilustrar o quadro a que atrás se fez referência, analisando o interesse que a educação face à diversidade tem vindo a suscitar nas pesquisas que se tem vindo a desenvolver. Para tal será necessário, colher dados relativos à produção, até em termos numéricos, que têm vindo a ser feita nesta área nos últimos tempos, em Portugal.

Parece também poder ser importante ir descobrindo que áreas este tema foi invadindo, e como é que o fez, sem nunca deixar de estar relacionado com a problemática da educação: deveriam assim considerar-se só trabalhos em que, explicitamente, se anuncia ir-se considerar problemas de educação e diversidade? Deverão também incluir-se trabalhos desenvolvidos no campo educativo em que a questão da diversidade é envolvida, mas como que representando um enquadramento teórico presente de uma forma transversal às vezes mesmo não de forma explícita? E como proceder face a trabalhos realizados noutras áreas (antropologia, sociologia, linguística etc.), que podem cruzar, influenciar e até enriquecer as interpretações de problemas educativos? Também é de admitir ser difícil pôr de parte os trabalhos que, embora sem incidência directa sobre educação, como por exemplo de etnografia, antropologia, sociologia urbana, incidem sobre as próprias fontes da diversidade, núcleo profundo do interesse deste trabalho?

Procurou-se então fazer um estudo que fosse retratando um pouco destes aspectos. Mas a vastidão da área que se pretendeu tocar, obviamente teve de ser paga com insuficiências que é necessário desde já confessar. Há lacunas, aspectos não trabalhados e, sobretudo, não se identificaram muitas das orientações teóricas que informam os diferentes trabalhos, identificações essas que exigiriam um dispêndio de tempo de que não dispusemos.

3.1.2. Delimitação de corpo de análise

A delimitação do corpo de análise que iria ser objecto de estudo empírico deste trabalho implicou também decisões nem sempre fáceis de tomar. Recordando que se considerou que a finalidade a atingir é a de tentar descrever o “estado das artes” relativamente ao campo da educação e culturas em Portugal, houve que tomar decisões relativas ao universo que iria ser estudado.

No que respeita ao tipo de publicações decidiu-se tentar identificar *trabalhos de autores portugueses feitos em e fora de Portugal, mas também trabalhos feitos em instituições e centros de pesquisa portugueses*. Pensou-se que, neste quadro, seria importante identificar *livros* produzidos, *artigos* publicados em *revistas nacionais e algumas estrangeiras, ligadas a centros de pesquisa e/ou ministérios, a teses de mestrado e doutoramento*. Na área da literatura cinzenta pensamos ainda que seria de grande interesse identificar relatórios de projectos de investigação que foram concluídos. Mas as circunstâncias de realização desta pesquisa impediram que se tentasse sequer iniciar este trabalho. Pensa-se deixá-lo para iniciativas futuras, uma vez que parece tratar-se de uma vertente particularmente fecunda e elucidativa da investigação desenvolvida nesta área em Portugal.

No que respeita ao universo temporal, e dado que o interesse por questões de diversidade e educação é relativamente recente, decidiu-se limitar a busca de os trabalhos aos *últimos 15 anos*. Limita-se portanto a pesquisa a trabalhos já produzidos, a partir de 1987. Esta opção decorre sobretudo da convicção de que seria, a partir de 1989 que esses trabalhos começaram a surgir com maior frequência nas publicações feitas por autores portugueses. (No entanto tem-se consciência de que os trabalhos sobre educação e diversidade, sobretudo no que respeita à classe social, foram objecto de publicação já bastante antes desta data).

Ainda teve de se tomar outra decisão, em consequência, essencialmente, da dificuldade de acesso às produções correspondentes. Não se consideram as pesquisas feitas sobre a emigração portuguesa quer publicadas em revistas portuguesas quer em estrangeiras. Tem-se consciência da grave lacuna que esta decisão introduziu no trabalho, lacuna essa que terá de ser colmatada em análises futuras.

Toda esta busca se revelou, como é natural, bastante difícil pelo que será importante lembrar de novo que se tem consciência não se tratar de um levantamento exaustivo da produção portuguesa nesta área. Trata-se somente de

uma referência às obras que foi possível identificar e ter acesso num curto espaço de tempo, na convicção de que, apesar de tudo, se conseguiu uma amostragem bastante representativa da produção portuguesa feita em Portugal e no estrangeiro na área da educação e culturas.

3.1.3. As fontes

Para o desenvolvimento deste texto recorreu-se:

- ao trabalho elaborado para o livro “Na floresta de Materiais”³
- a listagens bibliográficas já elaboradas por outros autores⁴
- a pesquisa em bases de dados, de artigos em publicações periódicas
- às pesquisas na base de dados da Biblioteca Nacional sobre teses de mestrado e doutoramento
- a pesquisas feitas na Biblioteca da Fac. de Psicologia e C. da Educação da U.P.
- a consultas de catálogos de editores
- a contactos directos com investigadores de cujos trabalhos na área se tinha notícia⁵
- a bibliografias de artigos de referência
- aos conhecimentos anteriores que a equipa tinha já do tipo de trabalhos produzidos na área

Tentou-se proceder à organização todos os elementos recolhidos, muitas vezes construindo quadros que evidenciaram alguns aspectos importantes. E assim, sempre que possível, a análise desses quadros passou a constituir um ponto de partida para que se pudessem acrescentar alguns dados à identificação do estado da pesquisa nesta área.

³ Cf. Cortesão *et al* 2000

⁴ De que se quer ressaltar sobretudo o apoio dado por Luiz Souta por José Luiz Garcia e Fernando Luiz Machado, através das listagens por eles elaboradas

⁵ De realçar a disponibilidade e o interesse do trabalho produzido por investigadores da Universidade de Aveiro

3.2. Os dados recolhidos

O corpo de análise incidiu, como se referiu antes, sobre publicações não periódicas, artigos em publicações periódicas, bem como sobre teses de mestrado e doutoramento, elaborados por autores portugueses, e publicados em editoras portuguesas, ministérios ou associações sediadas em Portugal. As teses não publicadas e de que se teve notícia foram, como também se referiu já, tratadas a partir de consultas sobretudo a bases de dados.

Todas estas publicações foram organizadas considerando separadamente: as que dizem respeito explicitamente a problemas de educação e diversidade cultural, as que desenvolvem, especificamente, trabalhos sobre culturas, e as que, trabalhando temas diferentes, mantêm as questões de diversidade presentes, de uma forma transversal (cf. § 3.1.1). Em todos os casos foram sentidos problemas que resultam das delimitações feitas para estabelecer o corpo de análise, e em todos os casos se teve consciência do empobrecimento decorrente de não considerar certas obras, algumas das quais de assinalável importância.

3.2.1. Publicações não-periódicas

A abordagem do panorama editorial português relativo a publicações não-periódicas subordinou-se ao conjunto de critérios já enunciados. Foram estes critérios que estiveram na origem da organização das listas de obras publicadas por autoras e autores portugueses em editoras e associações sediadas em Portugal ou no estrangeiro. Partindo-se deste compromisso inicial começou-se por realizar uma primeira operação, a qual consistiu na elaboração de dois conjuntos de listas bibliográficas:

- A lista bibliográfica relativa a publicações não-periódicas subordinadas à temática da educação e da diversidade cultural (Ver Anexo 1);
- A lista bibliográfica relativa a publicações não-periódicas em que a temática das culturas é abordada de forma explícita em obras que não se encontram relacionadas especificamente com a área da Educação (Ver Anexo 2);

Pretendeu-se assim, e num primeiro momento, obter um conjunto de dados que permitisse:

- identificar as entidades e instituições que têm vindo a promover ou a patrocinar as publicações que constam dessa lista;
- os campos de reflexão e/ ou de intervenção que estas publicações privilegiam;
- formular, pelo menos, algumas hipóteses possíveis quer acerca daquelas entidades quer acerca destas publicações.

Assim, e a partir da lista bibliográfica publicada em anexo referente a publicações não-periódicas relativas à temática da educação e diversidade cultural, é possível constatar-se que:

- a) o investimento editorial mais significativo ocorre, neste âmbito, através de organismos relacionados com o Ministério da Educação (Instituto de Inovação Educacional, Secretariado Coordenador de Programas de Educação Intercultural, Universidade Aberta e Programa de Educação para Todos – PEPT), na sequência de muita “*literatura cinzenta*” produzida por este organismo relativamente à temática da multiculturalidade, nomeadamente através da acção da ex-Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário (DEGBS) e do ex- Departamento de Orientação Educativa (DOE);
- b) não é possível negligenciar neste âmbito o contributo de algumas editoras com um investimento privilegiado na área das Ciências Sociais e Humanas, tais como a Afrontamento, a Celta e, à sua escala, a Escher e a Profedições. Contributo este que, tal como as listas a apresentar, posteriormente, confirmarão, expressa a valorização da problemática da multiculturalidade, quer como um eixo transversal quer como um eixo explícito, das suas estratégias editoriais;
- c) do conjunto das obras que se encontram na lista apresentada, têm vindo a adquirir relevância aquelas que resultam de trabalhos relacionados com provas académicas ou com a investigação realizada a partir de meios académicos (Cf. edições do Instituto de Inovação Educacional e das próprias editoras privadas), o que expressa o interesse crescente da temática em análise;
- d) o número não muito grande de publicações que são da responsabilidade de associações de carácter cívico não parece poder ser entendido, de imediato, como a desvalorização desta problemática por parte destas associações. Creemos que seria necessário realizar uma pesquisa mais cuidada e atenta, atra-

vés de contactos directos, que pudesse revelar o seu dinamismo editorial também neste âmbito. É que as publicações que estas associações produzem não se encontram facilmente através de uma pesquisa no mercado livreiro. Não têm, por exemplo, mecanismos de distribuição idênticos aos das editoras, já que a publicação das suas obras obedece, sobretudo, a uma lógica de apoio e estímulo à militância nesta área;

Na lista apresentada não se encontra incluído, todavia, o conjunto de publicações não-periódicas que, na área da educação, assume a problemática da multiculturalidade e da diversidade cultural como dimensões transversais de qualquer acto de intervenção educativa. Por isso é que se apresenta, em seguida, uma outra lista que pretende, apenas, e exclusivamente a título de exemplo, dar conta da amplitude e da diversidade dessas publicações (v. Quadro 3).

QUADRO 3

EXEMPLOS DE PUBLICAÇÕES COM DIVERSIDADE COMO DIMENSÃO TRANSVERSAL

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
1998	CÂMARA, Maria José	A identidade e a diferença: Marcas impressas pelo educador em cada criança	I.I.E. (Da Escola para a Escola)
2000	CANÁRIO, Rui ALVES, Natália ROLO, Clara	Escola e exclusão social	I.I.E. / Educa (Temas de Investigação)
1998	I.I.E. GAERI Comissão Nacional da UNESCO	Todos os seres humanos ... Manual da Educação para os Direitos Humanos	I.I.E. (Temas de Investigação)
1999	I.I.E. ONU	Os nossos direitos humanos	I.I.E. (Temas de Investigação)
1996	GONÇALVES, Albertino	Imagens e clivagens – Os residentes face aos emigrantes	Afrontamento
1997	LOPES, João Teixeira	Tristes escolas. Práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano	Afrontamento (Biblioteca das Ciências do Homem)
1998	MAGALHÃES, António STOER, Stephen	Orgulhosamente filhos de Rousseau	Profedições
2000	MAGALHÃES, António	Nem todos podem ser doutores ?!	Profedições
2002	MAGALHÃES, António STOER, Stephen	A escola para todos e a excelência académica	Profedições
1991	STOER, Stephen	Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa: Uma abordagem pluridisciplinar	Afrontamento (Biblioteca das Ciências do Homem)
1992	STOER, Stephen ARAÚJO, M ^a Helena	Escola e aprendizagem para o trabalho num país da (semi)periferia europeia	Escher
2002	STOER, Stephen CORTESÃO, Luíza CORREIA, J. Alberto	A transnacionalização da educação: Da crise da educação à "educação da crise"	Afrontamento (A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização)
1998	TAVARES, P.M.	Os direitos sócio-económicos dos refugiados: Trabalho e Educação	Conselho Português para os Refugiados

Basta analisar com detalhe, e por exemplo, o plano editorial do Instituto de Inovação Educacional para se perceber como a lista poderia ser ampliada com a citação de muitas outras obras. Isto não foi feito devido ao facto de uma tal operação não ser exequível, já que, não estando a temática evidente no título, obrigava à leitura de todas as publicações não-periódicas que fossem incluídas nessa lista.

Apesar de tudo parece ser possível afirmar-se, através do conjunto de obras que foram lidas, que não se pode dissociar, hoje, a questão da diversidade cultural da problemática da inovação, das transformações das escolas e das práticas educativas dos professores que as percorrem.

A leitura da lista bibliográfica referente às publicações não-periódicas relacionadas de forma explícita com a temática da multiculturalidade e da diversidade cultural (Ver Anexos 1 e 2) permite, por sua vez, confirmar algumas das conclusões enunciadas anteriormente, tais como:

- a) o contributo editorial das associações cívicas que intervêm na área dos direitos humanos, da luta contra o racismo e a xenofobia e, igualmente, na área da militância por um mundo mais justo e equitativo;
- b) o investimento, neste âmbito, das editoras relacionadas com as Ciências Sociais e Humanas já referidas anteriormente;
- c) a necessidade de enriquecer a lista com a produção bibliográfica referente a produções não-periódicas relacionada com áreas que aqui não se encontram contempladas, como, por exemplo, a dos ensaios realizados na área das literaturas africanas de expressão portuguesa⁶.

Constata-se, assim, que a produção editorial, neste âmbito, se desenvolve em função de duas tendências maiores:

- a tendência relacionada com preocupações de intervenção cívica, a qual se expressa através da edição de pequenas brochuras subordinadas a objectivos com a formação e a intervenção;

⁶ Qualquer trabalho posterior sobre esta problemática deverá explorar toda a riqueza insuspeita de campos de saber que normalmente não são considerados neste âmbito. Importa também não esquecer, na área da diversidade cultural, a importância de trabalhos que, não sendo muitos, foram publicados antes de 1987. É o caso, por exemplo, do livro pioneiro de Olímpio Nunes, escrito em 1981, sobre o povo cigano, cuja identificação bibliográfica é a seguinte: NUNES, Olímpio (1981). O povo cigano. Lisboa: Livraria Apostolado da Imprensa.

- uma tendência relacionada com a investigação, que se expressa através de obras mais elaboradas, estudos e monografias que se têm vindo a desenvolver, em geral, na área da Sociologia. É uma tendência que reflecte algumas das preocupações que se sentem, hoje, na sociedade portuguesa, nomeadamente, as preocupações com a exclusão social, com a imigração, as minorias étnicas ou os novos problemas da gestão dos espaços urbanos;

A segunda operação consistiu na elaboração do quadro que em seguida se apresenta (v. Quadro 4), através do qual se pretendia verificar o número de publicações não-periódicas que, de acordo com as duas categorias logo enunciadas no princípio do capítulo, se publicaram desde 1987.

QUADRO 4

PUBLICAÇÕES NÃO-PERIÓDICAS

	Nº de publicações não-periódicas relacionadas com a temática da educação e da diversidade cultural	Nº de publicações não-periódicas relacionadas com a temática da diversidade cultural e da multiculturalidade	TOTAL
1987	1	2	3
1988	0	2	2
1989	1	2	3
1990	3	3	6
1991	2	7	9
1992	3	4	7
1993	6	18	24
1994	1	3	4
1995	7	8	15
1996	7	8	15
1997	5	7	13
1998	5	5	10
1999	7	8	15
2000	7	9	16
2001	6	3	9
TOTAL	61	83	144

A leitura do quadro permite então concluir que a partir dos primeiros anos da década de 90 há claramente um maior investimento editorial no domínio das publicações não-periódicas relacionadas quer com a problemática das culturas, em geral, quer com a problemática da educação e da multiculturalidade, constatação que confirma o interesse e a visibilidade crescentes da temática da diversidade na sociedade portuguesa. Há razões políticas e sociais que poderão explicar este fenómeno, tais como a necessidade de se combater a exclusão, ou, entre outros

factores possíveis, o facto de Portugal se ter vindo a transformar progressivamente num país de imigração. Há também razões de natureza cultural relacionadas, por exemplo, com o maior investimento quer em programas de investigação quer no desenvolvimento da formação pós-graduada (mestrados e doutoramentos), os quais se encontram na origem do crescimento do número de publicações não-periódicas. Este crescimento também teve a ver com projectos de pesquisa relativos à problemática das culturas.

3.2.2. Artigos em publicações periódicas

Como já foi referido foi também necessário proceder aqui a uma restrição do campo de análise. Os artigos tratados foram publicados em revistas ou boletins de instituições do ensino superior ou de associações científicas ligadas à educação.

Pela importância que reveste a intervenção do Estado nos estudos sobre a diversidade, seja pela divulgação de artigos científicos, seja pela visibilidade dada a projectos⁷ desenvolvidos no sistema educativo, são também referidas as publicações do Ministério da Educação através de vários dos seus organismos.

Apesar de conscientes dos riscos que se correm ao deixar de fora desta análise textos de grande importância pelo seu cariz científico e/ou pela visibilidade que têm no debate sobre as questões relativas à diversidade cultural⁸, sabia-se também que seria impossível, num tão curto espaço de tempo realizar um trabalho que se pudesse considerar exaustivo. Optou-se, assim, por analisar nos quadros, aqueles textos que obedecessem à delimitação estabelecida. Porém é necessário ainda referir que, em algumas revistas, não foi possível aceder directamente à totalidade dos números.

Uma outra fragilidade que afecta este trabalho decorre do facto de a análise se basear, em grande parte dos casos, apenas na leitura dos títulos e palavra-chave, e não do seu texto integral. Corre-se, deste modo, um outro risco: o de não contemplar aqueles em que se verifique uma abordagem transversal da temática, e/ou cujo título não se refira de forma explícita, ao conteúdo que se está a analisar.

A pesquisa desenvolvida, nestas circunstâncias, permite identificar os artigos que se apresentam nos quadros em anexo. (Ver Anexo 3)

⁷ Por exemplo IIE, DEB, SECPREM e DREN

⁸ Não cabem nesta delimitação periódicos de grande importância como por exemplo: O Professor; Sociedade e Território; Correio Pedagógico; Revista do Ministério Público, entre outras

Verificando-se, contudo, uma certa irregularidade na quantidade dos artigos visados, em alguns periódicos, e um aparente “crescente” a partir de determinada altura⁹, tornou-se necessário construir um quadro que permitisse

QUADRO 5

ARTIGOS EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Ano	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	2000	Total de artigos publicados	Início / termo da publicação	Periodicidade
Nome da Publicação																	
<i>Educação, Sociedade e Culturas</i> *								2	2	1	4		2	5	16	1994 -	semestral
<i>Multicultural CIOE</i> ¹⁰							2	2	9	2	1	✦	✦	✦	16	1993 -	semestral
<i>Revista de Educação</i> ¹¹									1			1		1	3	1986 -	semestral
<i>Revista Portuguesa de Educação</i> *					1			1							2	1988 -	quadrimestral
<i>Sociologia: Problemas e Práticas</i> *	1				1	1	3	3	1		3	3	2	2	20	1986 -	semestral
<i>Antropologia Portuguesa</i>								1					1		2	1983 -	anual
<i>Perspectivar Educação</i>											1		2		3	1994 -	anual
<i>Revista do Serviço Social</i>								1							1	—	—
<i>Intervenção Social</i> *												1	1	2	4	1991 -	semestral
<i>Etnologia</i>									2						2	1983 -	—
<i>Análise Social</i> *						1							1		2	1963 -	trimestral
<i>Diálogo Entreculturas</i>						2									2	1992 -	trimestral
<i>Forma</i>							2								2	1993 -	trimestral
<i>Inovação</i> ¹²					2					10				2	14	1988 -	trimestral
<i>Nocsis</i> *							1					1	6	1	9	1987 -	trimestral
<i>Território Educativo</i>												1	1	3	5	1997 -	trimestral
<i>Colóquio, Educação e Sociedade</i> ¹³						1					2				3	1992 -	3 números por ano
<i>Sociologia</i>					1				1			1			3	1991 -	anual
<i>Revista crítica das Ciências Sociais</i> *					3			1		1	1		1	2	9	1978 -	semestral
Total de artigos publicados	1				8	5	8	11	16	14	12	8	17	18	118		

✦ Não se conseguiu aceder a exemplares desta revista em 98, 99 e 2000.

⁹ 1994/1995

* Foram analisados todos os títulos publicados entre 1987 e 2000

¹⁰ Foram analisados todos os títulos das publicações entre 1993 e 1995 (*inclusive*).

¹¹ Foram analisados todos os títulos das 9 publicações a que tivemos acesso.

¹² Foram analisados todos os títulos publicados a partir de 1995 e a maioria dos artigos das revistas anteriores.

¹³ Foram analisados todos os títulos das 8 publicações a que tivemos acesso.

dar uma visão mais explícita do número de artigos publicados em relação ao início da publicação da revista e à respectiva periodicidade.

Da leitura do Quadro 5 parece poder inferir-se que:

- quer os artigos, quer as revistas, que os publicam, começam a ser mais numerosos a partir de 1994. Entre 1991 e 1993, foram já encontrados alguns 14¹⁴ e entre 1987 e 1990 foi identificado apenas um artigo¹⁵;
- em algumas das revistas estudadas verifica-se uma certa regularidade na inclusão de artigos directamente ligados à diversidade¹⁶. Em outras ocorre uma grande concentração em determinados números¹⁷, ou apenas publicação esporádica¹⁸.

Esta leitura obriga, no entanto, a uma outra chamada de atenção: o facto de se ter optado por apontar apenas os autores portugueses, torna invisíveis os muitos artigos de autores de outras nacionalidades que grande parte destas publicações apresenta.¹⁹

Por outro lado, para além da interpretação que decorre directamente da leitura deste quadro, a análise dos títulos e das temáticas que se depreendem estar-lhes subjacente permite tecer algumas considerações interessantes. Essas observações são relativas a eventuais mudanças na incidência nas formas de abordagens desenvolvidas. Parece, assim, ser possível admitir que se na maioria dos artigos publicados até 1994/94 transparece uma intenção de clarificação de determinados conceitos, como por exemplo os de “multiculturalismo”, “etnia”, “interculturalidade” ou “identidade cultural”²⁰ a partir deste período a análise revela abordagens mais finas mais complexas dos fenómenos sociais relacionados com a diversidade cultural. Assim verifica-se a aborda-

¹⁴ Num total de 21 artigos dispersos por 11 publicações

¹⁵ Este crescimento acontece também com a publicação de artigos em revistas estrangeiras (ver quadros em anexo)

¹⁶ Ver, por exemplo, as revistas: Educação, Sociedade e Culturas e Sociologia: Problemas e Práticas

¹⁷ O que decorre, sobretudo, da publicação de números temáticos como acontece, por exemplo, com o n.º 9/1996 da revista Inovação

¹⁸ Como acontece, por exemplo, com a revista Análise Social

¹⁹ Também o facto de se terem deixado de fora, por opções de delimitação do corpo de análise, os estudos sobre os emigrantes portugueses, impedem a referência aos vários trabalhos desenvolvidos neste campo.

²⁰ Ver, por exemplo, os primeiros artigos das revistas: Inovação; Forma; CIOE; Revistas de Educação; Análise Social; Noesis;

gem de temas como a economia ou o racismo, articulados entre si e com os processos de transnacionalização.

A incidência dos trabalhos analisados parece indicar ainda uma relação estreita entre a produção dos textos e os contextos sociais em que são produzidos, também eles em mudança.

Por outro lado, poder-se-á também afirmar que é, sobretudo, a partir de 1993/1994 que começam a aparecer, de modo significativo, artigos cujo objectivo principal é o de dar a conhecer projectos de intervenção nesta área.²¹ Esta crescente diversidade de abordagens far-se-á sentir, também, pelo contributo das várias áreas disciplinares²² em que se inscrevem as várias publicações.

Finalmente, é de referir o papel desenvolvido pelo Ministério da Educação na divulgação de análise e/ou de projectos do domínio da diversidade cultural²³.

3.2.3. Teses de mestrado e doutoramento

A pesquisa de trabalhos académicos – dissertações de mestrado e teses de doutoramento – é um trabalho difícil por não existir uma recolha sistemática de dados feita à escala nacional e pela diversidade de instituições e cursos que atribuem os graus.

Tendo em conta a delimitação do conceito de diversidade porque optámos para realizar este trabalho (e que, tal como já referimos, inclui questões de etnia, classe social, meio rural e urbano e alguns modos de vida) fizemos a pesquisa de teses através das áreas que privilegiadamente se ocupam destas questões, seleccionando então, trabalhos nas áreas de Ciências da Educação, Sociologia, Antropologia, Relações Interculturais e Linguística e, dentro destas, as que se incluíam nas categorias apontadas. É claro para nós que, para esta categorização ser absolutamente rigorosa, seria necessário ter acesso directo às teses e/ou aos seus resumos. Face a esta impossibilidade (que deriva não só de questões temporais mas também de dificuldades de acesso) seleccionámos os trabalhos com base no títulos e/ou palavras-chave indicadas.

²¹ Ver, por exemplo, CIOE – Multicultural, Noesis, Intervenção Social

²² Sociologia, antropologia, pedagogia, entre outras

²³ Foram identificadas cinco revistas que publicaram durante este período, 31 artigos.

A filtragem efectuada com recurso a estes dois indicadores permitiram-nos encontrar 150 registos de teses realizadas naquelas diferentes áreas, em Portugal e por autores portugueses. Em anexo (Anexo nº4) apresenta-se a lista de referências encontradas organizadas por ordem alfabética de autor dentro de cada área e distinguindo dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

A análise do quadro apresentado em anexo permite-nos fazer várias leituras em que se cruzam diversos aspectos.

Se considerarmos o âmbito das teses de mestrado e doutoramento podemos admitir (pelo título e/ou palavras-chave) que ele se distribui pelos três tipos: *conhecimento sobre culturas* (em que é produzida uma reflexão e conhecimento de grupos culturais específicos relativamente às suas práticas, modos de vida, construção identitária, entre outros); *estudos transversais* (onde as questões de diversidade estão presentes e atravessam todo o estudo apesar de poderem não ser, necessariamente, o objecto de estudo central); e *educação e diversidade* (trabalhos que tratam especificamente a relação entre a educação e a escola com a diversidade cultural). O quadro (Quadro 6) seguinte indica-nos a quantidade de trabalhos produzidos em cada um destes tipos:

QUADRO 6	
TESES DE MESTRADO E DOUTORAMENTO	
Âmbito das teses de Mestrado e Doutoramento	Quantidade
Conhecimento sobre culturas	35
Estudos transversais	39
Educação e diversidade	76

A significativa diferença encontrada na quantidade de teses cujo âmbito é a *educação e diversidade* relativamente aos dois outros âmbitos poderá explicar-se pelas áreas científicas em que esses trabalhos se inscrevem. Como é evidente, cada área importa para a sua reflexão o contributo científico produzido pela própria área, o que se reflecte na centralidade atribuída a cada um destes âmbitos. Assim, as teses que se inscrevem no *conhecimento sobre culturas* são sobretudo trabalhos desenvolvidos em Sociologia, Antropologia e Linguística. Podemos encontrar *estudos transversais* em todas as áreas científicas mas os trabalhos sobre *educação e diversidade* são desenvolvidos essencialmente (ainda que não exclusivamente) nas áreas de Ciências da Educação e Relações Interculturais. E são estas duas áreas que maior produção têm sobre questões de diversidade cultural.

Se tivermos em conta os itens *área científica em que são produzidas as teses e ano em que são realizadas* obtemos os seguintes quadros-síntese:

QUADRO 7

QUADRO-SÍNTESE DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	Total/ /área
Ciências da Educação						1	1		1	5	1	6	12	8	5	40
Sociologia							1	1	5	5	3	2	2	4		23
Antropologia								1		1		1	1			4
Relações Interculturais								3	1	11	18	8	7	9	2	59
Linguística										2			1	2		5
Total/ano						1	2	5	7	24	22	17	23	23	7	

QUADRO 8

QUADRO-SÍNTESE DAS TESES DE DOUTORAMENTO

	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	Total/ /área
Ciências da Educação										1	1	1	1	2		6
Sociologia							1	2			1	3				7
Antropologia								1		1			1			3
Relações Interculturais																
Linguística										1						1
Total/ano							1	3		3	2	4	2	2		

Como se pode verificar, e relativamente às áreas científicas contempladas, existe um predomínio de teses de doutoramento em Ciências da Educação e Sociologia e de dissertações de mestrado em Ciências da Educação e em Relações Interculturais. Julgamos, no entanto, importante salientar que era quase evidente a preponderância de dissertações nesta última área dada a especificidade do próprio curso de mestrado. Já o mesmo não se pode dizer das Ciências da Educação pela maior vastidão de problemáticas que abarca. E ainda que aqui estejam contemplados cursos de mestrado em Ciências da Educação com especializações em questões de diversidade cultural (como por exemplo: Educação e Diversidade Cultural e Educação Intercultural) também podemos constatar que muitas dissertações em Ciências da Educação ou noutras especializações realizadas em mestrado (como por exemplo: Administração Educacional, Formação e Desenvolvimento para a Saúde, Formação de Professores, Supervisão Pedagógica, Educação e Desenvolvimento, Meto-

dologia da Educação Física e Avaliação Educativa) têm por objecto de estudo situações de diversidade, quer enquanto objecto central de análise, quer na sua consideração de forma transversal ao estudo efectuado. Estes são dois aspectos que nos parecem interessantes e, portanto, de salientar: por um lado a organização de cursos de mestrado com especializações em diversidade cultural, e por outro, a produção de teses sobre esta temática no âmbito de outras especializações.

Esta constatação poderá permitir-nos inferir a importância de que se revestem os estudos sobre a relação da educação com situações de diversidade cultural na escola portuguesa decorrente, em parte, da cada vez maior presença de alunos de culturas minoritárias no Sistema Educativo português. São disto exemplo, teses como: *"Inserção de jovens de origem africana no sistema escolar português: o que dizem e fazem professores de uma escola: estudo de caso"*; *"Sucesso na matemática: ênfase nas etnias minoritárias de origem africana residentes em Portugal"*; *"Timor-Leste, a sobrevivência de uma cultura": o sucesso escolar dos alunos timorenses em Portugal*; *"Porque os ciganos não gostam da escola: estudo realizado na escola do 1º ciclo de Nelas"*; *"Identificação nacional: as comunidades escolares de origem afro-lusófona e portuguesa."* Por outro lado, poder-se-á considerar que terá também significado a crescente importância teórica atribuída a esta temática (como se constata pelas publicações de livros e em revistas).

Também a atenção explícita de políticas educativas e sociais relativamente à diversidade cultural parece estimular o interesse pela temática. Sobre este aspecto encontramos teses que analisam práticas educativas face à diversidade. Veja-se, por exemplo, o caso de teses como *"A educação intercultural, uma exigência do séc. XXI: a influência que a homogeneidade ou heterogeneidade de turmas sob o ponto de vista étnico tem no aproveitamento escolar dos alunos pertencentes a minorias étnicas"*; *"As respostas da escola à diversidade cultural da comunidade: o caso de uma escola da zona da grande Lisboa"*; *"Gerir a diversidade no quotidiano da sala de aula como realidade culturalmente heterogênea e contraditória"* e outras que se debruçam sobre propostas do Estado para lidar com a diversidade, como, por exemplo, *"As palavras mais do que os actos?: o multiculturalismo no sistema educativo português"*; *"A escolarização em zonas de intervenção prioritária: o ponto de vista das crianças"*; *"A Europa da união e da diversidade: propostas educativas para uma cidadania multicultural"*.

Quanto aos anos de produção dos estudos é possível constatar que, sobretudo na segunda metade dos anos 90, acontece um *boom* de dissertações de

mestrado. O decréscimo existente em 2001 (e que contraria a tendência de aumento registada) poderá relacionar-se com questões relativas à organização dos cursos de mestrado, nomeadamente, o momento de abertura, número de candidatos admitidos, entre outras. No caso das teses de doutoramento as diferenças não são tão significativas mas é também de ressaltar que não se realizam tantas teses de doutoramento por ano e que o tempo para elaboração das mesmas é muito mais longo.

Seria interessante também poder cruzar a quantidade de teses produzidas com as instituições em que são realizadas. No entanto, e face à contingência já explicitada relativa à recolha de informação sobre a “literatura cinzenta”, julgamos não ser muito pertinente fazê-lo neste momento, uma vez que, poderíamos não estar a considerar outras instituições em que foram produzidas teses neste âmbito, mas que não se encontram nos registos da Biblioteca Nacional.

4. Considerações Finais

4.1. Análise dos dados recolhidos

Considerando, simultaneamente, os resultados a que se foi chegando através das análises feitas a publicações não periódicas, artigos em publicações periódicas, teses de mestrado e doutoramentos, poderá, em síntese, admitir-se que, apesar das dificuldades experimentadas, se colheram elementos que parecem indicar que:

- a partir da análise do número de trabalhos identificados (feitos em publicações não-periódicas, periódicas e em forma de teses) e que se realizaram nas décadas de 80 e 90 e nos anos 2000 e 2001 se pode admitir que tem vindo a ocorrer um aumento do interesse por problemas relacionados com a diversidade cultural, quer através de estudos sobre educação e diversidade, quer directamente sobre culturas e outros que têm a problemática da diversidade na base das preocupações teóricas, que estruturam o trabalho;
- a problemática despertou claro interesse mesmo a nível de instâncias oficiais (que aparecem responsáveis por um número significativa de publicações);

- = os temas que têm vindo a ser abordados parecem indicar que os problemas da diversidade têm vindo a ser tratados num número cada vez mais alargado de áreas de pesquisa (Sociologia, Educação, Antropologia, Linguística etc.);
- = as diferentes vertentes em que esta temática tem vindo a ser abordada ao longo destes anos parece também sugerir uma relação bastante clara da pesquisa com problemas que têm vindo a ter lugar, sucessivamente, na sociedade Portuguesa (descolonização, regresso de emigrantes, e a transformação de Portugal num país de imigração);
- = as diferentes abordagens que, ao longo das últimas décadas têm vindo sucessivamente a ter lugar, sugerem que estão a ocorrer mudanças no seu tratamento teórico. Pode notar-se que a problemática tende a ser tratada, progressivamente de forma mais abrangente, mais multireferencial, mais sofisticada, mais atenta às complexidades existentes no campo em análise;

4.2. Recomendações

Face ao trabalho realizado constata-se de imediato que há um conjunto de iniciativas que se podem propor no sentido de aprofundar e alargar este trabalho, nomeadamente:

- a necessidade de aprofundar a pesquisa acerca das produções que as associações cívicas têm vindo a fazer quer quanto à sua extensão, quer quanto às suas finalidades, quer quanto às temáticas quer privilegiam;
- a necessidade de completar a recolha feita e alargar o objecto de estudo incluindo, por exemplo, os trabalhos sobre emigração;
- a necessidade de compreender como é que a produção editorial das publicações em periódicos na área da diversidade cultural, em geral, afecta e é afectada pela investigação e pela produção editorial no domínio da educação;
- a necessidade de abordar a produção na área da educação a partir de uma análise mais aprofundada das obras publicadas, na continuação, aliás, do investimento já realizado, por exemplo, no livro: Cortesão, Luiza (coord.) e

outros (2000). *Na floresta dos materiais: Catálogo analítico de materiais de formação para a diversidade*. Lisboa: Celta Editora;

- o interesse de identificar através dessa análise aprofundada a evolução das perspectivas teóricas que tem vindo informar este campo, ao longo destes últimos anos, e tal como se sugere no § 4.3 proceder a um mapeando das mesmas.

4.3. Contributo para uma proposta de cartografia de estudos/intervenções sobre educação e diversidade

Um dos aspectos que seria mais interessante desenvolver numa pesquisa desta índole consistiria em, depois de caracterizar epistemológica e metodologicamente cada um dos trabalhos identificados, proceder a uma tentativa de cartografar esses mesmos trabalhos.

“Uma cartografia apesar de todos os riscos que envolve, e que consistem sobretudo em convidar a uma certa atitude redutora face à complexidade que informa um campo que se procura compreender (e para além de poder deixar de contemplar a tão importante dimensão temporal) poderá constituir uma proposta interessante. Poderá oferecer aos outros o acesso à nossa tentativa de interpretação de todos os dados que se dispõem de momento. Uma carta procura desdobrar, dispor num plano simplificado e legível todo um emaranhado de informações. O que antes era confuso desarticulado, poderá surgir, agora, transformado nesse mapa, conseguido através de um esforço de explicação e articulação do *puzzle* de dados avulsos, dados esses que, deste modo, adquirem significados novos e mais ricos” (Cortesão e Stoer, 2002:370)

E a verdade é que a construção de uma carta poderá também ser um centro irradiador de várias pesquisas neste campo. Por exemplo, um trabalho muito desafiante, que de certo modo iria neutralizar a ausência da dimensão temporal acima referida (de que habitualmente os trabalhos de cartografia enfermam) poderia consistir em construir várias cartas a propósito do mesmo campo de trabalho, relativas a diferentes épocas, recorrendo aos mesmos parâmetros. Uma sucessão de cartas deste tipo permitiria, certamente, que se identificasse, com certa facilidade, a evolução dos paradigmas orientadores das pesquisas feitas, bem como as preocupações maiores sobre que se debruçaram os trabalhos realizados, nas diferentes épocas, e em diferentes contextos sócio-políticos.

Porque se considera que, assim pensada, uma carta pode ser um estimulante instrumento heurístico, decidiu-se apresentar, a título de sugestão um exemplo de uma carta que não é mais do que um exemplo de, entre muitos, de mapas possíveis de se construir.

Nesta carta consideraram-se os quadrantes sugeridos por Wiewiorka. Wiewiorka oferece, de facto, um interessante instrumento da análise deste campo que permite uma localização de origem dos problemas que estão a estudar. Ele identifica, como se viu atrás, quatro tipos fundamentais de racismo: os decorrentes de problemas de identidade num contexto organizado de acordo com características de modernidade; conflitos entre identidades de grupos minoritários; os que decorrem de grupos minoritários, que procuram afirmar-se em contextos de modernidade e os que resultam de problemas entre grupos-produto da organização do mundo moderno (cf. p. 25). Nesta proposta de carta oferece-se também a possibilidade de referir se o trabalho em análise tem uma vertente forte de investigação ou se procura, preferencialmente, intervir em problemas existentes. É ainda possível indicar, através deste mapa, se esses trabalhos são realizados no quadro de análises mais abrangentes ou pelo contrário, de nível micro. Recorrendo a um código de cores, pode ainda indicar-se se a análise se situa num quadro de multiculturalismo benigno ou crítico. Por exemplo, o que se assinalou por A na carta (v. p. 55) poderia, representar um trabalho realizado numa turma (nível micro) sobre discriminação, através de práticas educativas desenvolvidas pelo professor com alunos ciganos (situação de “modernidade contra identidade”). Pode ver-se ainda que se indica ter sido este trabalho desenvolvido numa perspectiva crítica.

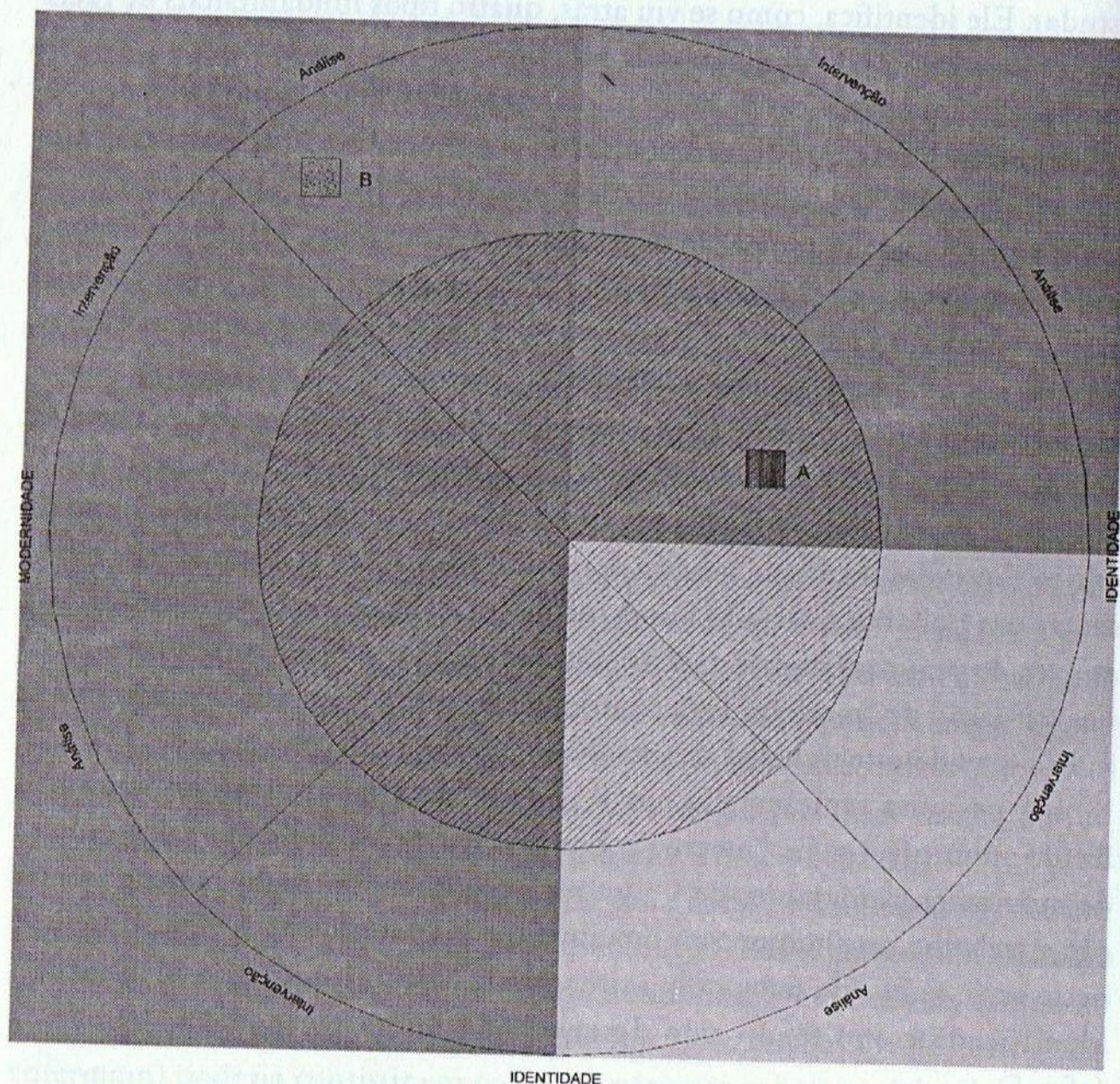
A pesquisa representada por B poderia ser relativa a um trabalho realizado num nível mais “macro” sobre, por exemplo, problemas decorrentes de movimentos migrantes de Leste que experimentam problemas de formação e trabalho no choque com movimentos migratórios de África. A análise, neste caso, teria sido feita a uma situação de “identidade contra identidade”, identificada como tendo sido desenvolvida numa perspectiva “benigna”. (cf. p. 5)





Esta carta poderia ter sido preenchida de forma a traduzir que características apresentam predominantemente os trabalhos (livros, artigos, teses) que se listaram no parágrafo 3 e que constam dos anexos 1, 2, 3 e 4. A carta poderia, evidentemente, ser construída a partir de outros parâmetros surgidos do campo de análise que se esteja a realizar.

Assim, este trabalho termina com uma sugestão, que é afinal um apelo, a que seja continuado. Talvez por nós, ou muito provavelmente por outros que trabalhem estes problemas e que estejam interessados em ir um pouco mais fundo e mais longe do que aqui se conseguiu fazer.

PROPOSTA DE CARTOGRAFIA DE TRABALHOS SOBRE DIVERSIDADE

MODERNIDADE



-  NÍVEL MICRO
-  NÍVEL MACRO
-  M. CRÍTICO
-  M. BENIGNO

Parâmetros
de
análise:

- Origem dos problemas: rel. identidades em contexto estudados de modernidade
- Nível de análise: micro/macros
- Finalidades metodológicas: investigação/intervenção

RESUMÉ

Dans ce travail on a essayé de reunir des données sur des travaux qui ont été faits les 15 années derniers au Portugal sur des problèmes de éducation et culture. On a fait, d'abord, une breve revision des differentes perspectives d'analyse existantes sur des situations de education et diversité. Ensuite, et malgré les difficultés on a eu pour obtenir des données, on a essayé d'identifier quelles sont les publications non periodiques, les atticles publiés dans des revues et des thèses qui ont été produites sur cette thématique et pendant cette période. Finalement on a fait une brève synthèse des donnés recueillis et on a proposé un exemple de carte qui permetra analyser les travaux produits (ou à produire) dans ce champ de recherche.

Mots-clés: Hétérogénéité, socio-culturelle/multiculturalité renversée/education et diversité/gestion de la diversité/discrimination et education.

ABSTRACT

In this paper efforts have been made to collect and organise data about works on multicultural education developed during the last fifteen years in Portugal.

The paper begins with a brief analysis of the concept of diversity.

Afterwards periodical and non-periodical works, papers and dissertations that were produced during this period are listed. Finally, after a brief synthesis, a chart is proposed with the intention of mapping the different works that have been developed in this field. This Chart may also serve as a guide for further mapping.

Key-words: Socio-cultural heterogeneity/inverted multiculturality/education and diversity/diversity maneging/discrimination and education.

Referências Bibliográficas

- Althusser, Louis (1980), *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Lisboa, Presença (3.^a ed.)
- Araújo, H.G., Mota, P., Castro Paulo (Coord.) (1998), *Nós e os outros: A exclusão em Portugal e na Europa*, Porto, Sociedade, Portuguesa de Antropologia e Etnologia
- Bernstein, Basil (1977), *Class, Codes and Control* (vol. 3), Londres: Routledge e Kegan Paul (2^a Ed.)
- Bernstein, Basil (1996) *A estruturação do Discurso Pedagógico*, Classe Códigos e Colntrolo, Pétropolis, Vozes

- Bourdieu, Pière, Passeron, Jean-Claude (1970) *La Reproduction: Éléments pour une Théorie de la Pratique du Système de l'Enseignement*, Paris, Minuit
- Chaubaux, Jackline (1977) *L'innovation à l'École Elementaire: Analyses et Reflexions*, Écoles de Demain, Conseil Quebecois pour la Prospective et l'Innovation en Education, Neuchatel, Delachaux et Niestlé: 9-16
- Cortesão, Luiza, Pinto, Fátima (1995), *O Povo Cigano, Cidadãos na Sombra*, Porto, Afrontamento.
- Cortesão, Luiza (1997) Uns são Mais iguais do que os Outros – Algumas Considerações sobre Educação Inter/Multicultural e o Problema da Democratização do Ensino, *Perspectivar Educação*, 3-4 Dez. 97: 21-32
- Cortesão, L., (1998a) Da necessidade de Vigilância Crítica em Educação a Importância da Prática da Investigação-Ação, *Revista Educação*, VII, 27-33
- Cortesão, Luiza (1998b) *O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: reflexões críticas*; Lisboa: IIE
- Cortesão, Luiza, Pacheco, Natércia, (1991) O Conceito de Educação Intercultural Interculturalismo e Realidade Portuguesa, *Inovação* vol. 4 n.º 213
- Cortesão, Luiza, Carlinda Leite, Rosa Madeira, Rosa Nunes e Rui Trindade (2000a) *Nos Bastidores da Formação, Contributo para o Conhecimento Actual da Formação de Adultos para a Diversidade em Portugal*, Lisboa Celta
- Cortesão, L., Gabriela Trvisan, M., José Araújo, M. Lisete Almeida, Preciosa Fernandes, Rui Trindade (2000) *Na Floresta dos Materiais, Catálogo analítico de materiais de formação para a diversidade*, Lisboa, Celta
- Cortesão, Luiza, H. Stephen R., (2001) Cartografando a Transnacionalização do Campo Educativo: O caso português in Boaventura S. Santos, *Globalização, Fatalidade e ou utopia*, Porto Afrontamento
- Cortesão, Luiza, Magalhães, António, H. Stephen R., (2001) Mapeando Decisões no Campo da Educação, No âmbito da Realização das Políticas Educativas, *Educação Sociedade e Culturas* n.º 15, 2001, 45-58
- Falcão, J., (1997) *A Extrema Direita em Portugal*, Lisboa, SOS Racismo
- Ferro, António (1933) *Salazar*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade
- Mendonça, Isabella (2001), *Nós não somos racistas, O Processo da Construção Social da "Multiculturalidade Invertida" durante o "Estado Novo"*, Porto, Fac. Psic. e C. Educação U.P. (Tese não Publicada)
- Neto, Dulce (2001) *Difficil é sentá-los*, Lisboa, Oficina do Livro
- Peres, Américo (1999), *Educação Intercultural: Utopia ou Realidade*, Porto, Profidicões
- Rocha Trindade, Beatriz (1998), *Interculturalismo e Cidadania nos Espaços Lusófonos*, Lisboa, Europa-América
- Cortesão; Luiza, Leite, Carlinda, Madeira, Rosa, Nunes, Rosa, Trindade, Rui (2000) *Nos Bastidores da Formação, Contributo para o Conhecimento da Situação Actual da Formação de adultos para a Diversidade em Portugal*, Lisboa, Celta
- Sousa, Santos, Boaventura (1995 a), *Toward a New Common Sense. Law Science and Politics in the Paradigmatic*, Nov. Yorque: Routlege
- Sousa, Santos, Boaventura (1995 b), *Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença* Palestra no VII Congresso Brasileiro da Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais Univ. do Rio de Janeiro (Policopiado)

- Bousa Santos, Boaventura (1997), Por uma concepção Multicultural de Direitos Humanos, *Revista de Ciências Sociais* 48, Coimbra, Centro de Estudos Sociais 11-33
- Bousa, Luiz (1997), Multiculturalismo e Educação, Porto, Profidicões
- Stephen R., Cortesão, Luiza (1996), A Interculturalidade e a Educação Escolar: Dispositivos pedagógicos e a construção do ponte entre culturas, *Inovação* vol. 9 n.º 1
- Stephen R., (1994) Construindo a Escola Democrática através do Campo de Contextualização Pedagógica, *Educação Sociedade e Cultura* n.º 1: 7-2
- Stephen R., (1993) O Projecto de Educação e Diversidade Cultural, para uma Sinergia de Efeitos de Investigação (PEDIC) e a Formação de Professores para a Diversidade in Secretaria Coordenador de Programas de Educação Multicultural – Entreculturas (org) *Escola e Sociedade Cultural*; 49-55
- Stephen R., (2000) Educação e o Combate ao Pluralismo Cultural Benigno, in José de Azevedo, Pablo Gentili, Andrea Kug, Catia Sincon, *Utopia e Democracia na Educação Cidadã*, Portalegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- H. Stephen R., Luiza Cortesão (1999) *Levantando a Pedra, Da Pedagogia Inter-Multicultural às Políticas Educativas numa época de Transnacionalização*, Porto, Afrontamento
- Stoer, Stephen, Cortesão, Luiza (1999) The Reconstruction of Home/School Relations: Portuguese Conception of the 'responsible parent', *International Studies in Sociology of Education*, vol. 9, n.º 1, 1999
- Wallerstein, Imanuel (1990) *Culture as the Ideological Bathleground of Modern World System* in Fealherstong (org), *Global Culture*, p. 31-56, London, Sage
- Wiewiorka, Michel (1995) *Racismo e Modernidade*, Lisboa, Bertrand

ANEXO 1

Abordagem exploratória da lista de livros publicados por editoras portuguesas, referente à temática da Educação e da Diversidade Cultural

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
1987	AAVV (AUTORES VÁRIOS)	Seminário Internacional sobre Educação de Adultos, Minorias e Áreas Desfavorecidas	Instituto Politécnico de Faro
1993	AAVV	Estratégias de sucesso educativo em contexto multicultural: Relatório da Conferência	Ministério da Educação: DEB
1993	AAVV	Escola e sociedade multicultural: Comunicações	Ministério da Educação: Secretariado Coordenador de Programas de Educação Multicultural (SCOPREM)
1995	AAVV	Estudo sobre a integração das crianças de minorias étnicas nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico: Relatório Final	Câmara Municipal de Lisboa: Conselho Municipal das Comunidades Migrantes e Minorias Étnicas
1996	AAVV	Actas: Educação para a Tolerância	Ministério da Educação: (SCOPREM)
1994	ABRANTES, José Carlos (Org.)	A outra face da escola	Ministério da Educação
1998	ALAÍZ, Vitor e outros	Projecto de educação intercultural: Relatório de avaliação externa	Ministério da Educação (SCOPREM)
1997	ALVES, Natália	Escola e comunidade local	IIE
1993	AMOR, Emília	Aprender português em contexto multicultural: Construir projectos	Plux: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa
1993	ARAÚJO, Helena Costa STOER, Stephen	Genealogias nas escolas: A capacidade de nos surpreender	Afrontamento (Ser professor)
1982 / 89	Associação Caboverdenana e Associação para a Educação Entre os Povos	O Educador de Adultos e a Comunidade Caboverdeana	Colecção "Djunta Mon" nº 1
1991	Associação Caboverdenana e Associação para a Educação Entre os Povos	Manual da Zita – Manual da Alfabetização – 2ª Fase	
1996	BOAL, Maria E. Iarda HESPANHA, M. Cândida NEVES, Manuela Borralho	Para uma pedagogia diferenciada	Cadernos PEPT
1992/1993 a 1995/1996	BRAGA, Ana Maria (coordenadora)	Base de dados Entreculturas	Ministério da Educação: SCOPREM
1996	CARDOSO, Carlos Manuel	Educação Multicultural: Percursos para práticas reflexivas	Texto Editora (Educação Hoje)
1998	CARDOSO, Carlos Manuel	Gestão Intercultural do Currículo – 1º Ciclo	Ministério da Educação SCOPREM

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
2001	CARDOSO, Carlos Manuel	Gestão Intercultural do Currículo – 2º Ciclo	Ministério da Educação SCOPREM
2001	CARDOSO, Carlos Manuel	Gestão Intercultural do Currículo – 3º Ciclo	Ministério da Educação SCOPREM
2001	CASA-NOVA, Maria José	Etnicidade, género e escolaridade: Estudo em torno das socializações familiares de género numa comunidade cigana da cidade do Porto	I.I.E. (Ciências da Educação)
1996	CASTILHO, Isabel Maria Matos Ramos	Da pedagogia do intercâmbio à relação intercultural: Representações	IIE
1997	CAVACAS, Fernanda	Ensinar / aprender a língua portuguesa pela vivificação de diferentes culturas e pela miscigenação linguística	Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses
2001	Conselho Nacional de Educação	Educação Intercultural e Cidadania	Ministério da Educação (Seminários e Colóquios)
1995	CORTESÃO, Luíza e outros	E agora tu dizias que...Jogos e brincadeiras como dispositivos pedagógicos	Afrontamento (Ser professor)
1999	CORTESÃO, Luíza	O arco-íris na sala de aula ? Processos de organização das turmas: Reflexões críticas	I.I.E. (Cadernos de organização e gestão escolar)
1994	CORTESÃO, Luíza	Quotidiens "hors norme" dans les récits des enfants	Revue de l'Institut de Sociologie Université Libre de Bruxelles
1995	CORTESÃO, Luíza STOER, Stephen	Projectos, Percursos, Sinergias no campo da Educação Inter/Multicultural – Relatório Final CIIE	C.I.I.E. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
2000	CORTESÃO, Luíza (coordenadora) e outros	Na floresta dos materiais: Catálogo analítico de materiais de formação para a diversidade	Celta
1996	COSTA, Elisa Mª Lopes	O povo cigano em Portugal, da História à Escola: Um caleidoscópio de informações	C.I.O.E. ESSE de Setúbal
1995	COTRIM, A. M. e al.	Educação Intercultural: Abordagens e Perspectivas	Ministério da Educação: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Intercultural
1995	COTRIM, A. M. e al.	Educação Intercultural: Relatos de experiências	Ministério da Educação: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Intercultural
1995	COTRIM, A. M. e al.	Educação Intercultural: Concepções e práticas em escolas portuguesas	Ministério da Educação: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Intercultural
1997	CUNHA, Pedro D'Orey	Entre dois mundos: Vida quotidiana de famílias portuguesas na América	Ministério da Educação: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Intercultural

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
2000	FONSECA, Teresa	A televisão e a multiculturalidade: Apropriação de mensagens televisivas por crianças de diferentes etnias	I.I.E. (A Escola e os Media)
s.d.	GAVIÃO, Luís	Escolas pluriculturas	IIE
1997	GONÇALVES, M. e al.	Educação Intercultural: Guia do Professor (1º Ciclo)	Ministério da Educação: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Intercultural
1990	ITURRA, Raul	Fugirás à escola para trabalhar a terra: Ensaios de Antropologia Social sobre o insucesso escolar	Escher
1990	ITURRA, Raul	A construção social do insucesso escolar: Memória e aprendizagem em Vila Ruiva	Escher
2000	LEITE, Carlinda RODRIGUES, Maria de Lurdes	Contar um conto, acrescentar um ponto: Uma abordagem intercultural na análise da literatura da infância	I.I.E. (Da escola para a escola)
2001	LEITE, Carlinda	O lugar da escola e do currículo na construção de uma educação multicultural in CARMEN, Ana; MOREIRA, António Flávio (orgs.) Ênfases e omissões no currículo	Papirus
2000	LIMA, Gisela Maria de	A mediateca escolar: Individualização e diferenciação do ensino	I.I.E. (A Escola e os Media)
	OIKOS	Um só mundo, um só futuro: Cadernos temáticos de apoio ao professor	OIKOS
1993	PAES, Isabel Sassetti	Escola e Sociedade Multicultural	Ministério da Educação: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Intercultural
1999	PERES, Américo	Educação intercultural: Utopia ou realidade ?	Profedições
2001	PINTO, Maria de Fátima Perestrelo	Gerir a diversidade no quotidiano da sala de aula	I.I.E. (Ciências da Educação)
1998	PINTO, Paulo Feytor	Formação para a diversidade linguística na aula de português	IIE (Práticas Pedagógicas)
1991	REIS, Filipe	Educação, ensino e crescimento: O jogo infantil e a aprendizagem do cálculo económico	Escher
1996	ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz MENDES, Maria Luísa Sobral (Organizadoras)	Educação Intercultural de Adultos	Universidade Aberta / Departamento de Educação Básica: Colecção de Estudos Pós-Graduados Europa América
1998	ROCHA-TRINDADE, M ^a Beatriz (coord.)	Interculturalismo e cidadania em espaços lusófonos	Europa América
2001	RODRIGUES, David (org.)	Educação e diferença: Valores e práticas para uma educação inclusiva	Porto Editora

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
2001	ROLDÃO, M ^a do Céu MARQUES, Ramiro	Inovação, currículo e formação	Porto Editora / CIDIne
1999	SEABRA, Teresa	Educação nas famílias: Etnicidade e classes sociais	I.I.E. (Temas de investigação)
1992	SCOPREM-DGEBS	Guião Orientador da Elaboração de Projectos Interculturais (Ensino Básico)	DGEBS-SCOPREM (Biblioteca de Apoio à Reforma do Sistema Educativo)
1993	SCOPREM-DGEBS	Escola e Sociedade Multicultural	DGEBS-SCOPREM (Biblioteca de Apoio à Reforma do Sistema Educativo)
1996	SCOPREM	Educação para a tolerância – Actas da Conferência	Ministério da Educação: SCOPREM
2000	SEIXAS, Maria José M. de	Le portugais en classe d'accueil: portrait de l'élève bilingue en jeune scripteur	I.I.E. (Temas de investigação)
1992	SOUTA, Luís	Várias culturas uma escola	ESE de Setúbal IPS
1997	SOUTA, Luís	Multiculturalidade & Educação	Profedições
1999	STOER, Stephen CORTESÃO, Luíza	Levantando a pedra: Da pedagogia Inter / Multicultural às Políticas Educativas numa Época de Transnacionalização	Afrontamento (Biblioteca das Ciências do Homem)
2000	STOER, Stephen CORTESÃO, Luíza	Multiculturalism and educational policy in a global context (European perspectives in BURBULES, Nicholas C.; TORRES, Carlos Alberto (ed.), Globalization and education: Critical perspectives	Routledge
2000	STOER, Stephen CORTESÃO, Luíza	Towards interactive education in Shulamit Ramon (ed.), Creating social work and social policy education in Kiev, Ukraine: Na experiment in social innovation	Anglia Polytechnic University
2001	STOER, Stephen CORTESÃO, Luíza	Multiculturalisme et politique éducative dans un context global. Une perspective européenne in WIEVIORKA, Michel; OHANA, Jocelyne (org.), La différence culturelle	Éditions Balland
1998	TAVARES, Manuel Viegas	O insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal	Piaget
1999	VIEIRA, Ricardo	Histórias de vida e Identidades: Professores e Interculturalidade	Afrontamento (Biblioteca das Ciências do Homem)
1999	VIEIRA, Ricardo	Ser igual, ser diferente: Encruzilhadas da Identidade	Profedições

ANEXO 2

Lista de livros publicados por editoras portuguesas relacionados de forma explícita com a temática da multiculturalidade e da diversidade cultural

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
1991	AAVV (AUTORES VÁRIOS)	Minorias étnicas pobres em Lisboa: Resumo dos principais resultados de pesquisa	Centro de Reflexão Cristã
1994	AAVV	Ainda bem que somos todos diferentes	SOS Racismo
1994	AAVV	Dinâmicas multiculturais: Novas faces, outros olhares (As Ciências Sociais nos países de língua portuguesa e os desafios contemporâneos)	Cosmo
1995	AAVV	Novos caminhos para a cidadania na Europa e os valores da igualdade: Género, multiculturalidade e direitos humanos	CIOE ESE de Setúbal
1996	AAVV	Colóquio minoria étnicas: A participação na vida da cidade	Câmara Municipal de Lisboa: Conselho Municipal das Comunidades Emigrantes e das Minorias Étnicas
1997	AAVV	O que é a raça ? Um debate entre Antropologia e Biologia	OIKOS
1998	AAVV	Portugal na transição do milénio	Fim de século (Margens)
2000	AAVV	Eu, cigano sempre ! Histórias de vida	Ministério da Educação D.E.B.
2001	AAVV	Ciganos – Números, Abordagens e Realidades	SOS Racismo
1999	ACIME	Igualdade e Inserção dos Ciganos: Relatório do Grupo de Trabalho para a Igualdade e Inserção dos Ciganos	Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas
2000	ALBUQUERQUE, Rossana FERREIRA, Lúcia Évora VIEGAS, Telma	O Fenómeno Associativo em Contexto Migratório: Duas décadas de associativismo de imigrantes em Portugal	Celta (Apoio da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas)
1990	ALMEIDA, João Ferreira	Portugal: Os próximos 20 anos	F.C. Gulbenkian
2000	ALMEIDA, Miguel Vale de	Um mar da cor da terra: Raça, política e cultura de identidade	Celta
1998	ARAÚJO, Henrique Gomes MOTA, Paula CASTRO, Paulo (coords)	Nós e os outros: A exclusão em Portugal e na Europa	Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
1990	BASTOS, Susana T. Pereira	A comunidade hindu da Quinta Holandes: Um estudo antropológico sobre a organização sócio-espacial da Casa	LNEC
1999	BASTOS, J.G.P. BASTOS, S.P.	Portugal multicultural	Fim de Século

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
1998	BETHENCOURT, Francisco CHAUDHURI, Kirti	História da expansão portuguesa	Círculo de Leitores
1999	BÉRTHOLO, Joana	Ausência de cor	SOS Anti-Racismo e Baleia Azul
1995	CACHADA, Francisco	Os números da imigração africana: Os imigrantes africanos nos bairros degradados e núcleos de habitação social dos distritos de Lisboa e Setúbal	IED: Cadernos CEPAC
1988	CALDAS, Hotelinda Prazeres e outros	Estudo da população cigana no distrito de Lisboa: Escolarização da criança cigana	Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
2000	CANOTILHO, José Joaquim Gomes e outros	Direitos humanos, estrangeiros, comunidades migrantes e minorias	Celta (Apoio da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas)
1999	CASTELO, Cláudia	O modo português de estar no mundo: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)	Afrontamento (Biblioteca das Ciências do Homem)
1996	CARMO, Hermano e outros	Exclusão social: Rotas de intervenção	I.C.S. – U.L.
1991	CASTRO, Paula E outros	Contributos para o estudo de grupos étnicos residentes na cidade de Lisboa: Vale do Areeiro – Um estudo de caso	LNEC
s.d.	CIDAC	Listagem nacional dos bairros onde vivem minorias étnicas	CIDAC
2001	CONTADOR, António Concorda	Cultura juvenil negra em Portugal	Celta
1998	Conselho Português para os Refugiados	O Ensino dos Direitos do Homem: Actividades para os Ensinos Básico e Secundário	Conselho Português para os Refugiados
1998	Conselho Português para os Refugiados	Guia de Acolhimento e Integração dos Refugiados	Conselho Português para os Refugiados
1993	CABRAL, João Pina LOURENÇO, Nelson	Em terra de tufões: Dinâmicas da etnicidade macaense	Instituto Cultural de Macau
1995	CORTESÃO, Luíza PINTO, Fátima	O povo cigano, cidadãos na sombra: Processos explícitos e ocultos de exclusão	Afrontamento
1991	COSTA, Alfredo Bruto da PIMENTA, Manuel	Minorias étnicas pobres em Lisboa	Departamento de Pesquisa Social do Centro de Reflexão Crística
1995	COSTA, Elisa M ^a Lopes da	Os ciganos: Fontes bibliográficas em Portugal	Madrid: Editorial Presencia Gitana (Interface)

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editores
1997	COSTA, Elisa M ^a Lopes da	O povo cigano entre Portugal e Terras de Além-Mar (Séculos XVI-XIX)	Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
1996	COSTA, P.M. ANTUNES, J.	Argumentário anti-racista	SOS Anti-Racismo
1996	CUNHA, Isabel Ferin e outros	Os africanos na imprensa portuguesa: 1923 – 1995	CIDAC
1998	ESTANQUE, Elísio MENDES, José Manuel	Classes e desigualdades sociais em Portugal: Um estudo comparativo	Afrontamento
1991	ESTEVES, Maria do Céu e outros	Portugal, país de imigração	I.E.D.
1997	FALCÃO, J.	A extrema-direita em Portugal	SOS Anti-Racismo
2000	FERREIRA, Eduardo Sousa RATO, Helena	Economia e imigrantes: Contribuição dos imigrantes para a economia portuguesa	Celta (Apoio da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas)
1997	FERREIRA, L.E.	Cabo Verde	Universidade Aberta
1995	FONSECA, Isabel	Enterrem-me em pé: A longa viagem dos ciganos	S. Paulo Companhia das Letras
1996	FRANÇA, L. PEIXINHO, C.	Racismo, a força do preconceito	OIKOS
1994	Frente Anti-Racista	Dossier Anti-Racista	Calbergráfica
2000	GARCIA, José Luís	Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados – Dois estudos introdutórios	Celta (Apoio da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas)
2000	GARCIA, José Luís NUNES, Diana Brito	Migrações e relações multiculturais: Uma bibliografia	Celta (Apoio da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas)
1999	GARCIA, S. FAINSTEIN, N. FAINSTEIN, S.	Minorias urbanas: Que direitos ?	João Sá da Costa
1992	GUERRA, Isabel SAINT-MAURICE Ana e outros	A comunidade caboverdeana em Portugal	Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
1991	ITURRA, Raul	A religião como teoria da reprodução social	Escher
1997	ITURRA, Raul	O imaginário das crianças: Os silêncios da cultura oral	Fim de século
1996	JOÃO, F. FALCÃO, J. OLIVEIRA, M.	2º Guia anti-racista	SOS Anti-Racismo
1996	MALHEIROS, Jorge Macaísta	Imigrantes na Região de Lisboa: Os anos da mudança	Colibri
1991	MARIANO, Gabriel	Cultura caboverdeana	Veja (Palavra Africana)
1996	MARQUES, C. CORREIA, J.R. REIS, M.F.	Comunidade cigana na diocese de Lisboa	Câmara Municipal de Lisboa (Pelouro da Acção Social)
1990	MARTINHO, João e outros	Indianos em Portugal: Que inserção?	ISCTE
2001	MATEUS, M ^a Helena Mira (org.)	Mais línguas, mais Europa: Celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa	Colibri
1993	MATIAS, A. CHALLINOR, E. KOWALSKI, E. SANTOS, J.	Uma humanidade, várias culturas – diálogo intercultural e cooperação in Germinal Unidades Didácticas – Módulo 7	CIDAC
1993	MATIAS, A. CHALLINOR, E. KOWALSKI, E. SANTOS, J.	Europa e diálogo intercultural – diálogo intercultural e cooperação in Germinal Unidades Didácticas – Módulo 8	CIDAC
1993	MATIAS, A. CHALLINOR, E. KOWALSKI, E. SANTOS, J.	A cooperação – diálogo intercultural e cooperação in Germinal Unidades Didácticas – Módulo 9	CIDAC
1993	MATIAS, A. CHALLINOR, E. KOWALSKI, E. SANTOS, J.	Causas e equívocos: A cooperação no contexto internacional in Germinal Unidades Didácticas – Módulo 13	CIDAC
1993	MATIAS, A. CHALLINOR, E. KOWALSKI, E. SANTOS, J.	A Convenção de Lomé – A cooperação no contexto internacional in Germinal Unidades Didácticas – Módulo 14	CIDAC
1993	MATIAS, A. CHALLINOR, E. KOWALSKI, E. SANTOS, J.	Cooperação, responsabilidade e desenvolvimento – A cooperação no contexto internacional in Germinal Unidades Didácticas – Módulo 15	CIDAC
1993	NETO, Félix	Psicologia da Migração Portuguesa	Universidade Aberta

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editora
1997	NETO, Félix	Estudos de Psicologia Intercultural: Nós e os Outros	F. Calouste Gulbenkian J.N.I.C.T.
1990	PEIXOTO, Rocha	Etnografia portuguesa	Dom Quixote
2000	PINTO, Fátima	A cigarra e a formiga: Contributo para a reflexão sobre o entrosamento de minoria étnica cigana na sociedade portuguesa	REAPN
1987	PIRES, Rui Pena	Os retornados: Um estudo sociográfico	Instituto de Estudos para o Desenvolvimento
1999	PILEIRA, Carlos Manuel	Mudanças sócio-culturais em Macau: A questão étnica macaense	ISCSP
1991	PORTO, Nuno	O corpo, a razão, o coração: A construção social da sexualidade em Vila Ruiva	Escher
1995	QUITÉRIO, A.L. OLIVEIRA, A.R. CASTRO, E. COSTA, L. FURTADO, M.	População e movimentos migratórios in Germinal Unidades Didáticas - Módulo 3	CIDAC
1995	QUITÉRIO, A.L. OLIVEIRA, A.R. CASTRO, E. COSTA, L. FURTADO, M.	Educação para o desenvolvimento – Conceitos e Práticas in Germinal Unidades Didáticas - Módulo 10	CIDAC
1993	QUITÉRIO, A.L. OLIVEIRA, A.R. CASTRO, E. COSTA, L. FURTADO, M.	Palavras e ideias – Educação para o Desenvolvimento in Germinal Unidades Didáticas - Módulo 11	CIDAC
1993	QUITÉRIO, A.L. OLIVEIRA, A.R. CASTRO, E. COSTA, L. FURTADO, M.	Realidades e perspectivas – Educação para o desenvolvimento in Germinal Unidades Didáticas – Módulo 12	CIDAC
1993	ROCHA, Elza AGUALUSA, José Eduardo SEMEDO, Fernando	Lisboa Africana	ASA
1995	ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz	Sociologia das Migrações	Universidade Aberta
2000	ROCHA-TRINDADE Maria Beatriz CAEIRO, Domingos	Portugal-Brasil: Migrações e migrantes	Inapa
1987	ROWLAND, R.	Antropologia, história e diferença	Afrontamento
1997	SAINT-MAURICE, Ana de	Identidades reconstruídas: Cabo-verdeanos em Portugal	Celta
1993	SANTOS, Boaventura Sousa	Portugal: Um retrato singular	Afrontamento
1986	SERRA, João Pavão	Filhos da estrada e do vento: Contos e fotografias de ciganos portugueses	Assírio e Alvim
1993	SILVA, Augusto Santos JORGE, Vitor Oliveira	Existe uma cultura portuguesa	Afrontamento (História e Ideias)
1992	SIMÕES, Cristina e outros	Documento do Encontro "A comunidade africana em Portugal"	Colibri

Data da Edição	Autor(es)	Título	Editores
1992	SOS Anti-Racismo	1º Guia Anti-Racista	SOS Anti-Racismo
s.d.	SOS Anti-Racismo	Ciganos	SOS Anti-Racismo
s.d.	SOS Anti-Racismo	Não ao racismo, Viva o desporto	SOS Anti-Racismo
1988	TINHORÃO, José Ramos	Os negros em Portugal: Uma presença silenciosa	Caminho
1999	VALA, Jorge	Novos racismos: Perspectivas comparativas	Celta
1993	VIEGAS, Alberto SILVA, João Sá e	Ciganos – Álbum de fotografias	Colibri
1992	VIEIRA, Ricardo	Entre a escola e o lar	Escher

ANEXO 3

Pesquisa: Publicações periódicas

Revistas de instituições do ensino superior, de associações científicas e do Ministério da Educação

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Educação, Sociedade & Culturas</i> / Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação	"CONSTRUINDO A ESCOLA DEMOCRÁTICA ATRAVÉS DO CAMPO DA RECONTEXTUALIZAÇÃO PEDAGÓGICA"	Stephen R. Stoer	Nº 1 / 1994	pp. 7 - 27
	"QUOTIDIANOS MARGINAIS 'DESVENDADOS' PELAS CRIANÇAS	Luiza Cortesão	Nº 1 / 1994	pp. 63 - 86
	A RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO PROFESSOR PORTUGUÊS NA SUÍÇA: TENSÕES ENTRE O DISCURSO INSTITUCIONAL E E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS	Maria José Metello de Seixas	Nº 3 / 1995	pp. 73 - 96
	MENTALIDADES, ESCOLA E PEDAGOGIA INTERCULTURAL	Ricardo Vieira	Nº 4 / 1995	pp. 127-147
	VANTAGENS DA INSTRUÇÃO E DO TRABALHO - "ESCOLA DE MASSAS" E IMAGENS DE UMA EDUCAÇÃO "COLONIAL PORTUGUESA"	João Carlos Paulo	Nº 5 / 1996	pp. 99 - 127
	A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NO ÂMBITO DE UMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INTER/ MULTICULTURAL	Luiza Cortesão e Stephen R. Stoer	Nº 7 / 1997	pp. 7 - 28
	A ORALIDADE E A ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DO SOCIAL	Raúl Iturra	Nº 8 / 1997	pp. 7 - 20

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
Educação, Sociedade & Culturas / Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação	"MESMO NOS CONCURSOS AGENTE APRENDE COISAS" – TELEVISÃO E ESCOLA – UM CONFLITO DE UNIVERSOS E DISCURSOS	Maria José Metello de Seixas	Nº 8 / 1997	pp. 21 - 46
	ACERCA DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA – OBJECTIVOS, CONTEÚDOS E CONTEXTOS DE REALIZAÇÃO	Rui Vieira de Castro	Nº 8 / 1997	pp. 89 - 104
	DO MULTICULTURALISMO À EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	Ricardo Vieira	Nº 12/1999	pp. 123-162
	JAZZ E MULTICULTURALISMO	David Rodrigues	Nº 12/1999	pp. 47-62
	DO CONFRONTO DE CULTURAS ÀS RELAÇÕES INTERCULTURAIS	Natércia Alves Pacheco	Nº 13 / 2000	pp. 119-140
	NÓS E OS OUTROS	Raúl Iturra	Nº 14 / 2000	pp. 7-26
	A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL NO DEBATE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A CIÊNCIA E A ACÇÃO SOCIAL	Telmo Caria	Nº 14 / 2000	pp. 89-102
	ANTROPOLOGIA DA LITERATURA. A MULTICULTURALIDADE NO <i>CORPUS</i> LITERÁRIO PORTUGUÊS	Luís Souta	Nº 14 / 2000	pp. 103-120
	A ESCOLA NO MUNDO RURAL: CONTRIBUTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM OBJECTO DE ESTUDO	Rui Canário	Nº 14 / 2000	pp. 121-140
	ETNICIDADE E CLASSES SOCIAIS – EM TORNO DO VALOR HEURÍSTICO DA CONCEPTUALIZAÇÃO DA ETNIA COMO CATEGORIA SOCIAL	Mª José Casa Nova	Nº 16 / 2001	pp. 63-82

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Educação, Sociedade & Culturas</i> / Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação	EXPERIÊNCIAS DO VIVIDO ATRAVÉS DA LITERATURA PORTUGUESA: ESCOLAS E MULTICULTURALIDADES – DIÁLOGOS SOBRE O VIVIDO	Luís Souta. Carlos Cardoso & Rubem Cabral	Nº 15 / 2001	pp. 149-196
<i>Multicultural CIOE - ESE SETÚBAL</i>	"ACÇÃO DE FORMAÇÃO DE MEDIADORES CIGANOS"	Elisa Maria Lopes da Costa	Nº 2 / 1993	S/R*
	"ACTAS DO SEMINÁRIO A INTEGRAÇÃO E A FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULARES"		Nº 2 / 1993	
	"O ESTUDO DO MEIO A UMA SÓ COR"	Helena Castro; Luisa Solla	Nº 3 / 1994	
	CIGANOS NA MÚSICA CLÁSSICA OBRAS DE PIANO: CIGANOS HÚNGAROS E ANDALUZES	Clara Correia	Nº 3 / 1994	
	"TCHILOLI DE SÃO TOMÉ - IDENTIDADE CULTURAL NUMA NOVA NAÇÃO AFRICANA"-	Rosa Clara Neves	Nº 4 / 1995	
	"O CASTANHO ERAMAS OVELHAS AOS MILHARES",	Margarida Damião	Nº 4 / 1995	
	A TRADIÇÃO CIGANA E A MÚSICA ERUDITA - ÓPERA	Clara Correia	Nº 4 / 1995	
	TOLERÂNCIA ADIADA	Luís Souta	Nº 5 / 1995	
	ANTROPOLOGIA E MULTICULTURALISMO	Carlos Manuel Neves Cardoso	Nº 5 / 1995	
	RACISMO: O ETERNO RETORNO?	Luís Souta e Emiltina Matos	Nº 5 / 1995	
	O RAP NA RUA E NA ESCOLA	Rosa Clara Neves	Nº 5 / 1995	
	MULTICULTURALIDADE NOS CURSOS NOCTURNOS	Alfredo Santos Marques	Nº 5 / 1995	pp. 9-10

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Multicultural CIOE - ESE SETÚBAL</i>	NOVOS CAMINHOS PARA A CIDADANIA NA EUROPA E OS VALORES DA IGUALDADE: GÉNERO, MULTICULTURALIDADE E DIREITOS HUMANOS	CIOE (sem mais referências)	1995 (sem mais referências)	
	INVESTIGADOR INTERCULTURAL: A PERPLEXIDADE NA ESCOLHA DOS CONCEITOS	Alfredo Santos Marques	nº 6 / 1996	pp. 2-3
	OS MEDIADORES CIGANOS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA	Elisa Maria Lopes da Costa	Nº 7 / 1996	pp. 4-6
	LÍNGUAS E CULTURAS	(Número temático)	nº 8 / 1997	
<i>Revista de Educação /Depart. de Educação da F.C. da U.L.</i>	A APOLOGIA DA DIVERSIDADE	António José Correia de Almeida	Vol. V, nº1, 1995	pp. 101-112
	DA NECESSIDADE DA VIGILÂNCIA CRÍTICA EM EDUCAÇÃO À IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO	Luiza Cortesão	Vol. VII, nº1, 1998	S/R*
	UMA ANÁLISE DA DIMENSÃO MULTICULTURAL NO CURRÍCULO	Carlinda Leite	Vol. IX, nº1, 2000	pp. 137-143
<i>Revista portuguesa de educação I.E. – U. Minho</i>	EDUCAÇÃO CULTURA E IDEOLOGIA	José N. Ornelas	Nº 4 (3), 1991	pp. 75 – 82
	CULTURAL DIVERSITY AND SPECIAL EDUCATION: WHAT DOES THIS MEAN FOR THE PORTUGUESE SOCIETY	António Simões	Nº 7 (3), 1994	pp. 95-106
<i>Sociologia, Problemas e Práticas CIES / ISCTE</i>	A INTERACÇÃO SELECTIVA NA ESCOLA DE MASSAS	Carlos Alberto Gomes	Nº 3 / 1987	pp. 35-49
	IDENTIDADE SOCIAL: UM CONCEITO CHAVE OU UMA PANACEIA UNIVERSAL.	Maria Benedicta Monteiro, Maria Luísa Lima e Jorge Vala	Nº 9 / 1991	pp. 107-120

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Sociologia, Problemas e Práticas</i> CIES / ISCTE	ETNICIDADE EM PORTUGAL: CONTRASTES E POLITIZAÇÃO,	Fernando Luís Machado	N.º 12 / 1992	pp. 123-136
	DA ÍNDIA A PORTUGAL: TRAJECTÓRIAS SOCIAIS E ESTRATÉGIAS COLECTIVAS DOS COMERCIANTES INDIANOS	Patrícia e Mariana Alves Ávila	N.º 13 / 1993	pp. 115-133
	ASSOCIATIVISMO CABO-VERDIANO EM PORTUGAL: ESTUDO DE CASO DA ASSOCIAÇÃO CABO-VERDIANA EM LISBOA	Cristina Carita e Vasco Nuno Rosendo	N.º 13 / 1993	pp. 135-152
	EM BUSCA DA IDENTIDADE PERDIDA: O ESTUDO QUALITATIVO DAS CULTURAS DA ESCOLA.	Rui Gomes	Nº 14 / 1993	pp. 105-126
	AMBIENTE URBANO: DESIGUALDADES E CONSTRANGIMENTOS NA CIDADE DE LISBOA	João Lutas Craveiro,	nº 15 / 1994	pp. 113-122.
	LUSO-AFRICANOS EM PORTUGAL: NAS MARGENS DA ETNICIDADE	Fernando Luís Machado,	n.º 16 / 1994	pp. 111-134.
	IMIGRAÇÃO, ETNICIDADE E MINORIAS ÉTNICAS EM PORTUGAL (bibliografia)	Fernando Luís Machado	n.º 16 / 1994	pp. 187-192.
	CIGANOS E HABITAT: ENTRE A ITINERÂNCIA E A FIXAÇÃO	Alexandra Castro	n.º 17 / 1995	pp. 97-111.
	CENÁRIOS DE PRÁTICAS CULTURAIS EM PORTUGAL (DOSSIER)	Idalina Conde	n.º 23 / 1997	pp. 117-188.
	INVESTIGAÇÃO TRANSCULTURAL SOBRE ATITUDES FACE AOS IMIGRANTES : ESTUDO PILOTO DE LISBOA	Maria do Rosário Dias, Jordi Garcés Ferrer e Francisco Ródenas Rigla	n.º 25 / 1997	pp. 139-153.

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Sociologia, Problemas e Práticas</i> CIES / ISCTE	CONSCIÊNCIA DE GERAÇÃO E ETNICIDADE: DA 2ª GERAÇÃO AOS NOVOS LUSO-AFRICANOS	António Concorde Contador	1998 n.º 26	pp. 57-83
	DA GUINÉ-BISSAU A PORTUGAL: LUSO-GUINEENSES E IMIGRANTES	Fernando Luís Machado	n.º 26, 1998	pp. 9-56.
	NO TEMP(L)O DA ARTE: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS CULTURAIS	Maria Benedita Portugal e Melo	n.º 28, 1998	pp. 149-166
	IMIGRANTES E ESTRUTURA SOCIAL,	Fernando Luís Machado	n.º 29, 1999	pp. 51-76
	EFEITO DE 'MEIO' E DESENVOLVIMENTO URBANO: O CASO DA FILEIRA DA CULTURA	Pedro Costa	n.º 29, 1999	pp. 127-149.
	OS NOVOS NOMES DO RACISMO: ESPECIFICAÇÃO OU INFLAÇÃO CONCEPTUAL?	Fernando Luís Machado	n.º 33, 2000	pp. 9-44.
	MUÇULMANOS NA MARGEM: A NOVA PRESENÇA ISLÂMICA EM PORTUGAL	Nina Clara Tiesler	n.º 34, 2000	S/R*
	CONTEXTOS E PERCEPÇÕES DE RACISMO NO QUOTIDIANO	Fernando Luís Machado	N.º 36, 2001	pp. 53-80.
	A MÚSICA E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DOS JOVENS NEGROS PORTUGUESES	António Concorde Contador	n.º 36, 2001	pp. 109-120
<i>Antropologia Portuguesa</i> Dep. Antropologia – UC	A PREVENÇÃO DE TOXICODPENDÊNCIAS EM CONTEXTO PLURICULTURAL: FACTORES DE RISCO E FACTORES DE EQUILÍBRIO NAS COMUNIDADES CABO-VERDIANAS IMIGRADAS EM PORTUGAL	Mª Helena Reis Cabeçadas	Vol.12, 1994	pp. 137-153

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Perspectivar Educação</i> ESE Santa Maria - Porto	UNS SÃO MAIS QUE OS OUTROS – ALGUMAS QUESTÕES SOBRE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL E O PROBLEMA DA DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO	Luiza Cortesão	Nº 3/ 4, 1997	pp.21-32
	PERSPECTIVAS MULTICULTURAIS NAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	Carlinda Leite	Nº5, 1999	S/R*
	DA VIOLÊNCIA DA HOMOGENEIZAÇÃO À HETEROGENEIZAÇÃO DA ESCOLA	Isabel Carvalho	Nº 5, 1999	pp. 16-51
<i>Revista do Serviço Social</i> ISSS	REFLEXÕES A PROPÓSITO DA MINORIA ÉTNICA CIGANA EM PORTUGAL: APROXIMAÇÃO SOCIOLÓGICA SOBRE UMA IDENTIDADE DESCONHECIDA	Paulo Machado	nº 4, 1994	S/R*
<i>Intervenção Social</i> ISSSL	MULTICULTURALIDADE E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA. O PROJECTO FENIX	Adelino de Jesus Antunes	Nº 17-18, 1998	pp. 85-109
	AS COMUNIDADES MIGRANTES EM PORTUGAL	Manuel Menezes	Nº 20, 1999	pp. 133-150
	"A CIGARRA E A FORMIGA", CONTRIBUIÇÕES PARA A REFLEXÃO SOBRE O SENTIMENTO DA MINORIA ÉTNICA CIGANA NA SOCIEDADE PORTUGUESA	Fátima Pinto	Nº 21, 2000	pp. 129-134
	O MEDIADOR INTERCULTURAL: UM AGENTE DE INTERACÇÃO – ESTUDO DE CASO 2	Manuela Marinho & Mª Inês Amaro	Nº 22, 2000	pp. 49-78

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Ethnologia</i> CEE- U. Nova de Lisboa	RACISMO E XENOFOBIA	A G. Mesquitela Lima	Nova série, nº3-4, 1995	S/R*
	O ESTIGMA DA FACA: CABO-VERDIANOS EM PORTUGAL	João Lopes Filho	Nº3-4, 1995	S/R*
<i>Análise Social</i> /ICS-UL	PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS DA INTERCULTURALIDADE	Maria Beatriz Rocha-Trindade,	nº 123/124, 1993	S/R*
	OS IMIGRANTES E O MERCADO DE TRABALHO	M ^a Ioanis Baganha; João Ferrão & Jorge Macaísta Malheiros	vol. XXXIV, nº150, 1999	pp. 147-173
<i>Diálogo Entreculturas</i> Secreteriado Entreculturas/ M.E.	EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS	Isabel Guerra	Nº5 Junho/ 1993	S/R*
	PROJECTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	J. M. Azevedo	Nº5 Junho/ 1993	pp. 1
<i>Forma</i> Ministério da Educação	CONTEXTO E ENQUADRAMENTO DO PROJECTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	Isabel Guerra	Nº 43/ 1993	pp. 10-13
	O CONCEITO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL. INTERCULTURALISMO E REALIDADE PORTUGUESA	Luiza Cortesão Natércia Pacheco	nº 47 / 1993	pp. 54-61
<i>INOVAÇÃO</i> / Instituto de Inovação Educacional M.E.	O CONCEITO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL. INTERCULTURALISMO E REALIDADE PORTUGUESA	Luiza Cortesão Natércia Pacheco	Vol 4, nº 2-3/ 1991	pp. 33 - 44
	A EDUCAÇÃO MULTICULTURAL	Luís Souta	Vol 4, nº 2-3/ 1991	pp. 45-52

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
INOVAÇÃO / Instituto de Inovação Educacional M.E.	REFERÊNCIAS NO PERCURSO DO MULTICULTURALISMO: DO ASSIMILACIONISMO AO PLURALISMO	Carlos Manuel Neves Cardoso	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	S/R*
	CURRÍCULOS PARA A DIVERSIDADE CULTURAL: DO DEBATE TEÓRICO À PRÁTICA –	João Barbosa	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	pp. 39-40
	A INTERCULTURALIDADE E A EDUCAÇÃO ESCOLAR: DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS E A CONSTRUÇÃO DA PONTE ENTRE CULTURAS	Luíza Cortesão e Stephen R. Stoer	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	S/R*
	DA LUTA ANTI-RACISTA À EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	Natércia Pacheco	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	
	O MULTICULTURALISMO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: QUE ESTRATÉGIAS NUMA MUDANÇA CURRICULAR?	Carlinda Leite	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	
	REFLEXÕES EM TORNO DE UM PROJECTO DE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL	Isabel Guerra	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	
	LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO MULTICULTURAL	Maria da Natividade Pires	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	
	CURRÍCULO E EDUCAÇÃO MULTICULTURAL NO ÂMBITO DA HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE PORTUGAL	Dulcinea Gil	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	
	A ESCOLA INCLUSIVA: DO CONCEITO À PRÁTICA	Ana Maria Benard da Costa	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	
	O PAPEL DAS UNIVERSIDADES ABERTAS NAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS	Maria Beatriz Rocha-Trindade	Vol. 9, N.º 1 e 2 / 1996	

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
INOVAÇÃO / Instituto de Inovação Educacional M.E.	CULTURA ACÚSTICA E LITERACIA EM MOÇAMBIQUE: EM BUSCA DE FUNDAMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL	José de Sousa Miguel Lopes	Vol. 13, N.º 1 / 2000	
	FAMÍLIAS AFRICANAS EM PORTUGAL: REPRESENTAÇÕES, ENVOLVIMENTO E EXPECTATIVAS DE PAIS E CRIANÇAS NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO	Maria Santos Silva e Ana Maria Morais	Vol. 13, N.º 1 / 2000	
	PREPOSIÇÕES E ENSINO DO PORTUGUÊS A CABO-VERDIANOS	Maria Helena Ançã	Vol. 14, nº1-2 / 2001	
NOESIS / Instituto de Inovação Educacional – M.E.	APOIOS EDUCATIVOS E MINORIAS ÉTNICAS	Carlos A. Pereira Correia & Mª Celeste Correia	Nº 27 Junho, Julho, Agosto/ 1993	pp. 39-40
	TELEVISÃO E MULTICULTURALIDADE	Teresa Fonseca	Nº 46 Abril Junho 1998	S/R*
	EXCLUSÃO SOCIAL E EXCLUSÃO ESCOLAR	Rui Canário	n.º 49 - Janeiro/ Março 1999	
	PORTUGUÊS, LÍNGUA NÃO MATERNA: FORMAÇÃO DE DOCENTES	Maria de Lourdes Crispim	nº 51 - Jul/Set 1999	
	DA LÍNGUA MATERNA À LÍNGUA SEGUNDA	Maria Helena Ançã	nº 51 - Jul/Set 1999	
	COELHO, KUEDJU, CONEJO, RABBIT	Adelina Maina Gouveia e Manuela Duque Vieira e Sousa	nº 51 - Jul/Set 1999	
	APRENDER A ENSINAR PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NÃO MATERNA	Glória Fischer e Maria da Luz Correia	nº 51 - Jul/Set 1999	
	"A SENHOR/A MANUEL/A VOCÊ VEM AMANHÃ?"	Urbana Pereira Bendiha	nº 51 - Jul/Set 1999	
	INTERCULTURALISMO: INTERNACIONAL, INTERCULTURAL, INTERESSANTE	Armanda Camisão	Nº 55 Jul/Set 2000	

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
NOESIS / Instituto de Inovação Educacional – M.E.	INCLUSÃO: SER IGUAL NA DIFERENÇA	Júlio Manuel Duarte Quintas.	Nº 59 - Julho/Setembro 2001.	
	LÍNGUAS E LINGUAGENS - INTERCULTURALIDADE E ENSINO PRECOCE DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA	Maria Teresa Mónica & Maria José Silvestre	Nº 57 - Janeiro/Março 2001	
	A VIOLÊNCIA E AS RUPTURAS CULTURAIS	Maria Rosa Afonso	Nº60 - Outubro/Dezembro 2001	
Revista Território Educativo DREN	ENTRE A PREVENÇÃO E A CURA, QUE OPÇÃO CURRICULAR?	Carlinda Leite	Nº 4, 1998	S/R*
	NUMA ENCRUZILHADA DE MÚLTIPLAS URGÊNCIAS – CONTRIBUIÇÕES PARA A ANÁLISE DE ALGUNS SIGNIFICADOS E CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO	Luíza Cortesão	Nº 6, 1999	pp. 16-26
	A FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA MAIS DEMOCRÁTICA E MAIS INCLUSIVA	Carlinda Leite	Nº 7, 2000	S/R*
	EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO SOCIAL	Manuel Jacinto Sarmento	Nº 8, 2000	pp. 24-35
	COLOURED UMBRELLA - UM PROJECTO DE EDUCAÇÃO NA E PARA A INTERCULTURALIDADE	Carlinda Leite, Cristina Gonçalves, Iolanda Castro, Manuela Costa & Mª João Schumacher	Nº 8, 2000	pp. 57-60
Colóquio, Educação e Sociedade / Fundação Calouste Gulbenkian	EUROPA – UNIDADE E DIVERSIDADE, EDUCAÇÃO E CIDADANIA	Guilherme de Oliveira Martins	Nº 1 OUT/1992	pp. 41-59

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Colóquio, Educação e Sociedade</i> /Fundação Calouste Gulbenkian	EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE	Guilherme de Oliveira Martins (c/ comentários de João Formosinho e de Rui Canário)	Nº1/Nova série OUT/1997	pp. 126-142
	INTERCULTURALIDADE E COESÃO SOCIAL	Adriano Moreira (c/ comentários de Luíza Cortesão e de Joaquim Pinto de Andrade)	Nº1/Nova série OUT/1997	pp. 79 - 103
<i>Sociologia</i> Revista da F. Letras – U. Porto	FORMAS E MECANISMOS DE EXCLUSÃO SOCIAL	António Teixeira Fernandes	I série Vol. I, 1991	S/R*
	ETNICIZAÇÃO E RACIZAÇÃO NO PROCESSO DE EXCLUSÃO SOCIAL	António Teixeira Fernandes	I Série, Vol V, 1995	
	ETNICIDADE CIGANA, EXCLUSÃO SOCIAL E RACISMOS	Maria Manuela Mendes	Nº 8, 1998	
<i>Revista Crítica das Ciências Sociais</i> CES - UC	KI YANG-YANG: UMA NOVA RELIGIÃO DOS BALANTAS?	Carlos Cardoso	Nº 32, 1991	pp. 245-258
	NEM CILA NEM CARIBDIS: SOMOS TODOS TRANSLOCAIS	Carlos Fortuna	Nº 32, 1991	pp. 367-279
	PRÁTICAS CULTURAIS, MODOS DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO	Ana Benavente e Lucília Salgado	Nº 33, 1991	pp. 243-252
	A CONSTRUÇÃO SOCIAL E SIMBÓLICA DO RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS	Isabel Caldeira	Nº 39, 1994	pp. 31-58
	FRONTEIRAS, HIBRIDISMOS E MEDIATIZAÇÃO: OS NOVOS TERRITÓRIOS DA CULTURA	João Arriscado Nunes	Nº 45, 1996	pp. 35-71
	POR UMA CONCEPÇÃO MULTICULTURAL DOS DIREITOS HUMANOS	Boaventura Sousa Santos	Nº 48, 1997	pp. 11-32

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Revista Crítica das Ciências Sociais</i> - UC	MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS DE E PARA PORTUGAL: O QUE SABEMOS E PARA ONDE VAMOS?	Maria I. Baganha & Pedro Góis	Nº 52/53, 1999	pp. 229
	O NEO-RACISMO E AS RESPONSABILIDADES DA ANTROPOLOGIA	João Filipe Marques	Nº 56, 2000	pp. 35-60
	RACISMO E CONFLITO INTERÉTNICO: ELEMENTOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO	Manuel Carlos Silva		pp. 61-79

Revistas estrangeiras

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>Études Tsiganes</i>	'CIGANOS' PORTUGAIS: UNE MARGINALIZATION TRADITIONELLE	Ana Maria Machado	Nº 34 (4)/1988	S/R*
	LES GITANES DE LISBONNE	Hortelinda Caldas		
<i>Revue Suisse de Sociologie</i>	DES CULTURES-ÎLES À LA SOCIÉTÉ-ARCHIPEL. CRITIQUE DE LA CONCEPTION MULTICULTURALISTE DE LA DIFFÉRENCIATION SOCIALE ET CULTURELLE	Fernando Luís Machado	23 (2)/1997	pp. 303-327
<i>Portuguese Studies</i>	PORTUGAL, POR UM MUNDO RACIAL E MULTICULTURAL	Maria Carrilho	Vol. 8, 1992	pp 34-39
<i>MCT-Multicultural Teaching (UK)</i>	QUINTA DA PRINCESA: A SCHOOL "REACHING OUT"	John Naysmith & Luis Souta	vol 16, nº1, 1997	pp. 35-38
<i>European Journal of Intercultural Education</i>	PORTUGAL: A PROFILE OF INTERCULTURAL EDUCATION	Beatriz Rocha-Trindade & M ^a Luísa Sobral Mendes	Vol 4, nº2, 1993	pp. 59-65

Nome da publicação/Instituição	Título do artigo	Autor	Número/Data	Páginas
<i>J. Education Policy</i>	CRITICAL INTER/MULTICULTURAL EDUCATION AND THE PROCESS OF TRANSNATIONALIZATION: A VIEW FROM THE SEMIPERIPHERY	Stephen R. Stoer & Luíza Cortesão	Vol.10, nº4, 1995	pp. 373-384
<i>Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História U. Brasília</i>	O POVO CIGANO E O DEGREDO: CONTRIBUTO POVOADOR PARA O BRASIL COLÔNIA	Elisa Maria Lopes da Costa	Vol.6 Nº 1-2, 1998	pp. 35-56
<i>Revista Brasileira de Educação</i>	ACERCA DO TRABALHO DO PROFESSOR- DA TRADUÇÃO À PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PROCESSO EDUCATIVO	Luiza Cortesão & Stephen Stoer	Nº 11, 1999	pp. 33-45
<i>International Studies in Sociology of Education</i>	THE RECONSTRUCTION OF HOME/SCHOOL RELATIONS: PORTUGUESE CONCEPTIONS OF THE "RESPONSIBLE PARENT"	Stephen Stoer & Luiza Cortesão	Vol. 9, nº1, 1999	pp. 23-38
<i>Intercultural Education</i>	ACTION-RESEACH AND THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN A TEACHER EDUCATION BASED ON INTER/MULTICULTURAL EDUCATION	Stephen Stoer & Luiza Cortesão	Vol. 12, nº 1, 2001	pp. 65-78
<i>Revue de L'Institut de Sociologie U.L. Bruxelles</i>	QUOTIDIENS ' HORS LES NORMES' DANS LES RÉCITS DES ENFANTS	Luiza Cortesão	Nº 1-2, 1994	pp. 103-116

ANEXO 4

Mestrados

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO ¹
<i>Interculturalidade nos espaços informais da escola: um estudo etnográfico</i>	ALBERNAZ, Maria do Carmo Diniz	2000-Mestrado em Ciências da Educação, Educ. Intercultural	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Escola Secundária de Alexandre Herculano/Alunos/Caracterização social/Porto	3
<i>A dimensão intercultural em manuais escolares de língua portuguesa do 3º ciclo do ensino básico</i>	ALEXANDRE, Maria João	1999-Mestrado em Ciências da Educação, Educ. Intercultural	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Ensino básico terceiro ciclo/Disciplina de língua portuguesa/Manuais de ensino/Educação intercultural/Importância dos manuais de ensino	3
<i>A educação intercultural, uma exigência do séc. XXI: a influência que a homogeneidade ou heterogeneidade de turmas sob o ponto de vista étnico tem no aproveitamento escolar dos alunos pertencentes a minorias étnicas</i>	ALMEIDA, Maria Ester de Almeida Proença Simão	1999-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Alunos de minorias étnicas do ensino básico primeiro ciclo/Sucesso escolar/Importância da educação intercultural/Estudos de caso	3
<i>Inserção de jovens de origem africana no sistema escolar português: o que dizem e fazem professores de uma escola: estudo de caso</i>	ANGEJA, Maria Olinda Antunes	1996-Mestrado em Ciências da Educação - Gestão e Administração Escolar	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Alunos de minorias étnicas do ensino básico/Integração escolar/Estudos de caso	3
<i>A escola e as dinâmicas culturais de comunidades em conflito: um estudo de caso</i>	ANTUNES, Engrácia Maria Mota Vieira Veloso	2000-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Relação escolas-comunidade/Importância dos projectos interculturais/Estudos de caso/Educação intercultural/Concelho de Loures	3
<i>Encontro entre margens: um olhar sobre uma escola na sua relação com a comunidade</i>	ARAÚJO, Deolinda	1999-Mestrado em Ciências da Educação - Educ. e Diversidade Cultural	Univ. Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação	Educação intercultural/Importância da relação escola-comunidade/Estudo de caso	2

¹ Nesta coluna será indicado o âmbito das dissertações e teses por referência ao título e palavras-chave de cada uma. A numeração apresentada indica:
 1 - Conhecimento sobre culturas; 2 - Estudos transversais; 3 - Educação e diversidade.

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
As respostas da escola à diversidade cultural da comunidade: o caso de uma escola da zona da grande Lisboa	CABAÇA, Joaquim Inácio Raminhos	1999-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. do Porto	Educação intercultural/Atitudes dos professores/Estudos de caso/Percepções dos alunos	3
Escola-família: relação sentida e relação sonhada: estudo de caso em contexto multicultural	CARVALHO, Maria Isabel Gonçalves de	1998-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. de Lisboa Fac. Psicologia e Ciências da Educação	Alunos do ensino básico primeiro ciclo/ Sucesso escolar/Importância da relação famílias-escolas	2
Etnicidade, género e escolaridade: estudo preliminar em torno da socialização do género feminino numa comunidade cigana de um bairro periférico da cidade do Porto	CASA NOVA, Maria José	1999-Mestrado em Ciências da Educação – Educ. e Diversid. Cultural	Univ. do Porto Fac. Psicologia e Ciências da Educação	Mulheres ciganas/Emprego/Importância do nível de instrução/Porto/Professores/ Práticas pedagógicas	3
O abandono escolar na Outurela: factores e percursos: um estudo exploratório	CASSIS, Filomena	2000-Mestrado em Ciências da Educação, esp. Educ. Intercultural	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Alunos de minorias étnicas do ensino básico terceiro ciclo/Sucesso escolar/ Influências do ambiente social/Outurela/ Abandono dos estudos/Influências do sucesso escolar/Conceito de si/Influências do sucesso escolar/Aspirações educativas	3
Aprender a cooperar e a trabalhar em grupo: estudo de caso	COSTA, Rita Maria da Câmara Ramalho Ortigão	1999-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa	Educação intercultural/Importância do trabalho em equipa/Sucesso escolar	2
A escolarização em zonas de intervenção prioritária: o ponto de vista das crianças	CRUZ, Maria de Fátima Pires da	2000-Mestrado em Ciências da Educação, esp. Administração Educativa	Univ. Lisboa	Alunos de minorias étnicas do primeiro ciclo/Sucesso escolar/Influências do ambiente sócio-cultural/Bairro da Cova da Moura/Representações dos alunos do ensino básico primeiro ciclo/Contribuições dos projectos educativos da escola/ Contribuições dos actores escolares	2
Da sardinha ao hambúrguer: alimentação e identidade cultural face à globalização	EIRA, Maria Cecília Peixoto da	1998-Mestrado em Ciências da Educação, esp. Form. e Desenv. para a Saúde	FPCE, Univ. Porto	Cultura local/Globalização Alimentação	2

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
<i>A Europa da união e da diversidade: propostas educativas para uma cidadania multicultural</i>	FERREIRA, Filipa Monteiro César	2001-Mestrado em Ciências da Educação – Educ. e Divers. Cultural	FPCE, Univ. Porto	Europa e Educação Cidadania Europeia	3
<i>Um estudo sobre a comunicação verbal em duas turmas multi-étnicas do 1º C.E.B.</i>	GOMES, Maria da Conceição Rocha	1998-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Lisboa	Alunos de minorias étnicas do ensino básico primeiro ciclo/Comunicação verbal/Educação intercultural	3
<i>Adolescentes: uma geração fragilizada?: diversidade e comportamentos juvenis</i>	GOMES, Maria Isabel dos Santos Resgate	1999-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Adolescentes de minorias étnicas/Modo de vida/Adolescentes portugueses/Comportamento	1
<i>Sucesso na matemática: ênfase nas etnias minoritárias de origem africana residentes em Portugal</i>	GUERRA, Maria Zita Santos da Rocha Gonçalves Marques	1996-Mestrado em Ciências da Educação	Universidade Católica de Lisboa		3
<i>"Os nossos e os outros: génese de um gueto?": reflexões sobre a possibilidade de existência de discriminação por parte de encarregados de educação numa escola do 1º C.E.B.</i>	LOPES, Paulo Jorge dos Santos	1996- Mestrado em Ciências da Educação, esp. Formação de Prof.	Univ. de Lisboa	Escolas do ensino básico primeiro ciclo/Racismo Estudo de caso	3
<i>Da educação pela arte às expressões artísticas integradas: formação, práticas e multiculturalidade</i>	LOURENÇO, Cristina Maria Mateus	1999- Mestrado em Ciências da Educação, esp. Educ. Intercultural	Univ. Católica Portuguesa	Área de expressões artísticas/Ensino-aprendizagem/Representações mentais dos professores/Importância da formação dos professores/Crianças/Desenvolvimento individual/Contribuições do ensino das artes	2
<i>A família e a leitura dos filhos</i>	MACHADO, Branca Leonor Castro Pires	2000-Mestrado em Ciências da Educação, esp. Superv. Pedag. em Ensino de Port.	Univ. Minho	Alunos do ensino básico de zonas urbanas/Hábitos de leitura/Influências da família/ Distrito de Bragança	2
<i>"Timor-Leste, a sobrevivência de uma cultura": o sucesso escolar dos alunos timorenses em Portugal</i>	MARTINS, Leonor da Paz Ribeiro Vieira	1999-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Alunos timorenses do ensino básico/ Sucesso escolar/Contribuições da relação famílias-escolas/Importância da integração escolar/Importância da identidade cultural	3

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
Explorando o conceito de dispositivo de diferenciação pedagógica: o filme Rosa e os seus amigos	MATOS, Damião	2000-Mestrado em Ciências da Educação – Educ. e Diversidade Cultural	FPCE, Univ. do Porto	Alunos do ensino básico primeiro ciclo/ Educação intercultural/ Contribuições da produção de filmes/ Estudo de caso	3
Nós não somos racistas: o processo de construção social da multiculturalidade invertida durante o Estado Novo	MENDONÇA, Isabella Maria Moreira	2001-Mestrado em Ciências da Educação – Educ. e Div. Cultural	FPCE, Univ. do Porto	Racismo/multiculturalismo/Educação em Angola	2
Educação para a tolerância num mundo multicultural: o caso do islamismo em manuais escolares portugueses	MICHEL, Eva	1997-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa	Educação intercultural/ Importância da tolerância/ Portugal/ Islamismo nos manuais de ensino	3
A relação escola-família numa comunidade educativa [Texto policopiado]: um estudo de caso	MONTEIRO, Maria Josefa Filipa de Viegas	1999-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa	Relação famílias-escolas/ Implementação/ Estratégias/ Educação intercultural/ Sucesso escolar	2
A formação de professores na perspectiva da multiculturalidade: análise das necessidades formativas	PINTO, Ana Luísa	1999-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Portucalense Infante D. Henrique	Educação intercultural/ Importância da formação dos professores	3
A cigarra e a formiga: contributos para a reflexão sobre o entrosamento da minoria étnica cigana na sociedade portuguesa	PINTO, Maria de Fátima	1995-Mestrado em Ciências da Educação	FPCE, Univ. do Porto	Minorias étnicas Cigana/Soc. portuguesa	1
Gerir a diversidade no quotidiano da sala de aula como realidade culturalmente heterogénea e contraditória	PINTO, Maria de Fátima de Perestrelo Gomes Barreiro	1998-Mestrado em Ciências da Educação – Educação e Diversidade Cultural	FPCE, Univ. do Porto	Diversidade/quotidiano educativo	3
Multiculturalismo, escolas e minorias étnicas: análise de duas práticas interculturais no distrito de Setúbal	PIRES, Ana Maria da Silva Milheiro Miranda	1993-Mestrado em Ciências da Educação, esp. Educação e Desenvolvimento	Univ. Nova de Lisboa	Alunos de minorias étnicas do ensino básico/ Integração/ Distrito de Setúbal/ Educação intercultural/ Relação escolas-comunidade	3
Orientação não formal: estudo de caso sobre uma modalidade de orientação para jovens em risco de exclusão social	RAMOS, Luísa Maria de Carvalho Pereira	1999- Mestrado em Ciências da Educação, esp. Educação e Desenvolvimento	Univ. Nova de Lisboa	Jovens em risco/Educação/ Contribuição das organizações locais/ Estudos de caso/ Almada/ Formação profissional	3

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
Olhar a diferença sem indiferença: sentidos da formação contínua de professores face à diversidade cultural: estudo de um caso	RODRIGUES, Maria de Lurdes da Silva	2001-Mestrado em Ciências da Educação – Educ. e Diversidade Cultural	FPCE, Univ. Porto	Diversidade/Formação	3
Literacias ambientais: estudo comparativo entre um meio urbano e um meio rural	RODRIGUES, Natércia Augusta Vilariça	2001-Mestrado em Ciências da Educação – Educ. e Diversidade Cultural	FPCE, Univ. Porto		2
Desenvolvimento motor, jogo e contexto cultural: estudo comparativo da actividade lúdica e do comportamento motor de três grupos de crianças com 6, 7, 8 e 9 anos pertencentes a meios socioculturais diferenciados	SERRA, Máio Cameira	1992-Mestrado em Ciências da Educação, esp. Met. da Educação Física	Fac. de Motricidade Humana da U.T.L.	Crianças/Desenvolvimento motor/Condiçõnantas socioculturais	2
Envolvimento social e desenvolvimento da criança: estudo das rotinas de vida diária das crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos nos meios rural e urbano	SERRANO, João Júlio Matos	1996-Mestrado em Ciências da Educação, esp. Met. da Educação Física	Univ. Técnica de Lisboa	Crianças/Vida quotidiana/Concelho de Castelo Branco	2
Concepções e práticas interculturais no currículo do 1º ciclo do ensino básico	SILVA, Ana Maria da Conceição Maduro da Costa e	1998-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Educação intercultural/Importância da formação dos professores do ensino básico primeiro ciclo	3
Da diversidade de formação à formação para a diversidade: análise de casos de formação contínua	SILVA, Maria João Almeida da	2001-Mestrado em Ciências da Educação – Educ. e Diversidade Cultural	FPCE, Univ. Porto		3
Vivência da multiculturalidade numa escola urbana: representações sociais dos alunos: um estudo etnográfico	SOUSA, Joana Campos de	2000-Mestrado em Ciências da Educação, variante Educ. Intercultural	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Ambiente educativo/Influências da cultura organizacional das escolas/Representações sociais dos alunos/Importância da educação intercultural/Estudos de caso	3
A geografia numa sociedade multicultural: das perspectivas de uma adequação curricular a diferentes necessidades educativas às práticas de desenvolvimento curricular ocorridas em três escolas	TAVARES, Maria José Ramires Sousa Saramago	1996-Mestrado em Ciências da Educação, área de Avaliação Educativa	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Ensino básico segundo ciclo/Disciplina de geografia/Curriculos	3

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE	ÂMBITO
Perspectivas profissionais de estudantes finalistas de uma universidade portuguesa pertencentes à Comunidade Angolana: estudo do caso	VALSASSINA, Maria Luísa Monte Cembra de	1998-Mestrado em Ciências da Educação	Univ. Católica Portuguesa, Lisboa	Alunos angolanos do ensino superior/ Perspectivas de carreira profissional	2
A educação como instrumento de politização e ideologização da sociedade angolana: um estudo sobre a homogeneização	VIEIRA, Laurindo	2000-Mestrado em Ciências da Educação – Educ. e Diversidade Cultural	FPCE, Univ. Porto	Políticas de educação/Angola/ Homogeneização	2
Modos de vida e diferenças culturais na comunidade da Colmeia	ALHO, Isabel Margarida Veiga da Costa	2000-Mestrado em Sociologia, esp. em Recursos Humanos	Univ. de Évora	Quarteira/População realojada/ Modos de vida/ Implicações do realojamento/ Práticas culturais	1
Sucesso escolar em meios populares: estratégias educativas familiares e pedagogia crítica	AMARAL, Isabel Côrte-Real	1996-Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Port.	Univ. Nova Lisboa	Sucesso escolar/Influências da estratificação social/Contribuições da relação famílias-escolas	3
Apropriação do espaço e desenvolvimento em bairros sociais: um estudo de caso	AUGUSTO, Nuno Miguel Cavaca	1998-Mestrado em Sociologia	Univ. de Évora	Integração social/Contribuições da habitação social/Bairro da Estação (Covilhã) / Relações sociais/Percepção da população	2
Os processos migratórios em S. Tomé e Príncipe e a corrente portuguesa	BONFIM, João do Sacramento	2000-Mestrado em Sociologia	Univ. de Coimbra	São Tomé e Príncipe/Emigração	1
Socialização e minorias culturais: estatutos sociais entre pares de alunos que frequentam o 5º e o 8º anos de escolaridade	COELHO, Fernanda Maria da Silva	2000-Mestrado em Sociologia	Univ. Técnica de Lisboa	Alunos de minorias étnicas/Socialização/ Importância da escola/Sucesso escolar/ Influências das condições sociais/ Comportamento/Influências das condições sociais	3
Um estudo sobre as dinâmicas de participação social na comunidade de Outurela-Portela	CORDEIRO, Ana Rita Moura da Silva	2000-Mestrado em Sociologia	Univ. Nova de Lisboa	Minorias étnicas/Participação social/ Outorela (Concelho de Oeiras, Portugal)/ Associativismo	2
Uma comunidade piscatória em Sines: o bairro marítimo	CORREIA, Paula Cristina Gonçalves	1996-Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Port.	Univ. Nova Lisboa	Pescadores/Vida quotidiana/Sines/ Sociabilidade/Diferenciação social	1

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
Representações parentais da escolarização: relação com a escola primária, classe social e dinâmica familiar	DIOGO, Ana Isabel dos Santos Matias	1996-Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Port.	Univ. Nova Lisboa	Ensino básico primeiro ciclo/Pensamento dos pais/Relação famílias-escolas	3
Os pobres face à exclusão: análise de um bairro social em Ponta Delgada	DIOGO, Fernando Jorge Afonso	1995-Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Port.	Univ. Nova de Lisboa	Pobreza/Ponta Delgada	2
Ações de realojamento e re-estruturação dos modos de vida: um estudo de caso	FREITAS, Maria João	1993-Mestrado em Sociologia Rural e Urbana	Univ. Técnica Lisboa	Habitação/Condições sociais/ Bairro da Boavista (Lisboa)/População/Estilos de vida/Implicações do realojamento	2
A construção social das identidades da mulher judia: Belmonte - de cristãs-novas a judias novas	GARCIA, Maria Antonieta	1998 Mestrado em Sociologia	Univ. Nova de Lisboa	Mulheres judias/Identidade cultural/ Belmonte/ Judeus portugueses/ Contribuição das mulheres judias)	1
Construção social de identidades juvenis em contexto de exclusão social	GONÇALVES, Alda Maria Pereira Teixeira	1995-Mestrado em Sociologia do Território	Inst. Sup. de Ciências do Trabalho e da Empresa	Jovens/Identidade social/Influências das condições sociais	2
Educação intercultural e ensino da(s) história(s)	LUCAS, José João Jorge Mendes	1999-Mestrado em Sociologia	Univ. de Coimbra	Educação intercultural/Importância do ensino da história/Alunos/Identidade cultural/Contribuições do ensino da história	3
Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal	MACHADO, Fernando Luís Lopes	1999-Mestrado em Sociologia	Univ. de Lisboa	Emigrantes guineenses/Portugal/1975-1991/Minorias étnicas	1
Educação e escolarização na aprendizagem rural do trabalho	MENDES, Luis Filipe Monteiro Guerra	1995-Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Port.	Univ. Nova de Lisboa	Educação rural/Trabalho rural/ Aprendizagem/Contribuições da educação escolar	2

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
Etnicidade, grupos étnicos e relações multiculturais: elementos para a compreensão das relações entre ciganos e não ciganos, no âmbito de uma sociologia das relações étnicas e ráticas: estudo de caso de dois grupos ciganos em Espinho e no Porto	MENDES, Maria Manuela Ferreira	1997-Mestrado em Sociologia (Poder Local, Desenv. e Mudança Social)	Univ. do Porto	Ciganos portugueses/Caracterização sócio-económica/Área metropolitana do Porto/Identidade cultural/Integração social	1
Formas de adaptação a um novo meio residencial: relações de vizinhança num bairro de Lisboa	MOREIRA, Fernando José Candeias	1996-Mestrado em Sociologia do Território	ISCTE, Lisboa	Relações sociais/Influências da heterogeneidade das classes sociais/Bairro de Chelas (Lisboa)/Influências das zonas urbanas	2
Timorenses num Portugal em mudança: análise sociocultural de um processo de exclusão social	PEREIRA, Helena Ventura	1995-Mestrado em Sociologia	Univ. Téc. de Lisboa	Timorenses/Integração social	1
"Nós não somos todos iguais": campo social de residência e estratégias de distinção num bairro de realojamento	RODRIGUES, José Manuel Cavaleiro	1997-Mestrado em Sociologia Rural e Urbana	ISCTE	Relações sociais/Implicações do realojamento/Bairro da Horta Nova (Lisboa)	2
Infidelidade conjugal: classe social e género	SANTOS, Filomena	1995-Mestrado em Sociologia da Família	ISCTE	Infidelidade conjugal	2
Estratégias familiares e socialização das crianças: etnicidade e classes sociais	SEABRA, Teresa	1994-Mestrado em Sociologia	ISCTE	Famílias/Socialização	2
Famílias africanas em Portugal: estudo das representações, envolvimento e expectativas de pais e crianças no 1º ciclo do ensino básico	SILVA, Maria Santos	1997-Mestrado em Sociologia (Família e População)	Univ. Évora	Alunos de minorias étnicas do ensino básico primeiro ciclo/Sucesso escolar/Influências das representações dos pais	3
'Kuduro', 'Flamenco' e 'Rap': identidades culturais salientes num contexto escolar urbano	BRINGEL, Maria Manuel da Costa	1998-Mestrado em Antropologia	Univ. Nova de Lisboa	Alunos de minorias étnicas do ensino básico/Identidade cultural/Concelho de Amadora	1
Os Salatinas do bairro das Sete Fontes: estudo de um caso de deslocação e realojamento forçados de moradores em contexto urbano	JOÃO, Mário Nobre	1994-Mestrado em Antropologia	Univ. Nova Lisboa	Bairro Económico de Celas (Coimbra)/População/História	2

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
<i>Um fantasma persegue a Europa: reflexões sobre neo-racismo europeu</i>	MARQUES, João Filipe Jesus	1996-Mestrado em Antropologia	Univ. Nova Lisboa	Racismo/Europa	2
<i>Identidade nacional: práticas e representações num contexto de fronteira</i>	SILVA, Luís Miguel de Sousa	1999-Mestrado em Antropologia (Patrim. e Ident.)	ISCTE, Lisboa	Montes Juntos (Alandroal)/População/Ident. nacional/Contribuição das festas populares/Ident. cultural/Cheles (Espanha)	1
<i>A dimensão intercultural em contexto pré-escolar: contributo para uma melhor articulação da educação escolar ao 1º ciclo do ensino básico</i>	AFONSO, Olga Maria Guerreiro da Palma Afonso	1999-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação pré-escolar/Importância da educação intercultural/Ensino básico primeiro ciclo	3
<i>O contributo do ensino do inglês para a aquisição de uma competência intercultural no 3º ciclo do ensino básico</i>	ALMEIDA, Sílvia da Conceição Jónia	1998-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Importância do ensino da língua inglesa/Ensino básico terceiro ciclo/Disciplina de língua inglesa/Ensino	3
<i>A aula de português-espaco intercultural: para uma pedagogia da recepção numa perspectiva intercultural</i>	ALVARENGA, Maria Luisa	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Contribuições da disciplina de língua portuguesa	3
<i>Emigrantes portugueses na Alemanha: as ficções e os factos: (O caso das comunidades de Mainz, Wiesbaden e Trier)</i>	ALVES, Rui Cândido Augusto	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alemães/Percepção social dos emigrantes portugueses/Alemanha/Emigrantes portugueses/Percepção social dos alemães/ Imigração/Aspectos sociais	1
<i>Escola portuguesa que obstáculos ao bilinguismo?: um estudo de caso sobre a (re)inserção escolar de lusodescendentes</i>	AMARO, Álvaro Manuel Balseiro	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos lusodescendentes/Integração escolar/Importância do ensino de língua materna	3
<i>Da Guiné-Bissau a Portugal: percursos de integração de guineenses no Porto</i>	CARDOSO, Maria Carolina de Brito	2000-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Guineenses/Integração social/Porto/ Imigração	1
<i>Da interculturalidade: António Vieira pioneiro e paradigma de interculturalidade</i>	CARDOSO, Maria Manuela Lopes	1999-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Importância da interculturalidade/ Índios/ Direitos/Defesa/Importância dos sermões de António Vieira	2

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
<i>Desafios do pluralismo: uma nova abordagem pedagógica</i>	CARROLA, Deolinda Fernandes da Conceição Chora	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos de minorias étnicas do ensino básico/Sucesso escolar/Influências das práticas pedagógicas/Estudos de caso	3
<i>Permanências, Adaptações e Sincretismos Culturais</i>	CARVALHO, Conceição dos Santos Pires	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/vivências de alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico/crianças de origem lusa/crianças de origem cabo-verdiana	3
<i>O Secretariado Intercultural e o projecto de educação intercultural: um estudo de caso</i>	CARVALHO, Maria Fernanda Nunes Martins de	2000-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Estudos de caso	3
<i>Multiculturalismo e educação: o contributo da comunicação educacional na implementação de práticas educativas interculturais</i>	CORDEIRO, Ana Paula	1993-Mestrado em Comunicação Educacional Multimedia	Univ. Aberta		3
<i>A escola que temos e a escola que queremos: contributo para o desenvolvimento da educação multicultural nas escolas do 1º ciclo do ensino básico</i>	CRUZ, Margarida Maria de Jesus Figueiredo Oliveira	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos do ensino básico primeiro ciclo/Educação intercultural/Estudos de caso	3
<i>Brasileiros em Lisboa nos finais do século XX</i>	DESMET, Luísa Maria da Silva Franco	1998-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Emigrantes brasileiros/Integração social/Contribuições da Casa do Brasil de Lisboa/Identidade cultural	1
<i>O ensino técnico em Portugal antes e depois da adesão à Comunidade Europeia: a evolução dos perfis profissionais da 2ª Guerra Mundial à Europa das Regiões, numa perspectiva intercultural</i>	DUQUE, L. Rosa	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Ensino técnico-profissional/Portugal	2
<i>Da dicotomia escola-família para o sucesso escolar</i>	FERNANDES, Cristina Isabel Vaz	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Sucesso escolar/Importância da relação famílias-escolas	2
<i>Memórias, destinos e entroncamentos: casos de integração de moçambicanos no Distrito do Porto</i>	FERNANDES, Maria Odete da Rocha	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Emigrantes moçambicanos/Integração social/Histórias de vida/Distrito do Porto/Identidade cultural	1

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	AMBITO
<i>A indisciplinada na escola numa abordagem intercultural: bases de um projecto</i>	FERREIRA, Ana Maria M. S. Veríssimo	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Importância da disciplina	3
<i>Uma escola multicultural em análise: através de um processo de investigação-ação</i>	FIGUEIREDO, Carla Cíbele	1999-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos de minorias étnicas/Sucesso escolar/Contribuições da educação intercultural/Importância da autonomia das escolas	3
<i>Iniciar a arquitectura da multi-interculturalidade: análise da realidade actual numa escola do 1º ciclo do ensino básico: estudo de cas.</i>	GONÇALVES, Maria Amália Silvestre Martins	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Atitudes dos professores do ensino básico primeiro ciclo/Estudos de caso	3
<i>Intercâmbios e interculturalidade: um estudo de caso</i>	GUERREIRO, Maria de Lurdes Raminhos dos Santos	1999-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Intercâmbio escolar	3
<i>Estilos educativos dos imigrantes caboverdianos</i>	JESUÍNO, Baltasar Martins	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos de minorias étnicas do ensino básico/Sucesso escolar/Influências da educação familiar	3
<i>Redes migratórias, geminações e construção europeia</i>	LOBO, Maria Helena O. E. Azeredo	2001-Mestrado em Rel. Interculturais	Univ. Aberta	Portugal/Migração/Influências da educação intercultural/Emigração	2
<i>O cinema na escola: histórias e retratos da infância</i>	LOPES, Nilza Suzete Pinto Guimarães	1998-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Contribuições do cinema	2
<i>Goeses em Lisboa</i>	MAGALHÃES, Maria Inês Macias de Melo	1994-Mestrado em Relações Intercult.	Univ. Aberta	Goeses/Lisboa	1
<i>Entre ciganos "portugueses": estudo sobre a integração social de uma comunidade cigana residente na cidade do Porto</i>	MAGANO, Olga Maria dos Santos	1999-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Ciganos portugueses/Exclusão social/Porto	1
<i>Manuel de Sá: paradigma de interculturalidade</i>	MATIAS, José Coelho	1999-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Sá, Manuel de, 1530-1596 S.J./Biografias/Actividade pedagógica intercultural	2

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ANEXO
Da língua à interculturalidade e cidadania europeia: ensino-aprendizagem precoce de uma língua estrangeira no 1º ciclo do Ensino Básico	MENDES, Maria da Luz Ribeiro e Sousa	2000-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Ensino básico primeiro ciclo/Línguas estrangeiras/Ensino/aprendizagem/Educação intercultural/Importância do ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras	3
O impacto que a mudança de contexto sócio-cultural teve na prática pedagógica dos professores do ensino primário: o caso dos professores oriundos de Angola entre 1970-1977	MIMOSO, Manuel Carlos de Jesus	2000-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Professores do ensino básico primeiro ciclo retornados de Angola/Integração profissional/Portugal-1970-1977/Práticas pedagógicas	3
O ensino da geografia num contexto de educação intercultural: a adequação curricular e a origem geográfica dos alunos	MIRANDA, Branca Margarida Alberto de	1998-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Curriculos/Desenvolvimento/Portugal-1990-2000/Geografia/Ensino-Aprendizagem/Influência dos alunos de minorias étnicas	3
Grupos étnicos em Portugal: os estereótipos dos "portugueses": estudo baseado na aplicação de um questionário a uma amostra de estudantes portugueses do 11º ano de escolaridade das escolas secundárias do concelho do Seixal no ano lectivo de 1993-94	MIRANDA, Joana Catarina Tarelho de	1994-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Relações intergrupais/Alunos do ensino secundário/Estereótipos/Concelho do Seixal/Etnias/Representações sociais	1
O rendimento mínimo garantido no combate à pobreza e exclusão social: estudo efectuado nos Bairros Ribeira da Falagueira e Fonte dos Passarinhos na cidade da Amadora	MOISÉS, Inácia Maria Cabrita Navalhas	2000-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Minorias étnicas/Integração social/Contribuições do rendimento mínimo garantido/Bairro Ribeira da Falagueira (Amadora)/Bairro da Fonte dos Passarinhos (Amadora)	2
Atribuição do sucesso escolar dos filhos dos pescadores e emigrantes	MONTEIRO, Maria Helena Mendes	1998-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos do ensino básico segundo ciclo/Sucesso escolar/Importância das classes sociais/Esmoriz (Concelho de Ovar)	3
Emigração e (in)sucesso escolar: o processo de integração escolar dos jovens ligados directamente à emigração	MORAIS, Teresa Maria	1998-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos filhos de emigrantes portugueses/Sucesso escolar/Importância da integração escolar/Dificuldades de aprendizagem	3
Políticas de gemação e interculturalidade	MOREIRA, Branca Ferreira	1997-Mestrado em Relações Intercult.	Univ. Aberta	Políticas de gemação/Importância do intercâmbio cultural	3

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	ÂMBITO
<i>A integração escolar dos alunos ex-emigrantes regressados de França na escola secundária de Arcos de Valdevez (1997-98)</i>	NEVES, Maria Júlia Brites Evaristo Ferreira	2001-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos do ensino secundário filhos de emigrantes portugueses/Integração escolar/ Arcos de Valdevez/Integração social/Filhos de emigrantes portugueses nascidos em França	3
<i>Educar para as cidadanias</i>	NUNES, Rosa Dionízio	1999-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos/Desenvolvimento individual/ Importância da educação para a cidadania/ Importância do ensino dos valores éticos/ Educação intercultural	2
<i>A dimensão intercultural na formação de educadores de infância</i>	OREY, Maria Inês de Albuquerque de	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educadores de infância/Educação intercultural	3
<i>Minorias e Indisciplina Escolar</i>	PAIVA, Maria Lizália Leitão Ribeiro Vilhena e	1994-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos de origem étnico e cultural diversa/ confrontações de culturas/ grupos rivais/ casos de indisciplina	3
<i>Filhos da madrugada: estudo sobre as não estratégias da animação sociocultural com a comunidade cigana nos centros comunitários do distrito de Setúbal</i>	PALMA, Ana Paula Tavares Nogueira	2000-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Ciganos/Animação sociocultural/ Importância dos centros comunitários/ Distrito de Setúbal	3
<i>Percursos migratórios de cabo-verdianos em Portugal: encantos e desencantos</i>	PANDA, Maria da Conceição Silva	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Emigrantes cabo-verdianos/Inserção profissional/Porto/Cabo Verde/Emigração	1
<i>Ser imigrante num país de emigrantes: contribuição para uma política de imigração em Portugal</i>	PEREIRA, Rosa Maria Papoila	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Emigrantes cabo-verdianos/Aculturação/ Histórias de vida/Distrito de Lisboa/ Projectos de vida	1
<i>Interculturalidade e indisciplina no ensino da educação física</i>	PERES, Rodrigo José Martins de Sousa	1998-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Disciplina/Prevenção/Importância da relação professores-alunos/Alunos de educação física/Influências da relação professores-alunos	3
<i>Educação intercultural em Portugal - concepções, percepções e expectativas: contr. para o estudo da inf. e da percepção docente da probl. educacional intercult</i>	PERPÉTUO, Augusto Cunha	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Portugal	3

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE	ABERTO
Porque os ciganos não gostam da escola: estudo realizado na escola do 1º ciclo de Nelas	PESSOA, Maria Rumilda Branquinho de Carvalho Pinho de Oliveira	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Ensino básico primeiro ciclo/Integração dos ciganos portugueses/Nelas	3
Os alunos e as culturas: a escola entre as singularidades e a uniformização	PINHO, Lucília Maria Rodrigues Soares	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Portugal/Relação escolas-alunos	3
A escola como comunidade sócio-educativa: contributo para a educação intercultural	QUINTAS, Maria Paula de Barros Santos Teixeira	1998-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Importância da relação escolas-comunidade/Estudos de caso/Importância da relação famílias-escolas/Importância da inovação tecnológica	3
O ensino do português em França: bilinguismo e biculturalismo numa perspectiva internacional	QUINTINO, José Luis da Cruz	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Língua portuguesa/Ensino/França	3
Identificação nacional: as comunidades escolares de origem afro-lusófona e portuguesa	RAMOS, Rui Manuel de Matos Roberto	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos caboverdianos do ensino básico terceiro ciclo/Identidade nacional/Alunos portugueses do ensino básico terceiro ciclo/Identidade nacional/Conceito de si	3
Da comunidade luso-brasileira à comunidade dos países de língua portuguesa	RODRIGUES, Jorge Manuel Silva Costa	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa	1
Práticas agrárias: um modelo de educação intercultural para o desenvolvimento	ROSA, Marinela da Cruz	1995-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação para a agricultura	2
Solidão, Satisfação com a Vida e Outros Aspectos Sócio-Psicológicos em Jovens Filhos de Migrantes Frequentando o Sistema de Ensino Português	RUIZ, Maria de Fátima de Paiva	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Solidão e satisfação com a vida de jovens filhos de emigrantes	3
A inserção escolar dos alunos luso-descendentes: estudo da problemática nas escolas secundárias do Funchal, no ano lectivo 1996-97	SILVA, Maria da Graça Monteiro Pinto da	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos lusodescendentes/Integração escolar/Funchal	3

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	AMBITO
O manual de iniciação em português língua estrangeira: diálogo aberto entre nós e os outros	SOARES, Lúcia Maria Moreira Caniço Vidal Pereira	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Língua portuguesa como língua estrangeira/Manuais de ensino	3
O género e a etnicidade nos manuais escolares: um estudo sobre estereótipos na área de Língua Portuguesa	TELES, Guida Maria Nunes	2000-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Esterótipos de género/Contribuições dos manuais de ensino de língua portuguesa/Portugal/Racismo/Educação Interc.	3
(Multi)cultura e (in)tolerância: problemáticas de educação	TORRINHA, M. Fernanda	1996-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Importância da tolerância	3
No contexto da diáspora madeirense: algumas representações sociais dos professores madeirenses relativamente aos seus alunos directamente ligados à emigração	TRINDADE, Ana Paula Fernandes Marques	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos filhos de emigrantes/Representações sociais dos professores/Madeira	3
Escola e tolerância: um estudo sobre um modelo de intervenção para favorecer a adaptação escolar em contextos interétnicos	VAU, Maria Helena Ribeiro Gonçalves	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Educação intercultural/Alunos de minorias étnicas/Integração escolar	3
Migrações e associativismo de migrantes: estudo do caso timorense	VIEGAS, Telma Maria C.	1997-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Emigrantes timorenses/Identidade cultural/Contribuições do associativismo/Distrito de Lisboa/Integração social	1
Práticas quotidianas de alimentação	VIEIRA, Cristina Maria Lopes Pereira	2000-Mestrado em Relações Intercult.	Univ. Aberta	Crianças em idade escolar /Alimentação/Influências culturais	2
As atitudes dos parceiros educativos face aos grupos étnicos minoritários	VIRGÍLIO, Abel Simões	2000-Mestrado em Relações Interculturais	Univ. Aberta	Alunos de minorias étnicas do ensino básico primeiro ciclo/Integração/Contribuições das atitudes dos actores escolares/Lisboa/Integração/Importância da educação intercultural	3
O papel dos adágios na vida e na língua de uma comunidade linguística: contributo para uma análise sociolinguística	AFONSO, Maria Elisete Conde Pereira	2000-Mestrado em Linguística Portuguesa	Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro	Alunos do ens. básico/Ident. cultural/Importância dos provérbios/Estudos de caso/Trás-os-Montes/Provérb. port./Análise sociolinguística/Língua port./Ensino-aprendizagem/Utilização dos provérb.	1

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE	ABRIGO
Da pedagogia do intercâmbio à relação intercultural: representações	CASTILHO, Isabel Maria Matos Ramos	1996-Mestrado em Linguística Aplicada à Didáctica das Línguas	Univ. Nova Lisboa	Intercâmbio escolar/Estudos de caso	3
Ensino de línguas no secundário: para uma metodologia do intercultural	DISMANOVÁ, Ludmila	1996-Mestrado em Linguística Aplicada à Didáctica das Línguas	Univ. Nova Lisboa	Línguas estrangeiras/Ensino- Aprendizagem/Contribuições dos Projectos interculturais/Ensino secundário	3
Estudo sociolinguístico do mirandês: padrões de alternância de códigos e escolha de línguas numa comunidade trilingue	MARTINS, Cristina	1994-Mestrado em Linguística Portuguesa	Univ. de Coimbra	Dialecto mirandês/Bilinguismo/Paradela (Concelho de Miranda do Douro)/Falantes/ Multilinguismo/Atitudes linguísticas	1
Sobre algumas representações textuais da figura do cigano	MIGUEL, Ana Isabel Antunes	1999-Mestrado em Linguística - Teoria do Texto	Univ. Nova de Lisboa	Ciganos na literatura portuguesa/Ciganos na imprensa portuguesa	1
Dialecto alentejano: contributos para o seu estudo	PAULINO, Maria Manuela Revés Florêncio	2000-Mestrado em Linguística Histórica	Univ. de Lisboa	Língua portuguesa/Dialectos/Análise fonológica/Alentejo/Análise morfológica/ Falar de Castro Verde	1
Modos culturais de expressão linguística dos fenómenos de delicadeza: Inglaterra e Portugal	SILVA, Maria Manuel de Cabo Carvalho Marques	1994-Mestrado em Linguística Inglesa	Univ. de Lisboa	Língua portuguesa/Expressão verbal das boas maneiras/Análise pragmática/Língua inglesa/Actos de fala/Boas maneiras/ Aspectos socioculturais	1

Doutoramentos

TÍTULO	AUTORES	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS CHAVE	AMBITO
<i>Vozes sobre a televisão no âmbito da educação de pessoas adultas: uma abordagem sociocultural</i>	AIRES, Maria Luísa Lebres	2000 Doutoramento em Ciências da Educação	Univ. Aberta	Alunos do ensino recorrente/Identidade cultural/Importância da televisão/Adultos/Educação	2
<i>Questões epistemológicas da inovação educativa no contexto multicultural de Macau</i>	BRANCO, Miriam Vieira	2000 Doutoramento em Ciências da Educação	Univ. Aberta	Educação intercultural/Macau/Filosofia da educação	3
<i>Bilinguismo no 1º ciclo do ensino básico: ensino precoce duma língua estrangeira, currículo e sucesso educativo</i>	GONÇALVES, Irene da Purificação	1998 Doutoramento em Ciências da Educação	Univ. Aveiro	Ensino básico primeiro ciclo/Importância do bilinguismo/Educação intercultural/Línguas estrangeiras/Ensino/aprendizagem	3
<i>As palavras mais do que os actos?: o multiculturalismo no sistema educativo português</i>	LEITE, Carlinda Maria Ferreira Alves Faustino	1997 Doutoramento em Ciências da Educação	Univ. Porto	Educação intercultural	3
<i>Tempos de "sozinhos" em Pasárgada: estratégias identitárias de estudantes dos PALOP em Portugal</i>	PACHECO, Natércia	1996 Doutoramento em Ciências da Educação	Univ. Porto	Alunos universitários dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa/Conceito de si	1
<i>Contributo para o estudo da influência familiar no aproveitamento escolar: o caso de minorias étnicas imigrantes em Portugal</i>	VILAS BOAS, Maria Adelina	1999 Doutoramento em Ciências da Educação	Univ. Lisboa	Alunos de minorias étnicas/Literacia/Influências da educação familiar/Sucesso escolar/Contribuições da relação famílias-escolas	3
<i>Migrações forçadas e dinâmica demográfica: (o caso particular de Angola)</i>	ALMEIDA, Manuel Carlos Ferreira de	1993 Doutoramento em Sociologia	Univ. Nova de Lisboa	Escravidão/Migração/Efeitos demográficos/África/Escravidão/Abolição/Sec. 19 / Angola/População	1
<i>Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural</i>	COSTA, António Firmino da	1998 Doutoramento em Sociologia	ISCTE	Bairro de Alfama (Lisboa, Portugal)/População/Identidade cultural	1
<i>Recomposição social e práticas educativas: a educação das classes dominantes lisboetas, 1970-1990</i>	FONSECA, Maria Manuel Baptista Vieira da	1997 Doutoramento em Sociologia	ISCTE, Lisboa	Estrutura social/Portugal: 1970-1990/Elites sociais/Práticas educativas	3
<i>A definição social dos emigrantes no Noroeste de Portugal: imagens e clivagens</i>	GONÇALVES, Albertino José Ribeiro	1994 Doutoramento em Sociologia	Univ. Minho	Emigrantes portugueses/Valores socioculturais/Concelho de Bragal/População/Estilo de vida	1

TÍTULO	AUTOR	DATA E GRAU	INSTITUIÇÃO	FALARIAS CHAVE	ANEXO
Espaço residencial e modo de vida: contributos da sociologia para a reabilitação de uma área urbana degradada	GROS, Marielle Christine	1998 Doutoramento	Univ. de Aveiro	Bairro da Sé (Porto)/Representações sociais/População/Identidade/Influências da exclusão social/Caracterização sociocultural	2
A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas	LOPES, João Teixeira	1998 Doutoramento em Sociologia	Univ. do Porto	Práticas culturais/Influências das zonas urbanas	1
Reconstrução das identidades no processo de emigração: a população caboverdiana residente em Portugal	MATOS, Ana Maria de Saint-Maurice Correia de	1994 Doutoramento em Sociologia	Inst. Sup. Ciências Trab. e Empresa, Lisboa	Emigrantes cabo-verdeanos/integração social/Emigrantes cabo-verdeanos/Identidade cultural/Cabo Verde/Emigração	1
Do rural ao urbano: que espaços?	NEVES, João Dias das	1994 Doutoramento em Antropologia	Univ. Nova Lisboa	Portugal/Identidade cultural regional	1
Migrações e etnicidade em terrenos portugueses: guineenses: estratégias de invenção de uma comunidade	QUINTINO, Maria Celeste Rogado	1999 Doutoramento em Ciências Sociais, (Antrop. Cultural)	Univ. Técnica de Lisboa	Emigrantes guineenses/Portugal	1
Educação, tradição e mudança: histórias de vida, práticas e representações sociais	VIEIRA, Ricardo	1996 Doutoramento em Antropologia	ISCTE, Lisboa	Reformas do ensino/Importância da formação dos professores/Representações sociais dos alunos/Estudos de caso/Representações sociais dos pais/Representações sociais dos professores/Influências das histórias de vida	3
O lugar da língua materna na aprendizagem da língua estrangeira: reflexões linguísticas sobre o contacto de duas línguas vizinhas: o português e o francês	MIRANDA, António José Ribeiro	1996 Doutoramento em Linguística	Univ. de Aveiro	Línguas estrangeiras /Aprendizagem/ Contribuições da língua materna	2

HÁ JÁ LUGAR PARA ALGUM MAPEAMENTO NOS ESTUDOS SOBRE GÉNERO E EDUCAÇÃO EM PORTUGAL?

• UMA TENTATIVA EXPLORATÓRIA

Helena Costa Araújo*

RESUMO

Este artigo procura pesquisar linhas de força e problemáticas mais desenvolvidas, consideradas como contribuições relevantes, em trabalhos publicados referenciáveis ao campo de “género e educação”, sem se deixar limitar por fronteiras rígidas. Se o que é do campo do escolar será aqui central, não se deixará de focar outros que são do domínio do educativo não formal ou não escolar. Procura também identificar algumas rupturas teóricas e metodológicas na produção neste campo. Como trabalho exploratório, pretende contribuir para iniciar a construção de um mapeamento, a partir de um posicionamento da sua autora em tempos e espaços específicos.

Palavras-chave: Género, educação, mapeamento.

O desafio posto sobre estudos e perspectivas que em Portugal se tem produzido em torno da diferença e desigualdade entre géneros, focando igualmente a construção da feminilidade e da masculinidade e convocando o campo educativo, deverá desde já ser assinalado pela sua novidade. Não é frequente solicitar-se a revisão de campos pouco conhecidos e instituídos nas Ciências da Educação em Portugal. Esta possibilidade parece funcionar como um reconhecimento explícito - acrescido de se tratar de um primeiro número da Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação - e da legitimidade destes estudos serem encarados como mais uma vertente neste campo interdisciplinar/pluridisciplinar.

* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Como se poderá delimitar o campo a focar neste trabalho? que se deverá entender por uma abordagem em torno de “género e educação”? Como seria de esperar, pela relativa juventude desta abordagem, os estudos que fazem um ponto de situação são quase inexistentes, a não ser o interessante artigo publicado recentemente – o trabalho de Fernanda Henriques e Teresa Pinto na revista *ex-aequo*, intitulado “Educação e Género: dos finais dos anos 70 ao final do século XX – subsídios para a compreensão da situação”. As autoras seguem uma orientação centrada na temática coeducativa e de igualdade de oportunidades, e após o levantamento de produções em torno destes tópicos, procuram encontrar algumas regularidades nessa produção. Ainda que considere, aqui, que esta temática é central no entendimento de um campo educativo e de formação no contexto de um Estado democrático e da sua legitimação, proponho-me a revisitar várias outras temáticas que, ainda que articuladas ou desta devedoras, ganham uma especificidade quando enunciadas por si mesmas.

Gostaria, no entanto, de que aqui se procurasse contribuir para algum mapeamento deste campo, de acordo com propostas de Rolland Paulston (2001) – a serem referenciadas mais adiante – que julgo com um valor heurístico, podendo permitir a “intertextualidade” que estes textos pressupõem e que pode ser construída a partir da sua articulação.

Assim, em primeiro lugar, pretendia pesquisar linhas de força e problemáticas mais desenvolvidas, consideradas como contribuições relevantes, o que se constituirá como finalidade principal deste trabalho. Este exercício é simultâneo de uma procura de encontrar ultrapassar fronteiras no campo de “género e educação”. Se o que é do campo do escolar será aqui central, não se deixará de focar outros que são do domínio do educativo não formal ou não escolar. Em segundo lugar, a identificação de algumas rupturas teóricas e metodológicas será uma outra finalidade, que assim poderá dar conta das trajectóricas seguidas. Em terceiro lugar, é de referir que algum deste trabalho exploratório é também autobiográfico, no sentido em que me vejo a rever, a reler, a repensar, a procurar encontrar teias já percorridas e produzidas em que também estou envolvida.

A análise incide sobre trabalhos publicados (artigos, livros, relatórios, etc) e desde já se afirma a sua não exaustividade. Não pretendi esgotar este campo com uma apresentação de um levantamento minucioso dos trabalhos de investigação realizados, mas sim concentrar-me nos estudos que mais se tem

salientado, na perspectiva situada de que parto, sem deixar de referir os que de alguma forma pude contactar (através de orientação, ou de provas ou de outros contactos profissionais). As pesquisas que efectuei em bases de dados revelaram-me estudos que desconhecia, mas pude também reconhecer uma diversidade com que tenho vindo a tomar conhecimento. Assim, as referências aqui trazidas resultam particularmente de um posicionamento e contactos situados em tempos e espaços específicos.

Antes de prosseguir será necessário, no entanto, clarificar alguns conceitos estruturantes no trabalho.

Procure-se, desde já, incidir sobre o que se pretende com o conceito de "mapear" que vem estando em foco em anos recentes. Nelly Stromquist (2001), no trabalho que persegue, distingue-o da seguinte forma:

"Como instrumento analítico, mapear toma de emprestado algumas noções fundamentais do campo de geografia, como lugar, espaço e situação. (...) [focando] espaços institucionais, ocupados por actores/as centrais, que criam dinâmicas particulares ligadas à produção de conhecimentos, ao trabalho de estabelecimento de margens (*borderwork*) e ao atravessamento de fronteiras (...) Mapear entidades [e] as suas distâncias conceptuais (...) é prosseguido com o objectivo de elucidar posições, identificar as relações entre estas entidades e explorar a convergência e a divergência dessas ideias" (Stromquist 2001:224).

Esta será possivelmente uma finalidade demasiado trabalhosa e complexa, numa abordagem exploratória, como a que se desenha para este trabalho. Mas espera-se poder contribuir para essa concretização, possibilitando mapear algumas rupturas teóricas e metodológicas (cf. Ferreira 2001). Poder-se-ão identificar essas rupturas num campo que é recente e onde a frequência de debate não tem sido intensa? Como falar de género sem "dar a impressão de dualismo e de redução das questões a uma luta bipolar de opostos?" (Paulston 2001:204)?

Sem procurar responder a esta questão de imediato, gostaria de sublinhar que há aqui duas questões que, sem as expressar, terei dificuldade em prosseguir.

Uma tem a ver com o conceito de género. Enuncia-se e parece acompanhá-lo uma pluralidade de vozes a comentar a sua existência, e terá necessariamente de haver alguma clarificação.

A outra questão é que falar em “género e educação” remete-nos para campos que mantêm relações fortes de “consanguinidade” com os estudos sobre as mulheres, os estudos sobre o género e os estudos feministas. Também aqui a presença da polémica é saudável e deve ser abordada.

• Dilemas e género

Concentremo-nos, então, em primeiro lugar, no conceito de género. Nelly Stromquist refere as interpretações diversas do conceito de género, da seguinte forma:

“Estando no coração do feminismo – um dos mais fortes movimentos do século vinte – género é um conceito muito debatido, com vários actores/as individuais e institucionais a lutar pela sua definição, de acordo com os seus interesses (Stromquist 2001:223).

Queria aqui salientar o ponto de vista em que me situo. Considero, de facto, o conceito de género central, em particular, como uma “ferramenta analítica” (Scott 1990; Louro 1997), para poder visibilizar as relações de poder que se geram no contexto destas relações. As relações masculino-feminino têm sido caracterizadas como “assimétricas” (Amâncio 1994); em outras obras referencia-se a existência de relações de dominação, por vezes percepcionadas como resultantes do “patriarcado” (Walby 1990).

Depois do debate que se foi processando ao longo de um período extenso, em torno de um conceito a referenciar os processos sociais através dos quais se constroem feminilidades e masculinidades como diferentes, e na base de relações desiguais, estamos mais capazes de a ele recorrer para evidenciar o carácter relacional e a pluralidade e diversidade de configurações, incluindo orientações não heterossexuais. Como afirma uma das figuras marcantes da actualidade, a teórica Iris M. Young: “a categoria de género foi promovida pelo feminismo precisamente para criticar e rejeitar os esforços tradicionais de definição da natureza das mulheres através do sexo biológico” (Young 1997:15). Mas depois sublinha que é necessário que não se ossifiquem agora processos sociais, como o da construção de identidades, que são fluídas

e estão em mudança, processos que têm a ver com a forma como as pessoas comunicam entre si, trabalham, conflituam sobre as formas de produzir e de interpretar.

No entanto, ao dar-mo-nos conta desta diversidade, não podemos perder a noção da existência de relações de poder e de desigualdade que existem entre homens e mulheres em vários domínios da vida social.

“Para combater esta opressão, necessitamos de criar perspectivas contra-hegemónicas ou alternativas (...) É irónico que, de forma a procurar uma sociedade em que o género não mais sirva como um marcador poderoso e arbitrário, se tenha de proceder primeiro por mostrar como homens e mulheres se relacionam entre si. A negação de conceitos universais é politicamente desarmante e ingénuo (...) Os mais importantes conceitos nas ciências sociais (...) incorporam diferenças substanciais mas ao mesmo tempo tem a virtude de oferecer um lampejo de pensamento simples e engenhoso que captura muitas distinções sob um guarda-chuva conceptual efectivo” (Stromquist 2001:226).

É pois este dilema que o conceito de género actualmente evoca: a diversidade e fluidez de configurações e percursos, ainda que se tenha simultaneamente de considerar que as relações de desigualdade entre homens e mulheres continuam a manter-se, em diversos sectores, como Iris Young salienta: “As condições básicas para as quais as feministas chamaram a atenção há vinte anos atrás não melhoraram em grande parte, e mesmo em algumas áreas deterioraram-se” (Young 1997:3).

***Consanguinidades* entre estudos de género, estudos sobre as mulheres, estudos feministas**

Quanto à segunda questão, em torno das *consanguinidades* entre “estudos de género”, “estudos sobre as mulheres” e “estudos feministas”, tem havido alguma polémica sobre as configurações destes campos. Parece-me, no entanto, mais adequado aqui, em vez de entrar na polémica se uma das categorias despolitiza, ou é mais englobante, etc do que a outra (cf. Richardson

& Robinson 1994; Ferreira 2001, entre outras¹), salientar o que une estas abordagens.

Em primeiro lugar, é a intencionalidade de visibilizar a acção humana das mulheres como seres activos produzindo a vida e as relações sociais, em contraponto a perspectivas em que o actor é o *homem* considerado numa falsa neutralidade de género - aqui corroborando parcialmente uma concepção pós-estruturalista, em torno de uma erosão do conceito de Homem, isto é, do homem branco, europeu, de classe média, masculino, heterossexual, possuidor de pensamento lógico (apud Magalhães 1994:30).

Em segundo lugar, diria que não se estará a focar uma “condição feminina”, como se de algo essencialista e unitário se tratasse, e que a crítica é já muito activa na chamada de atenção para a heterogeneidade e diversidade das situações e percursos de mulheres, como atrás se referiu. Como sublinha Iris Young: “Concordo com aquelas críticas que mostram como a procura das características comuns sobre as mulheres ou sobre a opressão feminina leva a normalizações e exclusões” (Young 1997:12).

Em terceiro lugar, e simultaneamente com a preocupação anteriormente enunciada, estes estudos partilham uma visão de que os sofrimentos das mulheres não são “naturais” e meramente pessoais e que há relações de poder que estruturam muito das suas vidas em termos diferentes dos pares masculinos, havendo lugar para falar de desigualdade. Como afirmam Cortesão, Magalhães e Stoer (2000:50) “Ao contrário do pós-modernismo reaccionário que afirma que tudo se equivale, é possível dizer que a pulverização de *lugares* políticos não neutralizou politicamente esses mesmos lugares”. Por isso, haverá que tecer argumentos entre uma perspectiva não essencialista, atrás referida, e a desigualdade que em geral afecta mais as mulheres como grupo, relativamente aos elementos masculinos. Trata-se de repensar este dilema, tendo em atenção mais uma vez as palavras de Iris Young, a autora que tem marcado pela pesquisa neste confronto enunciado: “negar uma realidade de mulheres como um colectivo social reforça o privilégio daquelas pessoas que beneficiam em manter as mulheres divididas” (Young 1997:18).

Em quarto lugar, diria que lhes é comum a crítica a perspectivas em que o conhecimento e a produção do saber tem sido legitimados por um poder

¹ Citaria, no campo de revisões sobre esta área de estudos alguns outros marcantes: Joaquim (2001; Ferreira 1988, 1988, 1999; 2000; Ferreira et al 1998; Silva 1999.

masculino que define o conhecimento, a prática e suas fronteiras. “O que nós precisamos fazer é redefinir a teoria e o acto de teorizar em si mesmo. O que é necessário é acessibilidade à teoria e o reconhecimento de que o conhecimento é poder e precisa de não ser produzido para os influentes ou para os produtores de conhecimento apenas” (Robinson 1997:13).

Creio que estas duas clarificações são um contributo, no âmbito deste trabalho, para poder prosseguir na delimitação deste campo de estudos.

À procura de uma delimitação do campo de género e educação? - um possível faseamento

No trabalho atrás mencionado de Fernanda Henriques e Teresa Pinto (2001), aponta-se como uma primeira baliza, no campo de estudos de género e educação, uma tese de doutoramento na área (1985), a de Ana Benavente, mais tarde publicada com o título de *Escola, Professoras e Processos de Mudança*, que é possivelmente incluída pelo facto desta obra não comungar de uma ilusão geral sobre um universal neutro, interrogando-se sobre a existência de uma composição profissional diferenciada no grupo profissional “professores”: ²

“pode dizer-se que a situação das mulheres e dos homens é idêntica no trabalho e na profissão? Poderemos entender que não há diferenças socialmente, culturalmente, politicamente construídas nas relações entre as mulheres e os homens e a autoridade e o poder? (...) [as professoras] não têm uma formação diferente nem inferior, têm mais “qualidades” femininas que interessam a profissão e, no entanto, encontram-se na base da hierarquia” (Benavente 1990:82).

Na obra, como a própria autora salienta, o foco não está na “situação das mulheres e dos homens na profissão”, já que não é esta a problemática aí construída, ainda que a reconheça com pertinência: “não prosseguimos nenhum estudo específico sobre esta questão, mas articulá-la-emos com a democratização da escola e a relação das professoras com o seu espaço profissio-

² Acrescentaria que outros estudos foram produzidos anteriormente, em que as relações entre mulheres e homens foram analisados, no campo educativo, em termos de dominação, mas não constituem obras desta extensão.

nal” (ibidem). Certamente que o reconhecimento das professoras, como parte do enfoque deste estudo, é um primeiro contributo para este campo que procura começar a estabelecer-se, tal como existe em muitos outros países. Inicia pois uma primeira visibilização das relações de género, no sentido em que assume o exercício da actividade docente na escola primária maioritariamente por mulheres. Trata-se de um tipo de obras que pretende sobretudo reconhecer que há um lugar específico para tratar esta realidade do ponto de vista de estudos, mas não pretende passar para além desse reconhecimento. Pode pois dizer-se que toma as relações de género como objecto tangencial.

Uma segunda fase pode corresponder ao que Teresa Joaquim denomina de “acumulação de saber” (que referencia em relação aos “estudos sobre as mulheres”, cf. Magalhães 2001), pois já não é apenas o reconhecimento e a visibilização de um sujeito mulheres, nos percursos educativos, no exercício da actividade docente, etc, que estão no centro da pesquisa, mas o foco situa-se na apresentação de dados e de provas que apontam para desigualdades e discriminação. Muitos destes estudos são possivelmente em parte um levantamento social (*social survey*), no sentido de juntar um conjunto de dados estatísticos que permitam configurar situações de desigualdade entre elementos femininos e masculinos nos vários percursos de formação escolar. Muitos outros apresentam a exploração de temáticas, apoiadas em alguns conceitos, ainda que sejam sobretudo delimitados pela *apresentação de prova* (cf. Correia 2000) da discriminação e desigualdade sobre as mulheres. Há um conjunto de trabalhos vários, produzidos no âmbito da então Comissão da Condição Feminina e actual Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres (CDIM). Temáticas escolares foram especificamente abordadas, sobretudo em termos dos estereótipos e das imagens sexistas de um currículo escolar, assim como outras, como a interação professorado-estudantes, composição da estrutura de poder na escola, em termos de géneros, etc.

Diria que uma terceira fase (e aqui, explicitamente, já não é um critério temporal que é mobilizado para a sua delimitação, mas antes a afirmação de que há simultaneidade de estudos com perspectivas diferentes, ainda que aproveitando ou seleccionando preocupações comuns de estudos referenciados na secção anterior) parece ter uma preocupação mais acentuada com uma pesquisa teórica, que corresponde a uma introdução dos estudos sobre as mulhe-

res e de estudos de género nas universidades, ainda que de forma pontual. Também a procura de formas metodológicas mais diversas, *incluindo metodologias de escuta* (cf. Correia 2000), e uma *política da voz*, no sentido de ouvir os sentidos e significações, sobretudo das mulheres, nos seus próprios termos. Pode ainda constatar-se que há maior audição da pesquisa feminista no mundo académico, ainda que frequentemente se faça sentir o seu acantonamento.

Um pressuposto central, nesta configuração, é de que dificilmente se poderá defender uma ciência neutra. As palavras de Sandra Harding são clarificadoras sobre sentidos diferentes para uma “ciência objectiva”: nesta perspectiva, “são preocupações para valores e projectos antiautoritários, antielitistas, participatórios e emancipatórios que contribuem para aumentar a objectividade da ciência” (Harding 1986:27). Assim, melhor se compreende que se procurem ouvir as vozes específicas das mulheres, na sua diversidade e multiplicidade – não só pela sua subordinação no contexto de relações sociais, mas também porque “a subjugação da actividade das mulheres, sensual, concreta, relacional permite-lhes agarrar aspectos da vida natural e social que não são acessíveis a uma procura baseada nas actividades características masculinas” (ibidem:148). Numa outra obra, Harding esclarece a importância de uma ciência que parte das “vidas das mulheres como origem de problemáticas científicas, como fontes de informação científica, e como forma de verificar a validade de conhecimentos produzidos” (Harding 1991:123), sem que as *experiências* das mulheres, na sua diversidade, e nos seus aspectos comuns, possam substituir a procura de teorias que se articulem com elas na produção de conhecimentos feministas (Harding 1991).

Uma nova fase resulta da influência da crítica pós-estruturalista às formas essencialistas que aprisionam frequentes vezes o conceito de género, fazendo pressupor formas fixistas, imutáveis ou, pelo menos, permanentes e coerentemente articuladas, quando elas são mais heterogêneas, mais diversificadas, mais complexas e dinâmicas (cf. Nogueira 2001). Diria que nos estudos de “género e educação”, a emergência de temáticas em torno da construção da masculinidade, da diversidade de identidades escolares, dos primeiros estudos de visibilização de género e etnia a propósito do campo escolar são algumas que assinalam a entrada no campo. Procura entender-se o conceito de género como devendo ultrapassar as dicotomias masculino-feminino, ne-

cessariamente lidas através da relação de dominação-subordinação “como única e permanente forma de relação entre os dois elementos (...) O processo desconstrutivo permite perturbar esta relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direcções” (Louro 1997:33), pois tanto mulheres como homens vivem no contexto de relações sociais, marcadas pela classe social, pelas identidades étnicas, por visões religiosas, por grupos etários, e as solidariedades que se podem construir nas inter-relações são mais complexas que as dicotomias masculino-feminino fazem pressupor, como sublinha Guacira Louro (1997).

Que problemáticas em torno de género e educação?

Irene Vaquinhas, uma historiadora que tem contribuído com revisões críticas sobre o desenvolvimento dos estudos sobre as mulheres e da história das mulheres em Portugal, afirma num trabalho recente que, no nosso país,

“os estudos permanecem, salvo raras excepções, mais convencionais, empíricos, de cunho informativo e positivista ou neo-positivista, fundamentados num paciente trabalho de arquivo ou de biblioteca, embora abertos ao diálogo com outras disciplinas e correntes da história, bem como à crítica hermenêutica das fontes pela desmontagem do discurso ideológico que lhes está subjacente. Influenciado pela “história contributiva europeia”, (...) mais direccionada para a descrição de actividades, papéis e funções femininos em espaço e contextos delimitados, este campo de estudos não tem sido, no nosso país, muito receptivo às questões conceptuais” (Vaquinhas 2001:148).

Algumas destas palavras são certamente transponíveis para o campo dos estudos na área da educação, e para um certo empiricismo e positivismo que têm campeado, sobretudo evidente em estudos que se poderão situar na segunda fase identificada. Mas paralelamente, como se irá poder confrontar, a diversidade de campos conceptuais tem sido mobilizada em torno dos processos educativos genderizados, não apenas na procura de uma visibilização e de uma denúncia dos aspectos de desigualdade e de subordinação existente nas

relações de género, mas também de fazer ouvir vozes que apresentam as faces de outras visões, de outras realidades.

Iria seguidamente concentrar-me numa identificação de várias problemáticas e linhas de força, sobretudo no que diz respeito à segunda e terceira fases identificadas anteriormente.

Na sua revisão, e não procurando deslindar entre estudos da segunda e da terceira fases, podem destacar-se as temáticas que a seguir se referenciam : i) uma perspectiva sócio-histórica da educação de raparigas; ii) políticas de igualdade de oportunidades; iii) modalidades de transmissão de género e cultura escolar; iv) feminismo e educação v) culturas juvenis, educação e género; vi) construção de identidades de professores/as e educadores/as; vii) construção de identidades profissionais através do sistema de ensino; viii) género e cidadania.

Da última fase referenciada, iria sobretudo vincar duas temáticas: ix) a emergência das masculinidades socialmente construídas; x) as articulações entre género e etnia.

É tempo, então, de passar a essa revisitação parcial, como tentativa de perceber a dimensão deste campo, as acentuações e posições identificadas, revelando contribuições e alguns limites. Paulston (2001) acentua que o processo de mapeamento “procura desvendar sentidos, revelar limites nos campos culturais e expôr as tentativas reacionárias de fechar as fronteiras e proibir as traduções” 2001:225). Essas são tarefas complexas e certamente ficarei distante de uma sua concretização.

i) Uma perspectiva sócio-histórica da educação de raparigas

Esta é uma perspectiva que conta com estudos realizados, em particular dissertações para obtenção de graus. De uma história da educação, baseada em crianças e jovens abstractos, e sobretudo pressupondo um universal neutro, procurou ganhar-se consciência das difíceis condições de legitimação e de desenvolvimento de uma educação escolar das raparigas. É possivelmente na década de 80 do século XX que encontramos contribuições mais sistemáticas e que procuram contribuir para a sua visibilização. Relembraria aqui com muito gosto os artigos escritos por Fina d'Armada (1984) para o *Jornal de Noticias* e que ainda não foram reunidos numa publicação. Para uma memória feminina e feminista da história da educação das raparigas

— educação que foi retardada, minorizada, discriminada — e que se pretende atenta às mudanças seguidas posteriormente em direcção a uma procura e concretização de igualdade de oportunidades, este conjunto de artigos constituiu-se, sem dúvida, numa contribuição importante para construir essa memória.

Faltam-nos, aparentemente, estudos que, de forma mais sistemática, global e problematizadora, tomem, como principal preocupação, a construção da história da educação feminina, nos seus vários aspectos, como no Reino Unido constituem os estudos por exemplo de June Purvis (1991) *A History of Women's Education in England*, ou a de Jane Miller (1996) *School for Women*, ou em França os estudos de Marie Duru-Bellat (1990) *L'École des Filles* e a de Françoise Lelièvre & Claude Lelièvre (1991) *Histoire de la Scolarisation des Filles*. Deveriam ser estudos que pudessem aproveitar de uma perspectiva de história comparada, pela tradição que já detém em vários países.

Se nos faltam porventura estes estudos mais sistemáticos e globais, temos de salientar a contribuição muito relevante de análises socio-históricas sobre a educação das raparigas nos liceus nos anos trinta de Cristina Rocha (1991a; 1991b) ou das raparigas de grupos sociais dominantes entre os anos trinta e os anos setenta do século passado, de Maria Manuel Vieira (1988; 1991; 1993), ou ainda de Teresa Pinto, sobre o ensino industrial feminino nos finais de oitocentos (Pinto 2000a).

A contribuição dos estudos destas autoras é inovadora pelo ângulo de abordagem e pela problemática construída. O trabalho mencionado da primeira autora aparece a contraditar concepções sobre os modelos favorecidos pelo regime autoritário em relação aos papéis da mulher como dócil dona de casa, esposa e mãe e das expectativas que esse quadro ideológico faria prever. Cristina Rocha demonstra a maior procura do ensino liceal, que começa a ser visível na década de 1930, não só no ensino privado mas também no público. Para a autora, a procura do ensino liceal privado parece anunciar um novo modelo feminino que exigia uma componente educativa formal mais alongada, mas não necessariamente uma credencial que só a escola pública fornecia. Assim para aquelas que frequentaram o liceu estatal, a sua extensão e apropriação anuncia a possibilidade efectiva de acesso a profissões ou a outras actividades do sector terciário, que exigem uma escolaridade mais prolongada.

Encontramos no estudo de Teresa Pinto uma interrogação que também traz para o centro a questão da possível dissonância entre um modelo (burgu-

ên) de feminilidade centrado na domesticidade e nos papéis de mãe e de esposa e um ensino industrial destinado às raparigas, que anunciava pretender responder a necessidades produtivas de uma industrialização em expansão. Como estudo situado – a Escola Damião de Góis em Alenquer – ficamos a saber da existência curta desta escola, e da ainda mais curta existência do ensino industrial para as raparigas. Também fica visível que não são as raparigas de classe trabalhadora o grupo mais numeroso a frequentá-la, mas sim as raparigas oriundas de trabalhadores do sector terciário (profissões liberais, funcionários públicos, negociantes).

Quanto aos trabalhos de Maria Manuel Vieira, a sua problemática é, no ângulo de uma distanciação de um “feminino deliberadamente tomado como categoria autónoma, auto-suficiente em termos interpretativos e a-social” (1991:237), e em quadros conceptuais das teorias de reprodução cultural, analisar as práticas educativas das “classes superiores” em Portugal, no período que medeia entre os anos trinta e os anos setenta, de forma a perceber a produção social de “herdeiras”. A opção generalizada pelo ensino particular, sobretudo, e uma menor preocupação, relativamente aos pares masculinos, com a carreira escolar futura, por parte dos pais, parecem constituir traços específicos destas “herdeiras”, assim como uma frequência mais longa da escolaridade e a presença de maiores estímulos culturais e maior precocidade de aprendizagens, face a raparigas de outros meios sociais.

Diria que nestas produções das três autoras, há uma preocupação pela diferenciação de situações ou de expectativas sociais diferenciadas em relação às raparigas, não se encontrando aqui a perspectiva de uma a-socialidade para que nos adverte Vieira. Com maior ou menor preocupação por evidenciar a sua construção conceptual, revelam uma procura teórica que dê corpo, através de metodologias que vão desde a recolha e leitura de dados estatísticos, até à análise documental e análise de entrevistas, a uma leitura não empiricista dos problemas enunciados.

Salientem-se ainda estudos que focam perspectivas de educadoras/es e políticos sobre a educação feminina. Relembriaria assim os estudos de Elzira Machado Rosa (1989) e de Isabel Baptista Câmara (1996), sobre Cael, pseudónimo de Alice Pestana. Como contribuições para esta história da educação das raparigas, veja-se ainda o interessante estudo de Teresa Joaquim (1997), na abordagem que elabora sobre a construção da feminilidade, entre os séculos XVII a XIX, em que encontramos uma análise dos discursos pedagógicos

e educativos sobre o que deve contar como a educação feminina, no entrecruzamento bem documentado, extenso e tecido entre perspectivas da produção estrangeira de educadores, filósofos, médicos, etc. e a produção de discursos de autores portugueses (na sua maioria, masculinos). Também em trabalhos já publicados (Araújo, 1992, 2000a, 2000b), identifiquei discursos educativos e pedagógicos sobre as finalidades da educação das raparigas, tanto no final do século XIX, como no período da República e da Ditadura Militar, nas concepções, frequentes vezes conflitantes entre si, entre grupos republicanos, anarquistas, feministas e católicos (no último período referenciado), em particular procurando delinear as ortodoxias reinante, e a que parece resultar de um debate, na procura de um consenso social que possa confrontar as dimensões de mudança que então estão a ocorrer.

ii) Políticas de igualdade de oportunidades

As questões de igualdade de oportunidades têm vindo a ter, recentemente, um maior enfoque, por vários motivos. Entre estes, pode apontar-se sobretudo o progressivo olhar de reavaliação sobre o regime de co-educação, pelo menos assim se lhe chama de forma geral - lançado com a Reforma Veiga Simão, e só expandido com as políticas educativas do pós-25 de Abril. E no entanto, fala-se de um regime mais tomado como certo, baseado numa lógica de igualdade de oportunidades de acesso, i.e., instaurou-se um regime em que raparigas e rapazes vão frequentar a mesma escola, ter acesso ao mesmo currículo, ter indistintamente o mesmo corpo docente, no pressuposto de que esta igualdade de acesso é suficiente para realizar uma igualdade de oportunidades.

De facto, foi esta a base em que perspectivas funcionalistas puseram a acentuação, quando mostraram o seu optimismo perante a escola de massas, e a realização de oportunidades fornecidas pelo Estado democrático. Como sabemos, posteriormente, às perspectivas funcionalistas foi-lhes apontado o carácter ingénuo das suas asserções, quando iludiam os poderosos processos de reprodução social e cultural. Para essa prova, foram apresentados dados seguros de uma selecção social operada pela escola sobre as classes trabalhadoras em muitos dos percursos escolares, ou na sua eliminação desses mesmos percursos.

A caminhada para repensar a igualdade de oportunidades na base do sucesso escolar (medido pelo número de aprovações e pela sua taxa) é enunciada por um autor como James Coleman, já na forma distanciada que opera em relação às perspectivas funcionalistas. Muitos e muitas autoras têm posto a ênfase na igualdade de oportunidades de sucesso escolar como forma de promover as potencialidades da escola face à concretização da igualdades de oportunidades, incluindo mais recentemente a igualdade de oportunidades de género.

O que possivelmente é bastante frequente é a não definição do que é o sucesso escolar, para além de um pressuposto medido por número de aprovações e respectivas taxas e qualificações escolares. Outras perspectivas de sucesso implicam formas diferentes de análise: em termos de reconhecimento de uma formação construída na vida social e profissional - apelando para a distinção entre *sucesso escolar* e *sucesso social* (Pinto e Henriques 1999; Araújo e Henriques 2000); ou em termos de um *sucesso educativo*, distinto de sucesso escolar, no sentido de uma educação expandida de forma mais alargada e que permita uma maior autonomia e emancipação de cada criança e adolescente, e também um reconhecimento do potencial trabalhado e construído (Araújo 2001). Esta última perspectiva têm implicações importantes para reconsiderar o sucesso escolar das raparigas na escola contemporânea: como repensar a escola coeducativa de forma a que estas se sintam valorizadas, em direcção a uma autonomia reflexiva: “numa abordagem em que se considera como relevante dar visibilidade às suas experiências e percursos, contribuindo para que as vidas femininas possam ser valorizadas nos seus próprios termos” (Araújo e Magalhães 1999:11; cf. Lourenço 1993; Magalhães 1998; Araújo 1998; Fonseca 2001).

Nesta linha de argumentação, as análises apresentadas têm colocado a acentuação na importância de rever o processo de coeducação, no sentido de permitir o seu aprofundamento e, como se tem defendido no Projecto “Coeducação – do princípio ao desenvolvimento de uma prática”, que sejam postas em questão concepções estereotipadas de feminilidade e de masculinidade, contribuindo para que o princípio da integração da igualdade de oportunidades se constitua em fundamental “na promoção, junto dos e das jovens, de valores essenciais para o exercício efectivo da cidadania” (da “Nota Prévia”, Cadernos de Coeducação). A propósito, anote-se a contribuição que este Projecto certamente tem trazido para a questão, com a produção de materiais

pedagógicos³ com diferentes problemáticas, e das sessões e colóquios promovidos, nomeadamente em instituições de ensino superior ligadas á formação de docentes do ensino básico e secundário, com instituições nacionais e de outros países europeus.

Algumas das análises publicadas procuram mostrar como em Portugal não tem havido medidas de política educativa que corporizem a igualdade de oportunidades de género, de forma sistemática e aprofundada, e que permitam descortinar a nível macro, mezzo ou micro, políticas de género. Teresa Pinto (2000b) revê as várias medidas enunciadas por órgãos internacionais e comunitários, assim como os Programas Comunitários de Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens, afirmando a importância de projectos de investigação e intervenção que têm incidido na “sensibilização e formação de agentes educativos” e na produção de materiais pedagógicos. Assinala a produção do I Plano Global para a Igualdade de Oportunidades, com incidência particular no campo educativo, não tendo sido, até então, produzidos documentos que operacionalizassem a aplicação das medidas aí propostas (ibidem:161). Num outro artigo, insiste-se que nas políticas estatais, em matéria educativa, não há uma acção consistente a respeito desta problemática “sendo simplesmente uma retórica politicamente correcta” (Araújo e Henriques 2000:142), que pode ser explicitada pela “ausência de actos legislativos” (ibidem: 143), e pela “ausência de participação sistemática dos organismos ministeriais em acontecimentos ligados a esta problemática” (ibidem:145), entre outros aspectos.

Assim, apesar de haver indicações estatísticas de um maior sucesso escolar feminino, lembre-se o que as autoras Henriques e Pinto sublinham a propósito da necessidade de não partilhar visões branqueadoras em relação às desigualdades de género no sistema educativo:

³ A colecção dos Cadernos Coeducação é constituída por dez cadernos, de diferentes autoras/es, e que se encontram traduzidos numa, duas linguas ou mesmo três linguas - espanhol, francês, italiano e inglês. São os seguintes: *Coeducação e Igualdade de Oportunidades*, *Milieus Scolaires et Questions de Genre: elements de reflexion pour la pratique d'enseigner*, *Identidad y Género en la Prática Educativa*, *A Narrativa na Promoção da Igualdade de Género. contributos para a educação pré-escolar*, *Orientamento e Identità di Genere. la relazione pedagogica*, *Criatividade na Coeducação. uma estratégia para a mudança*, *Linguagem, Poder, Educação: o sexo dos B,A,Bas*, *Estereótipos de Género*, *Des-fiar as vidas*, *Perspectivas Biográficas*, *Mulheres e Cidadania*, *Educação para a Cidadania*.

“importa praticar em relação ao sistema educativo uma hermenêutica da suspeita e não nos deixarmos levar pela ilusão das aparências de que, pelo facto de mulheres e homens terem igual acesso ao mesmo tipo de educação e frequentarem conjuntamente os mesmos espaços educacionais, se resolveram, realmente, as tradições milenárias e os mitos fundadores das nossas estruturas e representações existenciais (...) convém encontrar um modelo de análise e de intervenção que vigie o processo educativo, de tal modo que seja possível assegurar a sua contribuição para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, mais democrática nas raízes do seu funcionamento ... através do reconhecimento e da aceitação da alteridade” (Henriques e Pinto 1999:26).

iii) modalidades de transmissão de género e cultura escolar

A temática da transmissão de estereótipos através de manuais de aprendizagem conta com a publicação de vários trabalhos sobre os manuais de aprendizagem no ensino, possivelmente a que mais tem sido investigada em Portugal. Assinalem-se os trabalhos de Fátima Bivar (1975), Anne Marie Fontaine (1977), Ivone Leal (1979), Isabel Barreno (1985) que, tanto a nível do ensino básico como ao nível do secundário, põem a descoberto as imagens tradicionais, os estereótipos, a existência de relações assimétricas de género que transmitem. Os estudos mais recentes como os de Fernanda Henriques (1994), de Paulo Fonseca (1994), de M. Jesus Martelo (1999) mostram que, na elaboração de manuais escolares, se mantém muitas das imagens mais conservadoras e estereótipos tradicionais que não dão conta da mudança social e da presença feminina em actividades não tradicionais e a existência de expectativas diferentes de há décadas atrás, e que assim são dos exemplos mais visíveis de um processo com fortes implicações para uma igualdade de oportunidades que falta realizar.

Esta é uma área importante, quando se equaciona a realização da igualdade de oportunidades na escola, e constitui uma das áreas de intervenção política necessária, com várias iniciativas tomadas pelo poder central, ainda que depois faltem as actuações consequentes (cf. Pinto 2000b). As sucessivas denúncias e comprovações trazidas pelos estudos já realizados parecem não

ter grandes efeitos. Trata-se de obras de pouca divulgação? Visivelmente, parece haver pouca disponibilidade e sensibilidade trabalhada para considerar a importância destas questões e do seu papel para uma maior igualdade de oportunidades.

iv) feminismo e educação

As perspectivas feministas em Portugal sobre a educação tem vindo a exprimir-se com mais visibilidade que há anos atrás, ainda que possa existir alguma indefinição, entre estudos sobre as mulheres, estudos sobre o género e estudos feministas e a educação. Apesar dessa indefinição, poderá dizer-se que estas três “opções” partilham não só uma esperança de que os processos educativos possam contribuir para uma mudança social em direcção a um aprofundamento da igualdade de oportunidades - não se ficando pois por uma retórica da igualdade de oportunidades de acesso - mas também possam perceber e aproveitar da especificidade dos processos educativos das raparigas, em relação aos dos seus pares masculinos, na construção das preocupações escolares, em termos de cultura escolar, de conhecimentos considerados socialmente válidos, de formas pedagógicas preferenciais, etc.

O trabalho de Maria José Magalhães inscreve-se nas preocupações de identificar os discursos feministas sobre educação, nas últimas décadas em Portugal, na base de uma reflexão sobre as implicações dos debates produzidos no seu âmbito e ainda “as formas pelas quais a educação, em geral, e o sistema educativo em particular, reproduzem, mantêm e/ou contestam a subordinação das mulheres, mostrando os mecanismos através dos quais se faz, por um lado, a exclusão ou negação do género feminino e a interiorização de um destino objectivo de género, e por outro, a luta pela construção do género feminino como sujeito social” (Magalhães 1998:5; cf. ainda Magalhães *et al.* 1997). A “ordem masculina” na escola e a identificação de diferentes estratégias feministas de pensar e intervir no campo da educação - as “estratégias feministas degenderizadoras”, “estratégias centradas nas mulheres” e “estratégias de conscientização”, seguindo as propostas conceptuais de Madeleine Arnot, e também de Paulo Freire - são desenvolvimentos importantes do seu trabalho. A sua obra tem ligações estreitas com temáticas anteriores sobre modalidades de transmissão de género nos manuais de aprendizagem escolar, sobre a cultura escolar,

sobre as ideologias educativas, sobre questões ligadas com a concretização da igualdade de oportunidades de sucesso educativo e social, etc..Creio que a obra constitui um marco muito particular pela sistematização e reflexão trazidas sobre as intervenções feministas na educação e a que a autora tem vindo a imprimir um novo direccionamento (Magalhães 2001).

v) culturas juvenis, educação e género

As culturas juvenis têm sido pesquisadas não necessariamente dentro de um campo educativo, ou com relações directas a este. No entanto, a categoria de jovens, até pelas expectativas que mobiliza sobre os percursos de vida de grupos etários específicos, reenvia-nos parcialmente para os espaços da educação e da formação. Referir culturas juvenis não significa, no entanto, que se esteja a acentuar uma homogeneidade: vários estudos publicados já, entre nós, enfatizam que a idade não é mais influente que classe social, e por isso se falará de culturas juvenis e não de cultura de juventude (cf. Pais 1993). Esta heterogeneidade só mais recentemente reviu criticamente um pretenso universal neutro que, ao estudar as culturas juvenis, focou sobretudo rapazes de grupos sociais específicos, tomando as culturas de raparigas como inexistentes ou apenas em consonância instrumentalizada pelos pares maculinos (cf. estudos de Wills 1977, 1991 e de Pais 1993; vejam-se as críticas de McRobbie 1991 a Willis, que reúne vários artigos de polémica com aquele autor, pouco depois da publicação do seu livro no final dos anos 1970).

Dois estudos recentes publicados em Portugal são aqui uma referência: o de Teixeira Lopes (1996) *Tristes Escolas* e o de Laura Fonseca (2001) *Culturas Juvenis, Percursos Femininos*.

Em relação ao primeiro estudo, as relações de género estão presentes, ainda que não de forma central. Assinala a diversidade das “práticas culturais estudantis que se pautam por uma assinalável diversidade, hierarquizando-se de formas múltiplas consoante variáveis como a classe social de pertença, o sexo” (...) “para devolver, sem intuítos reducionistas, a multiplicidade de identidades juvenis estudantis a uma constelação de distintas condições objectivas de existência” (1996:26). As práticas diferenciadas por género são referenciadas como a existência de “uma flagrante persistência de um modelo assimétrico de divisão sexual do trabalho penalizador das mulheres” e de um “controle

familiar sobre os tempos livres das raparigas (...) muito mais apertado em meios rurais” (1996:40-41). Pode depois concluir que

“as escolas do Porto vivem-se no feminino e no masculino. Elas e eles aparecem divididos em territórios distintos, onde as conversas são diferentes como a água o é do vinho. Porque, apesar da visibilidade mista da composição da população escolar, mantém-se estereótipos ancestrais, fortemente radicados na socialização primária e nos processos de construção sociocultural do género, bem como nos factores segregacionistas da segmentação do mercado de trabalho, responsável pela interiorização de futuros profissionais possíveis” (ibidem:179).

Dois pontos críticos a este estudo poderiam ser apontados: uma maior centralidade das relações de género no estudo teria sido interessante, para visibilizar a desigualdade nos vários espaços, apesar do maior sucesso escolar feminino; não se pode também deixar de questionar uma interpretação avançada (e muito problemática, aliás feita de passagem) de que o maior sucesso escolar feminino se deveria “à [sua] acrescida dependência face às normas da cultura escolar”, sem discutir outras perspectivas interpretativas. Um estudo com algumas semelhanças com este é o de Stoer e Araújo (1992,2000), onde culturas femininas e masculinas na escola e na comunidade envolvente são focadas, mostrando a assimetria de poderes que sobre cada um destes grupos se exerce, em particular pela família. As raparigas, na sua generalidade, são alvo de um controlo apertado, com quem se conta como um recurso para as actividades domésticas e do campo, enquanto os rapazes, depois dos 14 anos, aparecem, com outra mobilidade e autonomia, na frequência do café, na utilização da mota, à procura dos seus sonhos. Os sonhos delas vivem-se mais no que já foi denominado de “cultura do quarto”, onde a leitura de livros ou a audição de música preenchem algumas das suas aspirações.

O outro estudo enunciado, o de Laura Fonseca (2001), diferentemente de *Tristes Escolas*, toma as relações de género como centrais, em particular sobre percursos e culturas juvenis femininos, justificando este foco sobre as raparigas “para que não tenham uma atenção periférica, como tem acontecido em muitos estudos” (Fonseca 2001:2). Há um lugar muito central prestado às subjectividades e à produção de vozes de raparigas de classe trabalhadora vi-

